

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
SOCIEDADE DE PSICODRAMA DE SÃO PAULO
COORDENADORIA GERAL DE ESPECIALIZAÇÃO, APERFEIÇOAMENTO E
EXTENSÃO – COGEAE

MÔNICA REGINA PEREIRA TEIXEIRA.

O GRUPO COMO PROMOTOR DE MUDANÇA E CRESCIMENTO NO PAPEL DE
AGENTE COMUNITÁRIO:
uma perspectiva Sociopsicodramática na Pastoral da Sobriedade.

SÃO PAULO
2012

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
SOCIEDADE DE PSICODRAMA DE SÃO PAULO
COORDENADORIA GERAL DE ESPECIALIZAÇÃO, APERFEIÇOAMENTO E
EXTENSÃO – COGEAE

MÔNICA REGINA PEREIRA TEIXEIRA.

O GRUPO COMO PROMOTOR DE MUDANÇA E CRESCIMENTO NO PAPEL DE
AGENTE COMUNITÁRIO:
uma perspectiva Sociopsicodramática na Pastoral da Sobriedade.

Monografia apresentada ao curso de formação em Psicodrama do convênio SOPSP-PUCSP, como exigência parcial para a obtenção do título de Psicodramatista nível I, sob a orientação da Profa. Dra. Marília Josefina Marino- foco socioeducacional.

SÃO PAULO
2012

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Marília Josefine Marino

Profa. Maristela Teixeira Gasbarro

Profa. Maria Célia Malaquias

Agradecimentos

A Deus, por ter me concedido amorosamente, todos os meios e oportunidades ao longo do caminho até aqui.

A minha mãe, que me ensinou a importância da fé e da busca do conhecimento.

A minha família, pela paciência nos momentos tensos, incentivo nos momentos de dúvida e acolhida nos momentos de fragilidade.

Aos meus professores, com eles e através deles, descobri novos saberes.

A minha orientadora e mestra, a Profa. Dra. Marília Josefine Marino, minha eterna gratidão pelo carinho, zelo, dedicação e disponibilidade. Com ela, tive a oportunidade de aprender muito.

A psicodramatista e minha supervisora Maria Lúcia Narciso Russo, através dela conheci e fiz minha opção pelo Psicodrama.

Aos meus amigos de curso, por colaborarem com o meu aprendizado.

De modo especial a Suzi Meire Paes, companheira de caminhada, pela amizade e colaboração.

RESUMO

O presente trabalho busca, à luz do Sociopsicodrama, estudar os fenômenos inter-relacionais que se dão num pequeno grupo de agentes sociocomunitário vinculado à pastoral da Igreja Católica e explicitar como esse grupo aciona a mudança e o crescimento individual. Como pesquisa qualitativa na modalidade interventiva, trabalhou-se com a descrição de seis protocolos, resultado dos encontros realizados com o grupo e que se constituíram como possibilidades interativas, desencadeando evolução da sociodinâmica e o surgimento de uma nova postura no papel de agente sociocomunitário. A pedagogia moreniana trouxe um novo alento ao pequeno grupo, posto que a esperança e a integração da força de trabalho conjunta, que antes não era percebida pelo grupo, puderam ser vivenciadas. Os métodos: Sociodrama, Axiodrama e Jogos Dramáticos proporcionaram ao grupo o experimentar de novas situações através das dramatizações, a cocriação de uma nova postura no papel de agente sociocomunitário, o refletir sobre os significados da própria cultura e a conscientização de que é possível mudar sempre. Nos desdobramentos dos encontros poderemos observar a importância do grupo com suas forças atuantes, seus movimentos, possibilidades de troca de experiência e estimulação, enquanto ambiente facilitador e promotor dessas mudanças.

Palavras-chave: Sociopsicodrama, Grupo, Educação não formal, Mudança, sociodinâmica, Agente sociocomunitário.

ABSTRACT

The present paper intends, through the Socialpsycodrama, to study the interrelational phenomenon that happens in a small group of socialcomunitary agents engaged to the pastoral of the Catholic Church and to explicit how this group acts in order to change the individual growth. As a qualitative research, in the interventive modality, it was worked with the description of six protocols, result of the meetings which were made with the group and that was constituted as interactive possibilities, resulting in the evolution of the social dynamic and the birth of a new posture in the role of the social agent. The moreniana pedagogy brought a new perspective to the small group, due to the hope and the integration of the strength of a work in partnership, that before was not realized by the group, could be lived. The methods: Socialdrama, Axiodrama and Dramatic Play provided to the group to experience new situation through the role play, the co-creation of a new posture in the role of the socialcomunitary, to think about the meaning of the own culture and to be aware that always is possible to change. During the meetings is possible to observe the importance of the group with its strength action, its movements, possibilities of experience exchange and stimulation, as a propitious environment and promoter of these changes.

Key Words: Socialpsycodrama, Non-formal Education, Group, Social comunitary agent, Changes, socialdynamic.

SUMÁRIO

I. INTRODUÇÃO	8
1. Da minha trajetória pessoal-profissional ao tema da monografia	8
2. Problemática e Justificativa.....	10
3. Objetivos	11
3.1. Geral	11
3.2. Específicos.....	11
4. Estrutura do Trabalho	11
II. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	13
1. Projeto Moreniano	13
1.1. História.....	13
1.2. Apresentação da Socionomia.....	25
1.3. Conceitos chave para este trabalho	26
2. Saúde – Dependência e Codependência.....	43
2.1. Dependência.....	44
2.2. Codependência.....	46
3. Pedagogia Social e Psicodrama	47
III. FUNDAMENTAÇÃO METODOLÓGICA	53
1. Natureza da Investigação	53
2. Contexto	54
3. Sujeitos.....	56
4. Cuidados Éticos.....	57
5. Métodos.....	57
6. Arquitetura do Trabalho Sociopsicodramático	58
6.1. Contextos.....	58
6.2. Instrumentos	59
6.3. Etapas.....	61
6.4. Técnicas Básicas	63
IV. O TRABALHO REALIZADO	65
1. O projeto.....	65
2. Os encontros.....	68
2.1. Primeiro Encontro – Conhecendo o grupo: dificuldades relacionais afloram	68
2.2. Segundo Encontro – Suavizando tensões.....	72
2.3. Terceiro Encontro – Percebendo os próprios limites	77
2.4. Quarto Encontro – Vislumbrando novas possibilidades.....	82
2.5. Quinto Encontro – Desejo de continuidade	88
2.6. Sexto Encontro – <i>Feedback</i> da primeira fase de encontros.....	93
2.7. Sétimo Encontro – Uma nova fase em construção	94
V. REFLEXÕES: ARTICULAÇÃO ENTRE TEORIA E PRÁTICA	99
VI. CONSIDERAÇÕES FINAIS	107
VII. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	109

I. INTRODUÇÃO

1. Da minha trajetória pessoal-profissional ao tema da monografia

Em certo sentido, escapa-me a compreensão do porquê e para quê dos acontecimentos e eventos da minha história. Parece óbvio que ao longo do caminho, somos influenciados por pessoas, fatos e circunstâncias, mas nossas escolhas não decorrem unicamente do resultado dessas influências.

Para a minha mãe era imprescindível à aquisição de conhecimento por isso apoiava incansavelmente a mim e aos meus irmãos na continuidade dos estudos. Depois do seu divórcio, mamãe trabalhou dobrado como auxiliar de enfermagem para manter o orçamento doméstico e a educação dos cinco filhos. Mesmo em meio a tantas dificuldades não admitia a ideia de que eu pudesse ajudá-la trabalhando fora, temia que o trabalho atrapalhasse os estudos.

Assim, em 1977, depois de muita insistência e ainda cursando o ensino médio, comecei a trabalhar na área hospitalar. Tratava-se de um hospital particular, conveniado ao SUS, e nessa ocasião realizava atividades de atendimento ao público acidentado do trabalho, que, em sua maioria, eram operários, pessoas simples, pais de família e com pouca escolaridade. Tocava-me profundamente vê-los privados de seus trabalhos, em dificuldades financeiras, pois, sendo operários sem especialização e aprimoramento, sujeitavam-se a baixos salários que, muitas vezes, eram insuficientes para um sustento digno. Dedicava-me a assisti-los da melhor forma, cuidando para que os processos administrativos do afastamento se dessem em menos tempo e com menos gastos possíveis, instruindo-os no que tinham a fazer e os incentivando para a busca de cursos gratuitos a fim de aprimoramento.

Em 1979, com o término do ensino médio e inclinada a seguir carreira docente, ingressei no curso de Magistério. O curso atendia em parte os meus anseios no que tange a formação do indivíduo desde a pré-escola até a 8ª série e conseguia suportar os custos. Minha escolha também possibilitaria a atuação em dois empregos simultâneos, o que ajudaria no orçamento de casa e com o futuro curso superior.

Com a conclusão do curso de Magistério em 1984, desliguei-me da área hospitalar e iniciei na rede pública de ensino como eventual, substituindo professores licenciados e participando dos programas de integração de alunos matriculados para a alfabetização.

Em 1985, já com 24 anos de idade, desejava cursar o nível superior e me inquietava a necessidade de escolha da área em que me graduaria.

A atuação em hospital, a convivência próxima e diária com profissionais dessa área me levaram a optar pela Biologia assim, no mesmo ano, iniciei a graduação que não tardaria a abandonar, em função de outra descoberta.

Minha opção pela Psicologia nasceu do grande interesse em compreender o outro. Com as palavras de hoje, resgato os sentimentos presentes já naquela época. Notava com assombro, as dores do mundo que me cercavam e ao mesmo tempo, acreditava que tanto a compreensão mais profunda do outro, quanto o seu acolhimento, me capacitariam a ajudá-lo de alguma forma.

O ser humano vive em constante processo de feitura e seu grande desafio é tornar-se “pessoa”, desvendar seu território, tomar posse de si mesmo e se disponibilizar para o outro. Aquele que está disponível estabelece relações e olhando para o outro descobre que não é o outro, porém, estamos todos como em teares, juntos. Os fios entrelaçados, compondo o todo do tecido. Antes, a solidão do eu, depois o encontro com o outro, estabelecendo a dimensão do “nós”.

A realidade do “nós”, o estabelecimento de vínculos e o conceito de conjunto, sempre me atraíram, mas foi o Psicodrama que efetivamente me trouxe a possibilidade de trabalho e atuação com grupos. Há alguns anos atrás antes da opção pelo Psicodrama, um colega consultor me pediu que avaliasse alguns candidatos à vaga administrativa de uma empresa multinacional e foi nessa ocasião que tive a primeira experiência profissional com grupos. A partir de então, inserida no âmbito organizacional, atuei nos processos seletivos de recolocação profissional no segmento de consultoria e depois, desde 2008, em Instituição educacional.

Nesta última, atuando em treinamento com um grupo de líderes, percebi que o compartilhar das experiências no contexto de trabalho, fizeram com que esses profissionais se apropriassem da necessidade de parceria e de troca. Interessada nas inter-relações, busquei aprofundar-me no conhecimento através de leituras relacionadas, dos processos e movimentos grupais a fim de me apropriar da sua influência e relevância no desenvolvimento individual.

Pelas mãos da minha Supervisora de trabalho, psicodramatista, as portas do Psicodrama se abriram para mim e finalmente pude fazer minha opção pelo curso.

O Psicodrama me possibilitou a abertura de novas frentes de atuação e nesse contexto, desde o final de 2011, venho atuando no grupo voluntário da Pastoral da Sobriedade, que atende dependentes e codependentes químicos, vinculado a igreja católica. Criada, em 1996, por iniciativa do Papa João Paulo II, a Pastoral da Sobriedade é uma ação concreta da Igreja Católica que visa à prevenção e recuperação da dependência química. No Brasil, as atividades começaram em 1998 com núcleos que funcionam como grupos de autoajuda, agindo conjuntamente e buscando integração entre todas as pastorais, movimentos, comunidades terapêuticas e casas de recuperação.

Sensibilizada com as questões sociais e, como psicodramatista, desejando atuar com grupos comunitários, busquei junto a Paróquia na qual frequento levar minha contribuição, optando por trabalhar com o grupo que assiste os dependentes e codependentes.

Dentro desse contexto a caminhada com esse grupo é que será trazida para o estudo neste trabalho de monografia, que tem como tema: *A relação entre a perspectiva sociopsicodramática e o processo de desenvolvimento pessoal-grupal.*

2. Problemática e Justificativa

Existe, nos dias de hoje, uma preocupação com a responsabilidade cidadã/social/voluntária e desde sempre a Igreja Católica se mobilizou para essa ação através das pastorais, por exemplo, a Pastoral da Sobriedade. Minha opção pela Pastoral da Sobriedade se deu em decorrência dos números alarmantes que vemos constantemente, através dos meios de comunicação, de dependentes químicos (por substâncias psicoativas ilícitas), que perdem a vida. Muitos deles são extremamente jovens e, segundo a Organização das Nações Unidas, o número é de até 270 milhões usuários de drogas ilegais entre 15 e 64 anos de idade.¹

A abordagem sociopsicodramática parte do pressuposto que o ser humano é um ser em relação. Sua constituição e seu desenvolvimento acontecem na trama relacional dos pequenos grupos de que faz parte.

¹ Vide site: artigos.psicologado.com/psicopatologia/saude-mental

Trabalhos realizados em diferentes contextos como: nas clínicas, nas empresas, nas escolas e nas comunidades, revelam a contribuição do sociopsicodrama para o desenvolvimento das pessoas, em situação de grupo.

A indagação que nos mobiliza é como se dá (ou como acontece) a inter-relação “pessoa-grupo”, considerando a realidade de agentes sociais comunitários que dão apoio a dependentes e codependentes químicos, vinculados ao programa da Pastoral da Sobriedade da Igreja Católica, em trabalho sociopsicodramático.

3. Objetivos

Do lugar de pesquisadora, que alia e considera as intervenções grupais como atos de investigação, o trabalho tem como objetivos:

3.1. Geral

Explicitar como se dá a inter-relação pessoa-grupo, no trabalho sociopsicodramático, desenvolvido com agentes sociocomunitários, no contexto de uma pastoral católica que articula educação e saúde.

3.2. Específicos

Estudar fenômenos inter-relacionais que se dão no pequeno grupo social, à luz do sociopsicodrama.

Compreender como o grupo aciona a mudança e o crescimento individual no contexto de um trabalho da Pastoral da Sobriedade, em relação a dependentes e codependentes químicos.

Contribuir com a produção sociopsicodramática, voltada para o trabalho de intervenções grupais na comunidade.

4. Estrutura do Trabalho

Este trabalho é semelhante a uma caminhada que empreendemos a fim de estudar os fenômenos inter-relacionais e grupais sob a ótica moreniana. Na introdução vimos a trajetória pessoal-profissional da autora, sua opção pelo curso Psicodrama e seu grande interesse nas inter-relações grupais, culminando na

atuação com grupos comunitários. No capítulo Fundamentação Teórica, prosseguiremos com a nossa caminhada, resgatando a história de Moreno com os seus quatro momentos criativos, o nascimento do Psicodrama, a conversão do teatro espontâneo para o teatro terapêutico, bem como a elaboração da Sociometria e a criação da Psicoterapia de Grupo. Em seguida, na obra moreniana, o enfoque incidirá na apresentação da Socionomia, nos conceitos chave e definições, passando pelo desenvolvimento humano na matriz de identidade, pelas implicações conceituais de espontaneidade-criatividade e realidade suplementar. Abordaremos os temas: grupo e seus movimentos, dependência, codependência e educação nos âmbitos formal e social.

No capítulo Fundamentação Metodológica, explicitaremos as características epistemológicas deste trabalho, nos apropriaremos das características do grupo pesquisado, do contexto em que se deu a pesquisa e dos métodos e instrumentos utilizados nas intervenções sociopsicodramáticas. No capítulo “O Trabalho Realizado”, veremos os relatos dos encontros com o grupo. Em “Reflexões”, retomaremos nossos objetivos e indagações, articulando teoria e práxis em cada encontro, possibilitando, assim, a compreensão da estrutura relacional do grupo e como se processa a mudança e o crescimento individual. Nas Considerações Finais, avaliaremos a caminhada, resgatando os desafios e as dificuldades encontrados na realização deste trabalho, mas, também, as compensações traduzidas pela superação e pelo aprendizado obtido. E finalizaremos com a apresentação das referências bibliográficas, seguidas dos anexos I e II, referentes ao Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e os 12 Passos da Pastoral da Sobriedade.

II. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

1. Projeto Moreniano

Para Jacob Levy Moreno (1889–1974), o criador do Psicodrama, do Sociodrama e da Psicoterapia de Grupo, o homem é um ser social porque nasce em sociedade, necessita dos outros para sobreviver e, portanto, deve ser compreendido a partir de suas relações interpessoais.

Toda a sua teoria, mais conhecida como “Psicodrama”, está embasada e tem como eixo principal a inter-relação entre as pessoas. Para investigá-la e ou estudá-la, Moreno criou a Socionomia, que significa o estudo das leis que regem o comportamento social e grupal. O Psicodrama é um dos métodos de trabalho, como veremos mais a frente. No entanto, neste trabalho, respeitando as referências mais conhecidas, usaremos a palavra Psicodrama (em maiúsculo), para nos referirmos à obra.

Interessado nos processos conscientes, Moreno, de maneira gradativa e através da exploração de alternativas variadas, desenvolveu métodos de averiguação e tratamento das inter-relações e correntes afetivas, levando em conta os fatores tempo presente e o aqui e agora.

Acreditava que uma pessoa podia mudar através do que chamava “*insight da ação*”, que consiste na experimentação e reexperimentação do comportamento, seguido da reflexão sobre ele.

Para Moreno, o homem nasce com a possibilidade de ser espontâneo e deixa de sê-lo a partir de influências recebidas tanto no contexto afetivo-emocional, quanto no contexto social. O prazer de nos sentirmos vivos e plenos surgirá do rompimento com padrões estereotipados de comportamento e valores, do resgate da espontaneidade-criatividade e da certeza de que somos agentes do próprio destino.

1.1 História

Na trajetória de Moreno, podemos distinguir quatro períodos ou momentos significativos e criativos. O primeiro se refere ao religioso e filosófico (em Viena até

1920) onde, sob a influência do Hassidismo – movimento religioso judaico – e das ideias de *Kierkegaard* e *Bergson*, cria o Seinismo (ciência vivencial do ser). Para Moreno, é um período de fé e religiosidade, de relacionar-se com Deus, de viver o amor fraternal e a simplicidade. Nesse período, Moreno publicou o poema “Convite ao Encontro” (1914), a revista “*Daimon*” (1917-1919) e o livro “As Palavras do Pai”(1928). Desse período também são as ideias: espontaneidade e criatividade.

O segundo período criativo se refere ao Teatral e Terapêutico (Viena, 1921 a 1924). Nesse momento, envolvido com atividades teatrais, Moreno funda o “Teatro da Espontaneidade” que, posteriormente, evolui para a descoberta do Psicodrama (O Teatro Terapêutico/Pedagógico), cujo protagonista se traz como autor no resgate da espontaneidade e criatividade. Em 1923, publica o livro “O Teatro da Espontaneidade”.

O Sociológico e Grupal (EUA, 1925 a 1941), consistiu no terceiro período criativo de Moreno. Nessa época, a tônica era a preocupação com o social e com a dinâmica dos grupos. As atividades de Moreno estavam relacionadas ao trabalho com jovens delinquentes em Hudson, a construção do Teatro Terapêutico em Beacon e atividades acadêmicas nas universidades de Columbia e de Nova York. As publicações da época foram os livros: “Quem sobreviverá?” (1934), traduzido para o espanhol como: “*Fundamentos de La Sociometria*”, e a revista *Impromptu* (1931). Cria a Sociometria como método que mensura e avalia as inter-relações grupais.

No quarto período criativo, o da Organização e Consolidação (1942 a 1974), Moreno estrutura e articula as suas ideias como método de psicoterapia, aceito pela comunidade científica. Suas atividades consistiram na sistematização do seu pensamento sob o título geral de Socionomia e nas fundações: *Moreno Institute*, *The American Society of Group Psychotherapy and Psychodrama* e o Departamento de Psicoterapia de Grupo na Associação Psiquiátrica Americana. As produções literárias desta época foram: “Psicodrama” (1946), “Psicoterapia de Grupo e Psicodrama” (1959) e “Fundamentos do Psicodrama” (1959) .

Para que uma obra seja entendida, é primordial explorá-la em sua essência, compreender como foi concebida, gestada e anunciada pela primeira vez.

O Psicodrama nasceu em abril de 1921, com uma sessão oficial em *Komoedien Haus*, um teatro dramático de Viena. No palco havia apenas uma poltrona vermelha, com espaldar alto parecido com um trono de rei e uma coroa dourada em seu assento (MORENO, 1984).

Moreno estava sozinho, seu elenco era uma plateia de mais de mil pessoas, formada por curiosos, representantes de estados europeus, de organizações religiosas, políticas e culturais, e sua peça, trazia como enredo os últimos acontecimentos da Viena pós-guerra, caótica, sem governo ou liderança estável.

Seu intento consistia em tratar e curar o público acometido de inquietação e revolta, efeitos daquele tempo conturbado; e se conseguisse persuadi-los a atuar como atores do próprio drama coletivo, a sessão aconteceria e com ela, a oportunidade de análise das relações, vínculos e preferências daquele público. Cada pessoa segundo o seu papel, políticos, militares, advogados, médicos escritores, etc. foram convidados a subir no palco, sentar-se no trono e atuar como governante, sem *script* prévio e diante de um público desprevenido. No entanto, ao fim do espetáculo, ninguém havia se considerado digno de assumir o governo. Na manhã seguinte, não obstante, as críticas da imprensa vienense e a perda de muitos amigos, Moreno pacificamente registraria: “Ninguém é profeta em sua própria terra” (1984, p. 50). E continuou com suas sessões perante assistências de países europeus e nos Estados Unidos.

O Psicodrama, não foi desenvolvido ou introduzido a partir de uma obra literária (o que ocorreu só posteriormente), mas a partir de inúmeras apresentações públicas ou sessões para grupos, conduzidas em ruas, jardins, teatros, unidades militares, prisões e hospitais.

A opinião pública não dissuadia Moreno, que persistia no sentido de suas metas. Ele mesmo afirmaria que tal persistência estaria permeada por profundas implicações pessoais. Conta-nos que viveu sua primeira sessão psicodramática “particular” quando contava com quatro anos e meio de idade.

Vivia com seus pais numa casa próximo ao Rio Danúbio quando numa tarde de domingo, vendo-se sozinho no porão da casa, na companhia de alguns filhos dos vizinhos, propôs a brincadeira de Deus com seus anjos. O porão estava vazio, com exceção de uma grande mesa de carvalho colocada no centro. Ele seria Deus e as outras crianças, seus anjos. Deveriam construir o céu e, para tanto, arrastaram todas as cadeiras que haviam na casa, colocando-as sobre a mesa e começando a construir um céu após o outro, atando todas as cadeiras umas às outras num nível e pondo mais cadeiras em cima daquelas até alcançar o teto. Ajudado pelas crianças subiu até atingir a cadeira mais alta, onde se sentou. As crianças andavam em redor da mesa ao mesmo tempo em que usavam seus braços como asas e cantavam. De

repente uma das crianças perguntou-lhe por que não voava? Ao tentar fazê-lo, despencou, caindo e fraturando o braço.

Analisando essa experiência, Moreno relatou ter sido ao mesmo tempo o diretor e o sujeito, e que o palco psicodramático em vários níveis e dimensão vertical pode ter sido idealizado a partir desse momento. Explica que o primeiro nível se refere ao nível da concepção, o segundo como nível de crescimento, o terceiro como o nível da completação e da ação e o quarto, o nível dos messias e dos heróis. Ponderou ainda que a sua queda, quando as crianças não aguentaram as cadeiras empilhadas, talvez tenha lhe ensinado a lição de que até mesmo o ser mais alto depende de outros (egos auxiliares), e que um paciente ator precisa deles para que possa atuar de modo adequado.

Como estudante, de 1908 a 1911, andava pelos jardins de Viena, reunia crianças e formava grupos para representações improvisadas. Era uma espécie de jardim de infância da revolução criativa, uma cruzada de crianças em prol de si mesmas, a favor da espontaneidade e criatividade. Moreno permitia-lhes brincarem de Deus se assim quisessem e começou a tratar dos problemas das crianças quando falhavam, como foi tratado quando quebrou o braço, deixando-as atuar de improviso.

Depois da brincadeira de Deus, da revolução nos jardins e da primeira sessão no Teatro de Viena, veio o teatro para a espontaneidade que se converteu depois, em teatro terapêutico (Viena, ano 1922). Aqui será relevante determo-nos a fim de entender como se deu essa passagem, e, nas palavras de Moreno, verificar como tudo aconteceu:

Tínhamos uma jovem atriz, Bárbara, que trabalhava para o teatro e também participou num novo experimento que eu havia iniciado, o jornal vivo e improvisado (anos, 1922 à 1925). Ela era uma atração principal por causa da sua excelência nos papéis de ingênua, heroicos e românticos.

Logo se evidenciou que ela estava enamorada de um jovem poeta e autor teatral, que nunca deixava de sentar-se na primeira fila, aplaudindo e acompanhando atentamente, cada uma de suas atuações. Desenvolveu-se um romance entre Bárbara e George e certo dia, o seu casamento foi anunciado. Entretanto, nada mudou; ela continuou sendo a nossa principal atriz e ele, por assim dizer, o nosso principal espectador. Um dia fui procurado por George, seus olhos usualmente alegres refletindo uma grande perturbação.

- Que aconteceu? – perguntei-lhe.
- Oh doutor, não posso suportar isso.
- Isto o que? Olhei-o inquisitivamente.

- Aquela criatura doce e angelical a quem vocês todos admiram, comporta-se como um ser endemoninhado quando está a sós comigo. Fala uma linguagem desabusada e quando me enfureço com ela, não hesita em esmurrar-me.

- Calma, - disse eu – Venha ao teatro como de costume e tentarei achar um remédio.

Quando Bárbara chegou aos bastidores do teatro, pronta para desempenhar um de seus papéis habituais de pura feminilidade, eu detive-a.

- Escute Bárbara, você tem-se portado maravilhosamente até agora, mas receio que esteja ficando muito rotineira. As pessoas gostariam de vê-la em papéis que retratem a vulgaridade e a estupidez da natureza humana, a sua realidade cínica, as pessoas não só como elas são mas piores do que são, as pessoas como se comportam quando são impelidas a extremos, em circunstâncias incomuns. Você gostaria de tentar isso?

- Sim – respondeu com entusiasmo – alegra-me que tenha falado nisso. Faz tempo que penso que eu devia oferecer ao nosso público, uma experiência nova. Acha que posso fazê-lo?

- Tenho confiança em você, - disse eu – Acabo de ler a notícia de que uma rapariga de *Ottakring* (um bairro pobre de Viena), prostituta de rua, foi atacada e assassinada por um estranho. Ele ainda está em liberdade e a polícia procura-o. Você é a rapariga. Este aqui (assinalando Richard, um dos nossos atores) é o apache. Preparem a cena.

Uma rua foi improvisada no palco, com um café e dois candeeiros. Barbara entra em cena. George estava em sua poltrona habitual, na primeira fila da plateia, muito excitado. Richard no papel de apache, saiu do café com Barbara e seguiu-a. Tiveram um encontro que logo se converteu em acalorada discussão. Era sobre dinheiro. De súbito, Barbara mudou de maneira de representar, totalmente inesperada nela. Praguejou como um soldado de cavalaria, agrediu o homem com os punhos e deu-lhe repetidos pontapés nas canelas. Vi George meio levantado em seu lugar, erguendo ansiosamente o braço na minha direção, mas o apache acabou por se enfurecer e começou perseguindo-a. Bruscamente, ele sacou de um bolso interior do paletó uma navalha (um apetrecho cênico) e continuou perseguindo a moça, cada vez mais perto dela, prestes a encurrala-la num canto. Barbara atuou tão bem que dava a impressão de estar realmente assustada. O público levantou-se gritando: “Parem! Parem!” Mas ele só se deteve depois que, supostamente a moça foi “assassinada”. Depois da cena, Barbara estava exuberante de alegria, beijou George e foram para casa em êxtase. Desde então, ela continuou representando esses papéis abjetos. George veio procurar-me no dia seguinte. Ele compreendeu imediatamente que se tratava de uma terapia. Barbara desempenhou empregadinhas domésticas, solteironas solitárias, esposas vingativas, noivas rancorosas, empregadas de bar e companheiras de marginais. George dava-me informações diárias. “Bem”, disse-me ele após algumas sessões, “algo está acontecendo a ela. Ainda tem acessos de mau humor em casa mas perderam a intensidade de antes. São crises mais curtas e, a meio delas, não é raro sorrir e, como ontem, recordar cenas semelhantes que representou no teatro. Ela ri e eu também rio, pois também me recordo. É como se cada um de nós visse o outro num espelho psicológico. As vezes, ela começa rindo antes de ter o

acesso de mau gênio, prevendo o que vai acontecer. Finalmente excita-se e acaba por ter o acesso, mas este carece da veemência habitual". Era como uma catarse derivado do humor e do riso. Continuei o tratamento, atribuindo-lhe mais cuidadosamente papéis, de acordo com as necessidades dela e dele. Um dia George confessou o efeito que essas sessões lhe causavam, quando as acompanhava atentamente e absorvia a análise que eu fazia depois. "Observando as suas apresentações no palco, sinto-me mais tolerante para com Barbara, menos impaciente". Nessa noite eu disse a Barbara o quanto ela havia progredido como atriz e perguntei-lhe se não gostaria de contracenar com George. Assim aconteceu e os duetos no palco que se apresentaram como parte do nosso programa oficial, pareciam-se cada vez mais com as cenas que ambos tinham diariamente em casa. Gradualmente retrataram a família dela e a dele, representaram cenas da infância, seus sonhos e planos para futuro.

Depois de cada representação alguns espectadores vinham procurar-me e perguntavam por que as cenas de Barbara e George os comoviam muito mais profundamente que as outras (terapêutica do público). Alguns meses depois, Barbara e George sentaram-se a sós comigo no teatro. Tinham-se encontrado a si mesmos e um ao outro uma vez mais ou melhor, tinham-se encontrado a si mesmos e um ao outro pela primeira vez. Analisei o desenvolvimento do seu Psicodrama, sessão por sessão, e contei-lhes a história de sua cura. (MORENO, 1984, pp. 52-54)

O teatro para a espontaneidade transformou-se num lugar onde se reuniam descontentes e rebeldes psicológicos, o berço da revolução criadora entre 1922 e 1925. A partir daí e do livro "Teatro da Espontaneidade", Moreno inspirou-se no uso de técnicas lúdicas (*play techniques*) para criar a terapia de representações espontâneas, a psicoterapia de grupo e a aprendizagem de papéis; métodos esses que muitos psicanalistas e educadores, assimilaram gradativamente em seus trabalhos.

Moreno atribui a si mesmo a indicação do caminho para o tratamento de grupos não-transferenciais, crianças e psicóticos, desenvolvendo sistematicamente a representação lúdica como princípio terapêutico. Referindo-se à Psicanálise, assinalou as duas faltas cometidas pelo seu criador: primeiro a rejeição da religião, perdendo a oportunidade de conhecer de um modo existencial, a contribuição dada pelos santos e profetas à psicoterapia e, segundo, a indiferença para com os movimentos sociais, deixando de estudar a estrutura grupal.

Historicamente, o Psicodrama representa o ponto culminante na passagem do tratamento do indivíduo para o tratamento do indivíduo em grupos; do tratamento do indivíduo por métodos verbais para o tratamento por métodos de ação. É uma

combinação da catarse individual com a coletiva, da catarse de participação com a de ação.

O conflito entre o indivíduo e o grupo ganhou uma nova versão, a revolução criativa, iniciada com uma reavaliação do sistema de valores, enfatizando particularmente a sobrevivência do homem, enquanto agente criador.

O Psicodrama apresentou-se como uma resposta à crise axiológica. Sofreu várias resistências e críticas por tratar problemas particulares em público, experiência de caráter íntimo, fundamento básico da identidade individual e que, portanto, não poderia ser confiada ao grupo. O indivíduo é solicitado a encarar a verdade de que suas experiências não são “suas”, mas uma propriedade psicológica pública.

As pessoas e os costumes europeus, em que a psicologia se iniciou, eram reservados e, por conseguinte, as linhas de tratamento tinham que conter características restritivas e reservadas. A psicoterapia foi, em grande parte, uma batalha de palavras e a ação sugeria perigo, dado que poderia facilmente resultar em anarquia.

Mas o medo da ação manteve os europeus inflexíveis e despreparados, e quando se romperam as comportas de segurança, nas formas de revoluções sociais, foram pegos de surpresa. Se tivesse existido certa liberdade à espontaneidade das massas, por meio da permissão de milhões de pequenos atos de pouca importância, as grandes tensões coletivas poderiam ter sido expurgadas, e as principais revoluções acontecidas não teriam sido irrompidas. Isso teria significado a Sociometria e o Psicodrama empregados como preventivos e inversões das técnicas fascistas, pelo tratamento terapêutico das massas (MORENO, 1984, pp. 55-60).

Ainda que Moreno tivesse conseguido de certa forma se estabelecer na Áustria, definitivamente não conseguia sentir-se a vontade, nem tão pouco obteria grande sucesso. Atuava cada vez menos como médico, suas dívidas acumulavam e o suicídio de um paciente o deixou perplexo e isolado. Nesse contexto, decidiu emigrar para os Estados Unidos em dezembro de 1925. Os cinco primeiros anos em “novas terras” foram extremamente difíceis. Estava sem dinheiro, falava muito pouco o idioma inglês, lutava para conseguir um visto temporário que era dificultado, em decorrência das tensas relações políticas entre os Estados Unidos e a Áustria. Somado a isso, não podia trabalhar como médico, pois não possuía o certificado do estado de Nova York (MARINEAU, 1989, pp. 103-109).

Enquanto aguardava os papéis necessários para a petição do certificado médico, Moreno encontrou o Dr. Bela Schik (o criador do teste para a imunidade de difteria) e com a sua ajuda pode realizar um trabalho na clínica infantil do Hospital Monte Sinai. Eventualmente, realizava apresentações de trabalho de espontaneidade com as crianças, atraindo a atenção e o interesse do hospital.

Em janeiro de 1927, prestou o exame para a obtenção do certificado, porém, em decorrência das dificuldades com o idioma inglês, fracassou no exame de ginecologia. Fez o exame novamente em março do mesmo ano e dessa vez, concederam-lhe o certificado, podendo assim abrir o seu consultório e o visto temporário que deveria ser renovado, após um ano. Nessa época Moreno conheceu Beatrice Beecher, neta de Henry W. Beecher, famoso evangelista de Nova York. Beatrice dava conferências no Hospital Monte Sinai sobre Psicologia Infantil quando conheceu e se interessou pelo trabalho de espontaneidade de Moreno. Ofereceu-se para se casar com ele a fim de ajudá-lo na obtenção da condição de imigrante. Assim, em 1934, tornou-se um cidadão americano.

No final de 1927, novas perspectivas surgiram e Moreno começou a dar conferências e a fazer apresentações do trabalho de espontaneidade nas escolas, igrejas, universidades e finalmente fundou o Teatro do Improviso (o termo improviso ao invés de espontâneo foi aconselhado pelo professor de locução e literatura inglesa, Bridge). Foi no Teatro do Improviso que Moreno encontrou Helen H. Jennings, que se tornaria colaboradora na publicação de seu livro *Quem Sobreviverá?* e de inúmeros outros projetos.

Como sede do teatro do improviso, foi escolhido o Carnegie Hall, de localização central e adequada ao novo empreendimento. Embora já tivesse muita experiência com o teatro do improviso desde seu trabalho na Áustria, faltava a Moreno fluência no idioma inglês, por isso, decidiu começar modestamente com seu grupo, trabalhando internamente por algum tempo, antes de fazer sua primeira apresentação pública em 1931. Começou trabalhando (tal qual fazia em Viena) com crianças em escolas, estabelecendo um teatro do improviso, e ensinava atores e atrizes consolidados, utilizando novos métodos.

Embora houvessem dificuldades, esses cinco anos foram como uma espécie de “aquecimento” americano para os próximos e mais criativos anos de sua vida. Os anos seguintes foram significativos e de grande produtividade. Finalmente

conseguiu sucesso profissional através da síntese dos vários aspectos de sua filosofia.

A filosofia moreniana não pode ser entendida sem referência a sua obra literária mais significativa, o livro “As palavras do Pai”. Este livro compreende a essência de seu ensinamento a respeito da espontaneidade e criatividade. A ênfase é colocada no indivíduo e sua expressão através de seus recursos espontâneos e criativos, num mundo onde cada pessoa é parte de um grupo ou entidade social. Uma filosofia de vida que foca o crescimento do indivíduo no grupo e através do grupo.

Em 1941, traduziu “As palavras do Pai” para o inglês, conferindo à Sociometria e ao Psicodrama a base que carecia.

Nos Estados Unidos, Moreno desenvolveu suas ideias em duas direções: a Sociometria e o Psicodrama. Organizou a Sociometria nos contextos da Sociologia, da Antropologia e da Psiquiatria Social, ao passo que as “técnicas” do Psicodrama, foram elaboradas com vistas aos trabalhos no campo da saúde mental. Outra direção em que Moreno desenvolveu suas ideias foi a psicoterapia de grupo.

O ano de 1932 foi fundamental para Moreno. Após ter realizado um estudo qualitativo e quantitativo das inter-relações com um grupo de prisioneiros na Prisão de Sing Sing, apresentou suas conclusões, marcando o início da psicoterapia de grupo, pela qual é reconhecido.

As pesquisas com a sociometria aplicada significou uma nova abertura no campo do diagnóstico e terapia (MARINEAU, 1989, pp. 109-121).

A partir da experiência de Sin Sing, Moreno foi convidado a dirigir uma pesquisa na escola para moças do estado de Nova York de 1932 à 1934. Rapidamente, Moreno construiu mapas ou sociogramas, com as descrições das interações sociais desejáveis e unidades mais operativas, indo mais além da Sociometria. Empregou o desempenho de papéis (*role-playing*) e o Psicodrama para mudar as atitudes e o comportamento das moças. Isso criou uma revolução que logo atingiu outras áreas e instituições. Nascera o aprendizado através do desempenho de papéis e o uso sistemático do Psicodrama e da Psicoterapia de Grupo.

O livro “Quem Sobreviverá?” foi publicado em 1934, e foi considerado por Moreno como a bíblia da Sociometria. Este livro contém achados de pesquisa relativos a ciência de mensuração de grupos e de reagrupamento da comunidade, extraídos da pesquisa em Hudson. Seu fundamental intento é firmar a nova ciência,

a Sociometria, cujo foco é o estudo matemático das propriedades psicológicas decorrentes da análise quantitativa e qualitativa.

O livro atraiu os sociólogos para o campo das discussões psicológicas e ajudou a lançar a *Sociometric Review* (Revista Sociométrica), em 1936, e o periódico *Sociometry*, em 1937. Moreno tinha muito de fundador e, nesse sentido, empenhou-se usando seu talento na fundação de periódicos profissionais, associações e institutos. Por exemplo, houve um periódico fundado em 1931, *Impromptu* (Improviso), que despertou muito interesse pelo teatro espontâneo, embora tenha sido publicado apenas duas vezes. Não obstante algum tempo depois, Moreno abandonaria o terreno do teatro quase que completamente para se concentrar mais na Sociometria e Psicodrama.

Diferentemente dos outros periódicos, o *Sociometry: A Journal of Interpersonal Relations* (Sociometria: Um Jornal de Relações Interpessoais), deu a Moreno a oportunidade especial de publicar suas pesquisas e divulgar suas teorias. A revista que foi publicada até 1955 e transferida para a Sociedade Sociológica Americana, mostrava artigos sobre a elaboração dos testes, do aprendizado da espontaneidade e a história do movimento sociométrico.

Por volta do ano de 1936, Moreno realizava pesquisas em Hudson, dava aulas na universidade e fazia experiências com o teatro do improviso. Mesmo com muitas atividades seu espírito incansável sentia a necessidade de um lugar sobre o qual tivesse total controle. Viu-se num dilema: continuar praticando psicoterapia dentro dos moldes e ditames das instituições ou criar um novo centro, a partir do qual suas ideias pudessem ser difundidas para o mundo. Assim, Moreno fundou o pequeno hospital psiquiátrico, Hill Sanatorium, rebatizado anos depois de Moreno Sanatorium (1936), na pequena cidade de Beacon, junto ao rio Hudson, que se tornaria uma “escola de formação”.

Beacon começou a funcionar como uma comunidade terapêutica, recebendo pacientes, casos difíceis e rejeitados por outros psiquiatras, e outras pessoas (não pacientes), que encontravam no lugar, possibilidades para explorar seus conflitos, ideias uns dos outros e ideais de vida. O sanatório assemelhava-se a uma ampla comunidade, reunindo pessoas, pacientes ou não, numa filosofia de relações interpessoais. Espontaneidade, criatividade e encontro eram as palavras-chave e as dramatizações centravam-se no interesse dos estudiosos e pacientes.

Moreno estava praticando psicoterapia e, mais precisamente, psicoterapia de grupo. No teatro de Beacon, o Psicodrama começou a ter vida própria com o uso sistemático de egos auxiliares e um diretor orientando o “protagonista”. Assim, o Psicodrama se tornou um meio de as pessoas explorarem suas vidas ou sua “verdade” (MARINEAU, 1989, pp. 131-141).

A medida que Moreno sistematizava o Psicodrama com sua concepção de cura, Beacon foi se tornando cada vez mais importante e adquirindo fama no mundo inteiro.

Moreno e sua esposa Zerka publicaram o primeiro ensaio sobre os princípios de uma sessão psicodramática por volta de 1942, estabelecendo três partes: o aquecimento, a dramatização e o compartilhamento, incluindo um protagonista, egos auxiliares, diretor e o público. As técnicas mais importantes eram: a inversão de papéis, o duplo e o espelho.

Também, em 1942, inaugurou os Institutos Sociométricos e Psicodramáticos em Nova York, onde aconteceram apresentações públicas e aulas. Os institutos, como Beacon, configuraram-se laboratórios excepcionais e campo de aprendizagem para centenas de futuros profissionais psicodramatistas.

Em 1941, o Hospital *Saint Elizabeth*, de Washington, inaugurou seu teatro de Psicodrama e tornou-se o primeiro hospital público a utilizar o Psicodrama como proposta de psicoterapia de grupo e na formação de outros psicodramatistas.

Para garantir a difusão da Sociometria, Moreno optou por estabelecer uma seção na Sociedade Sociológica Americana, possibilitando seu reconhecimento e acesso a um público mais vasto. Para o Psicodrama, em decorrência da grande oposição encontrada nos psiquiatras, Moreno decidiu criar uma associação separada. Assim, em 1942, criou a Sociedade de Psicodrama e Psicoterapia de Grupo, que, em 1950, foi incorporada à Sociedade Americana de Psicoterapia de Grupo e Psicodrama.

A sociedade tornou-se o principal fórum para os psicoterapeutas de orientação moreniana e para os psicodramatistas. Era o braço institucional de uma nova ciência e um novo campo de trabalho; era o local onde se investigava especialmente o Psicodrama como novo método terapêutico.

Moreno era um homem de ação. Peregrinou pelo mundo para transmitir as suas ideias. Dedicou-se ao estabelecimento do Comitê Internacional para

Psicoterapia de Grupo e de duas outras associações: A Associação Internacional de Psicoterapia de Grupo e a Associação Internacional de Psicodrama.

A medida que o Psicodrama foi se popularizando, tornou-se premente a necessidade de encontros internacionais de caráter mais formal. Em 1961, Moreno criou a Academia Mundial de Psicodrama e Psicoterapia de Grupo, que tinha o objetivo de integrar e credenciar institutos fora dos Estados Unidos e coordenar congressos internacionais.

O primeiro Congresso Internacional aconteceu em Paris no ano de 1964, reunindo especialistas e profissionais do mundo inteiro para compartilhar experiências e estimular pesquisas.

Durante a sua vida, Moreno presenciou a difusão de suas ideias e métodos por todos os continentes.

No Brasil, o mais conhecido caminho do Psicodrama teve início, a partir de 1967, com a apresentação de um Psicodrama público, dirigido por Rojas Bermudez, médico colombiano, durante o V Congresso Latino Americano de Psicoterapia de Grupo realizado em São Paulo.

Mesmo em uma época conturbada, de contexto ditatorial, o Psicodrama chegou quebrando tabus e estruturas, transformando as relações familiares, individuais e terapêuticas. Não tardaram surgir os primeiros grupos de formação que, em dois meses, triplicaram.

Em 1970, foi realizado, em São Paulo, o V Congresso Internacional de Psicodrama e o I Congresso Internacional de Comunidade Terapêutica, possibilitando a apresentação do Psicodrama ao público. Foi realizado no Museu de Artes de São Paulo, na av. Paulista, com mais de três mil inscritos de diferentes áreas.

O congresso revolucionou e transformou-se num divisor de águas, no sentido de enfrentamento posto que, até então, o domínio era Psicanalítico no contexto das psicoterapias (CESARINO, 1999, pp. 35-48).

Em 1975, fundou-se a Federação Brasileira de Psicodrama (FEBRAP), reunindo as entidades de formação, que começaram a se multiplicar pelo Brasil.

Desde então, vemos um movimento crescente do Psicodrama no Brasil, seja na grande quantidade e variedade de produção literária, seja nas reuniões abertas (oferecidas ao público), nos trabalhos com as comunidades, nos ambulatórios com grupos de psicóticos, na educação, etc.

1.2. Apresentação da Socionomia

Retomamos nesse momento a Socionomia, denominação mais geral da obra criada por Moreno, como um sistema de estudo investigativo das “leis” que regem as manifestações do comportamento social e grupal.

Assim, a Socionomia permite uma constante busca da explicitação dos fenômenos relacionais, possibilitando intervenção nos sistemas e na continuidade da vida em processo de desenvolvimento.

A Socionomia possui três grandes ramificações, a saber: a Sociodinâmica, a Sociometria e a Sociatria.

- **Sociodinâmica:**

Visa estudar o funcionamento ou dinâmica das relações interpessoais, utilizando o método do *Role Palying* ou jogo de papéis, que permite ao indivíduo atuar dramaticamente em diversos papéis, resgatando, assim, a espontaneidade e criatividade.

No foco socioeducacional, no qual nos incluimos, a proposta do *Role Playing* ocorre mais frequentemente no desenvolvimento do papel profissional e outros devidamente contratados, quebrando as conservas culturais na forma de padrões de comportamento cristalizados.

- **Sociometria:**

Objetiva mensurar as relações entre as pessoas e, para tanto, quantifica as relações através do método denominado teste sociométrico. Sua proposta precisa ser criteriosa, observando todas as etapas que vão desde as escolhas positivas, negativas e indiferentes de cada membro de grupo, passando pelas justificativas dessas escolhas (o porquê da escolha), até a elaboração do sociograma que é a síntese gráfica das congruências e incongruências das escolhas dos indivíduos.

Constatadas as escolhas, segue-se o confronto e a clarificação entre os participantes, culminando na elaboração individual e grupal dos conteúdos.

A supressão de etapas na aplicação poderá eliciar crises grupais e ou dificuldades para elementos do grupo (GONÇALVES et al, 1988).

- **Sociatria:**

Designada a terapêutica das relações, tem como métodos a Psicoterapia de Grupo, o Psicodrama e o Sociodrama. Para Moreno, a proposta desses três métodos possibilitaria o tratamento e a cura social de forma abrangente, custando-lhe a denominação da Sociatria como utópica.

A seguir, discorreremos sobre o Psicodrama e o Sociodrama como caminho de trabalho do socioeducador.

O Psicodrama, método mais conhecido da teoria moreniana, é definido como uma via de investigação da “alma” humana mediante a ação (do grego, drama), e intervém nas relações interpessoais, no contexto grupal e individual. Mobiliza, assim, para a vivência da realidade existencial, possibilitando a busca de alternativas e ampliando os recursos pessoais disponíveis.

O Sociodrama também tem a ação dramática como base que serve tanto para a expressão da realidade vivida nas relações interpessoais/grupais, como para a investigação e reflexão sobre determinado tema. Constitui-se, desse modo, um método de ação profunda, que investiga temas coletivos e conflitos intergrupais (MORENO, 1984).

O Axiodrama também é mencionado por Moreno como um método da Sociatria e podemos entendê-lo como um Sociodrama que investiga as questões dos valores.

1.3. Conceitos chave para este trabalho

Espontaneidade e criatividade, Papéis e Matriz de Identidade, A Dimensão Corpórea e a Matriz de Identidade, tele, coconsciente e coinconsciente, realidade suplementar e grupo.

A abordagem teórico-metodológica moreniana traz em seu bojo conceitos fundamentais que nos permitem entender os processos de desenvolvimento do homem, suas relações afetivo-emocionais, bem como, as influências que sofre por intermédio do ambiente ou sistemas sociais aos quais está inserido. Assim, conceitos como criatividade e espontaneidade, tele, matriz de identidade, coconsciente, coinconsciente, papéis e grupo, serão abordados conforme foram concebidos por Moreno, trazendo também a contribuição de alguns autores contemporâneos.

- **Espontaneidade e Criatividade:**

O significado literal da palavra espontaneidade, como aparece nos dicionários, é “naturalidade ou a facilidade com que alguma coisa se produz”*. Moreno concebeu o conceito focando o momento presente, ou seja, o aqui e agora e apresenta uma definição operacional:

A espontaneidade é a capacidade de agir de modo “adequado” diante de situações novas, criando uma resposta inédita ou renovadora ou ainda, transformadora de situações pré-estabelecidas. (GONÇALVES et al, 1988, p. 47)

Podemos, assim, compreendê-la como uma tendência natural do indivíduo, na qual as experiências são vividas de modo autônomo, livre de influências externas e de qualquer influência interna que ele não possa controlar. Cortês (2009), em suas considerações a respeito das argumentações de E. G. Martín, quando se refere a liberdade presente no ato espontâneo, lembra o sentido de responsabilidade mútua, contrapondo-se a liberdade desenfreada. Salienta a importância da liberdade construtiva que deve estar a serviço da reformulação do mundo, cooperando socialmente com outros seres humanos.²

Cabe aqui também, uma ressalva no que diz respeito ao termo “adequação” contido na definição operacional de espontaneidade, apresentada por Moreno.

Deve ser entendido como uma forma de ajustamento do homem a si mesmo e neste sentido, ser adequado ou espontâneo nas situações, significa procurar modificar os aspectos insatisfatórios nas inter-relações. Segundo Cortes (2009), quando se leva em conta o sentido de justiça em face dos acontecimentos históricos – por exemplo, os genocídios –, apesar da complexidade o termo adequação na espontaneidade, deve pelo menos aproximar-se do que chamamos de princípios éticos. Vista dessa forma, conclui que a adequação seria a resposta que confere soluções satisfatórias para todos os envolvidos, considerando que, quando as perdas são inevitáveis, deve haver um equilíbrio entre perdas e ganhos de todas as partes.

Moreno ainda nos mostra, que a espontaneidade não é apenas um processo que se dá isoladamente dentro da pessoa, mas consiste também num fluxo de

² Vide site Michaelis.uol.com.br

sentimentos e emoções na direção de uma outra pessoa (MORENO, 1984, p.132). Isso porque nossos pensamentos e ações se dão em função das inter-relações sociais e afetivas, ainda que não o façamos conscientemente. Mesmo que esteja afastado de fato do convívio com outros, o indivíduo agirá em função do que já experienciou, ou seja, da imagem que tem de si mesmo, do outro e de suas relações com este (GONÇALVES et al,1988).

Transformar uma situação ou empreender uma nova situação significa criar. A primeira característica de um ato criador é a espontaneidade, portanto, criatividade e espontaneidade são princípios inseparáveis uma vez que a primeira, permite ao potencial criativo atualizar-se e manifestar-se.

Segundo Moreno, num determinado momento no desenvolvimento infantil, a inteligência e a memória assumem a liderança, e os fatores espontaneidade e criatividade são forçados a uma situação de sujeição, ressurgindo depois entre a fantasia e a realidade. Por certo tempo parece ser capaz de fazer com que a inteligência, a memória e as forças sociais sejam subordinadas suas. Porém, finalmente, sujeitam-se aos estereótipos sociais e culturais dominantes e a medida que a criança cresce os fatores criatividade e espontaneidade, convertem-se em funções esquecidas (MORENO in Rosa Cukier, 2002).

Cortês (2009) nos fala da função catalisadora da espontaneidade, manifestando-se por intermédio do aquecimento e atuando diretamente na criatividade. O que é produzido e transformado vai se conservando no que Moreno chamou de conserva cultural e que, por sua vez, deveria ser transformada pela espontaneidade-criatividade, uma espécie de processo cíclico e contínuo.

Se o homem persistisse na manutenção sistemática daquilo que sua criatividade já produziu, do que já está pronto, perderia a sua espontaneidade. De acordo com Moreno, para que a criatividade se manifeste é necessário que as conservas culturais constituam somente o ponto de partida e a base da ação, caso contrário, transformar-se-ão em obstáculo.

- **Papéis e Matriz de Identidade:**

A matriz de identidade ou placenta social, como denominou Moreno (1934), é o lugar (*lócus nascendi*) onde a criança se insere a partir do nascimento, relacionando-se com objetos e pessoas, e onde se dá a aprendizagem dos papéis.

O recém-nascido ocupa um espaço físico no meio daqueles que o abrigam e que dele cuidam (pais, outros parentes, profissionais, enfim, quaisquer responsáveis), e um espaço virtual predeterminado, que dispõe as condições iniciais para o seu desenvolvimento. O espaço virtual predeterminado, que diz respeito tanto ao ponto geográfico onde se situa o grupo que abriga o recém-nascido, condições sócio econômicas, clima psicológico que o envolve, até as expectativas nele depositadas, influirá no seu processo de definição como indivíduo.

Na etapa inicial do desenvolvimento da criança, a memória, a inteligência e outras funções cerebrais, ainda estão pouco desenvolvidas ou inexistentes. Nesse período o fator espontaneidade constituirá no principal esteio dos recursos da criança e os egos auxiliares (pais, parentes etc.), virão em seu auxílio. A matriz de identidade dissolve-se gradualmente na medida em que a criança vai ganhando autonomia.

Conforme Conçalves et al (1988), ao nascer, a criança se insere num mundo denominado primeiro universo, dividido em dois tempos com características próprias. No primeiro tempo ou período da identidade total, a criança não diferencia pessoas de objetos, todas as relações são de proximidade, só há um tempo (o presente), tem “fome de atos” e não existem sonhos. No segundo tempo, conhecido como período da identidade total diferenciada ou realidade total, a criança começa a diferenciar objetos de pessoas, surgem certos registros possibilitando os sonhos e as relações começam a ter certa distância ao rendimento da tele sensibilidade.

No segundo universo, tem início a fase que Moreno chamou de “a brecha”, onde o indivíduo começa a desenvolver novos conjuntos de papéis: sociais e psicossomáticos relacionados (um voltado para o mundo social e o outro para o mundo da fantasia). Moreno (1934) inicialmente descreveu cinco etapas dessa fase na matriz e que mais tarde, resumiu em três apenas:

1ª – Fase da indiferenciação – a criança não faz distinção entre objetos e pessoas. A criança, a mãe e o mundo são uma única coisa,

2ª – Fase – a criança concentra a atenção no outro, esquecendo-se de si mesma,

3ª – Fase do movimento inverso – a criança está atenta a si mesma, ignorando o outro,

4ª – Fase – aqui a criança e o outro, estão presentes de maneira concomitante e ela se arrisca a tomar o papel do outro,

5ª – Fase – agora já ocorre a troca de papéis com o outro (inversão de papéis).

Posteriormente, Moreno (1934) associou as fases dois e três numa única e também as de número quatro e cinco, resultando em três fases. Dessas referências é que surgiram as técnicas básicas utilizadas pelo diretor de Psicodrama e que veremos mais adiante.

As fases são descritas da seguinte forma:

1ª – Fase do Duplo – a criança não consegue diferenciar o que é ela, o outro e os objetos. É totalmente dependente, de alguém para suprir as suas necessidades. A pessoa que a cuida, identifica e satisfaz suas necessidades biológicas e afetivas, é chamada de ego auxiliar e funciona como um segundo eu da criança,

2ª – Fase do Espelho – Aqui acontecem dois movimentos . A criança ora fixa a sua atenção em si, ora no outro. Ainda não diferencia fantasia de realidade, mundo interno de mundo externo. Nessa fase, quando vê sua imagem refletida na água ou no espelho, pensa se tratar de outra criança,

3ª – Fase da Inversão – a criança nessa fase possui a capacidade de se colocar no lugar do outro, permitindo que o outro se coloque em seu lugar. Primeiro há uma tomada de papel para, em seguida, haver a inversão concomitante de papéis (FEÉO in RICOTTA, 1990).

Todo o percurso da matriz de identidade será retomado a cada novo papel desempenhado pelo indivíduo. Assim, por exemplo, o papel de mãe se desenvolverá iniciando com a sensação de indiferenciação, indo até a fase de inversão de papéis. O novo papel estará embasado na experiência de outros papéis semelhantes (*cluster*), tais como o de filha, tia, babá, etc.

O eu precisa do papel para que possa se expressar. Ao contrário do que se possa pensar em relação a “primazia” do surgimento do eu, este, segundo Moreno, emerge dos papéis.

O desempenho de papéis é anterior ao surgimento do eu. Os papéis não emergem do eu; é o eu quem, todavia, emerge dos papéis. Os papéis são os embriões, os precursores do eu, e esforçam-se por se agrupar e unificar. (MORENO, 1984, p. 25)

Antes e imediatamente após o nascimento, o bebê vive num universo indiferenciado onde, de maneira gradual, surgem o eu e suas ramificações, os papéis.

Conforme Gonçalves et al (1988), Moreno atribuía a inspiração de sua teoria dos papéis mais ao teatro do que à sociologia. Moreno (1984) nos posiciona a respeito da etimologia do termo “papel”.

O termo inglês *role* (=papel), originário de uma antiga palavra francesa, que penetrou no francês e inglês medievais, deriva do latim *rotula*. Na Grécia e Roma antiga, as diversas partes da representação teatral eram escritas em “rolos” e lidas pelos pontos aos atores que procuravam decorar seus respectivos “papéis”; esta fixação da palavra *role* parece ter se perdido nos períodos mais incultos dos séculos iniciais e intermediários da Idade Média. Só nos séculos XVI e XVII, com o surgimento do teatro moderno, é que as partes dos personagens teatrais foram lidas em “rolos” ou fascículos de papel. Dessa maneira cada parte cênica, passou a ser designada como papel ou *role*.

Segundo Moreno (1984), o papel é a forma de funcionamento que o indivíduo assume no momento específico em que reage a uma situação específica, na qual outras pessoas ou objetos estão envolvidos. O conceito perpassa as ciências humanas, a fisiologia, a psicologia, a sociologia e a antropologia, unindo-as num só plano. A teoria dos papéis não se limita a dimensão social, mas, operando com uma orientação psiquiátrica, é mais abrangente. Leva o conceito de papel a todas as dimensões da vida, abrangendo desde o nascimento e se prolongando, durante toda a vida do indivíduo (MORENO, 1984, p. 27).

De acordo com Gonçalves et al (1988), Moreno afirma que o processo de aquisição e desenvolvimento dos papéis, deve ser analisado desde as fases pré-verbais da existência, observando para tanto três dimensões: papéis psicossomáticos (matriz de identidade indiferenciada-fase do duplo), papéis psicodramáticos (matriz de identidade diferenciada-fase do espelho) e papéis sociais (matriz da brecha entre fantasia e realidade -fase da inversão de papéis).

Os papéis psicossomáticos se relacionam à fase de convívio estreito entre mãe e bebê, por exemplo, caracterizado pelo processo de alimentação (o indivíduo que come) e pela dedicação corporal do bebê à mãe (papel sexual). No entanto, em Gonçalves et al (1988), vemos que não se pode pressupor pelo fato de serem chamados de “papéis” que correspondam a unidades de ação bem demarcadas,

nem que pertençam a um sujeito que se relaciona com o outro, enquanto tal; a criança dessa fase ainda não tem uma unidade própria e não estão diferenciados para ela, outras pessoas e objetos. Desde a formação dos papéis psicossomáticos, tudo transcorre como se cada papel surgido tendesse a se unir com outros, formando um aglomerado de papéis; no entanto, a criança ainda não consegue distinguir papéis reais de papéis imaginários.

As fases seguintes, caracterizadas pelos papéis sociais e papéis psicodramáticos, marcam a superação dos períodos de indiferenciação e de realidade total da matriz, dando acesso para a fase da brecha entre fantasia e realidade. Gradualmente, com o desenvolvimento neuropsicomotor, da inteligência e dos fatores espontaneidade e tele (conceito que veremos mais a frente), a função da realidade inicia uma nova etapa, o segundo universo. Gonçalves et al (1988) salienta que nesse período a imaginação não perde sua função, apenas fica restrita ao seu âmbito.

Atingidas as condições para distinguir entre imaginação e realidade, surgem os papéis psicodramáticos e a capacidade de desempenhá-los, que aumenta à medida que opera com mais eficácia a função da realidade. A partir daí, os papéis sociais e psicodramáticos são ao mesmo tempo separados e se solidificam com a brecha, que funciona como uma linha móvel. Nos papéis sociais opera predominantemente a função da realidade enquanto que nos papéis psicodramáticos, a fantasia ou função psicodramática. Tornando-se distintos na terceira fase da matriz os papéis sociais e psicodramáticos mantêm sua tensão dinâmica, formando cachos ou aglomerados de papéis que se transformam ao longo da vida do indivíduo. Em face das funções de realidade e psicodramática, completam-se na terceira fase da matriz de identidade, as condições para o surgimento do ego. São com as aquisições instauradoras do segundo universo, que passam a operar a representação e a inversão de papéis. Com a integração dos papéis precursores, por volta de 3 anos de idade a criança dispõe de um ego e de uma identidade que lhe permitem se relacionar como indivíduo e com outras pessoas (GONÇALVES et al, 1988, p. 71 e 72).

De acordo com o grau de liberdade ou de espontaneidade, o processo de desenvolvimento de um novo papel passa por três fases distintas:

1 – *Role Taking* – tomada do papel, que consiste em imitá-lo a partir dos modelos.

2 – *Role playing* – é o jogar do papel, explorando simbolicamente suas possibilidades de representação.

3 – *Role creating* – consiste no desempenho do papel de maneira espontânea e criativa.

Gonçalves et al (1988) ainda nos mostram que Moreno pretendia que a ação dramática terapêutica levasse a algo mais do que a simples repetição de papéis desempenhados no cotidiano, pois esse contexto permitia *insights* profundos, tanto do protagonista como do grupo, a respeito do significado dos papéis assumidos. Por intermédio do papel psicodramático, o protagonista reproduz aspectos seus e do grupo assim, coatores e grupo que assistem ao drama, nele se veem representados e complementados. A identidade de um indivíduo é a resultante dos papéis que complementa ao longo de sua história e de suas experiências, com as respostas obtidas na interação social, por papéis que complementam o seu. Nesse sentido, não existe papel de senhor se não existir papel de servo e vice-versa. Papéis opostos ou solidários, de indivíduos diferentes, completam um o sentido do outro.

Ainda a respeito da conceituação de papel, Moreno nos mostra que pode ser definido como uma pessoa imaginária como uma parte ou caráter assumido por um ator (Hamlet), como uma personagem ou função assumida na realidade social (um policial, um médico, um deputado, etc.). E finalmente conclui dizendo que o papel consiste na cristalização final de todas as situações vividas numa determinada área de operações por um indivíduo, por exemplo o comedor, o pai, o piloto de avião, etc. (MORENO, 1984, p. 206).

- **A Dimensão Corporal e a Matriz de Identidade:**

Encontramos em Naffat (1980) uma contribuição significativa para a compreensão do conceito de matriz, vinculando-o à dimensão corporal e ao surgimento dos papéis.

O corpo, diz Naffat (1980), é o fundamento existencial, a forma de ser que expressa reproduzindo consciente ou inconscientemente o drama do qual é o porta-voz. E para compreender tal fenômeno se faz necessário retomar o processo através do qual a corporeidade se compõe, transforma-se e na qual, muitas vezes, perde-se.

Após o nascimento e no período de formação do eu, o corpo infantil existe como “um corpo disperso” na indiferenciação com o mundo que o rodeia. Nessa

fase, o corpo não é vivido pela criança como uma identidade, mas como um núcleo de ações momentâneas, traduzido em atos como mamar, defecar, etc., existindo como funções fisiológicas ou enquanto papéis psicossomáticos. Na medida em que determinada zona corporal se identifica com o momento de seu funcionamento, o corpo é vivido como parcial e sem unidade. Gradualmente, com a maturação do sistema nervoso e a interação com as pessoas que a cercam, a criança começará a unificar essas vivências parciais e momentâneas e a conquistar a experiência de unidade do próprio corpo. Nessa etapa o corpo infantil desconhece seu lugar no mundo e a criança não se reconhece como um filho de uma mãe e de um pai determinados.

A segunda fase do desenvolvimento infantil constitui a etapa do reconhecimento do eu e da singularidade como pessoa. Aqui, a criança apreende através do espelho a imagem de si mesma, logo, a vivência interna do "corpo próprio" associa-se à imagem externa, culminando no sentido de "corpo unitário" e de identidade. O processo também é gradativo, posto que inicialmente a criança não se reconhece na imagem especular. Dá-se, porém, na medida em que a vivência interna do corpo se completa com os movimentos realizados diante do espelho (NAFFAT, 1980, p. 7-10).

O corpo dessa fase poderia ser descrito como "corpo-pessoal", uma vez que a criança se descobre pessoa distinta de outras pessoas. Entretanto, Naffat (1980) nos lembra de que a identidade conquistada carece de completude, pois, embora consiga distinguir-se corporalmente dos seres que a cercam, desconhece-se como identidade social, ou seja, não se vê ocupando uma posição e um papel na família. Neste período a criança acredita-se o centro do universo e não tardam a surgir os comportamentos egocêntricos e voluntariosos. Da mesma forma que consegue dominar sua imagem no espelho, espera dominar todos a sua volta. O término dessa fase ocorre na medida em que a criança encontra resistência à sua ação sem limites. Quando começa distinguir realidade de fantasia, um espaço onde seu poder é limitado de outro onde se imagina onipotente.

Segundo Naffat (1980), a criança vendo-se ameaçada pelas limitações, começa a identificar-se com o adulto, como forma de reconquistar o poder perdido. Identificando-se e representando ludicamente o papel do adulto, a criança conquistará o que Moreno denominou de função psicodramática. Com a inversão de papéis, descobre a rede dos papéis sociais na qual está inserida a sua identidade.

Através da vivência psicodramática dos vários papéis familiares, a criança perceberá a sua posição no mundo, seu corpo deixará o isolamento de um mundo privado, para descobrir-se como “corpo-cultural” ou “corpo-simbólico”. Esta, pois, constitui a terceira etapa da matriz de identidade ou, a fase do reconhecimento do tu e dos outros. Atingindo-a, a criança conquistará a unidade do ser-no-mundo através de um corpo ativo, que conhece sua posição real e é capaz de transformá-la através da recriação do papel que lhe foi destinado.

A função psicodramática transforma a espontaneidade (capacidade adaptativa) numa função criativa. No entanto, se a criança não conseguir atingir a constituição desse “corpo-simbólico”, permanecerá existindo como “corpo-pessoal” ou “corpo-parcial”, dependendo da fase da matriz, onde seu desenvolvimento se fixou ou conservou; decorrendo daí, as manifestações histéricas, fóbicas, obsessivas e compulsiva.(NAFFAT,1980, pp. 11-13).

Naffat (1980) conclui que a descrição do corpo como fundamento existencial se justifica por estar sempre mergulhado no compromisso inexorável com o real, que constitui a condição básica do ser-em-situação. Como uma ponte que liga os tempos presente, passado e futuro, o real e o imaginário. É sempre através dele que se expressa um modo ou uma forma de ser.

- **Tele:**

Segundo Moreno (1959), o conceito de tele advém do grego, significando agir à distância. É entendido como uma ligação natural que existe tanto entre indivíduos como entre indivíduos e objetos, e que no homem desde o seu nascimento se desenvolve progressivamente, constituindo o fundamento de todas as relações interpessoais sadias.

Perazzo (2010) nos diz que na literatura psicodramática o termo tele passa por diversas significações, dependendo do foco principal em que se dá a compreensão de alguns de seus atributos.

A primeira observação de Moreno em relação a tele data de 1923, e foi feita com base em sua experiência com o teatro espontâneo. Moreno nota que em alguns pares de atores existe uma interação sensível, uma percepção especial que não acontece entre integrantes de outros pares. Então, supõe que exista algum fator individual que torna a ação dramática mais espontânea. Ou seja, se dois atores têm

esse fator individual desenvolvido, quando postos em contato na cena, a resultante será mais espontaneidade e criatividade.

A partir de então e durante os trinta e seis anos seguintes, Moreno, batizando o fator de tele (à distância), constrói o seu conceito de diversas formas e em múltiplas direções. Alguns exemplos de suas formulações são: tele entendida como vínculo, como mutualidade, processo interpessoal geral, como mútua percepção íntima dos indivíduos, tele como medida sociométrica etc. (PERAZZO, 2010, p. 69-70).

Perazzo (2010) observa que, durante anos, Moreno publicou o que pensava sobre tele por um novo prisma que complementava a formulação anterior. Reitera que o conceito evoluiu de uma noção individual para uma noção social e alerta-nos quanto os riscos de reducionismos.

Pinçar qualquer uma das definições que Moreno deu, direta ou indiretamente, ao longo desses muitos anos, resultará sempre em uma definição incompleta, parcial, que não abrange toda a complexidade do termo. (PERAZZO, 2010, p. 70)

Embora a tele possa sofrer distorções pela influência de fantasias transferenciais, cada relação humana sadia depende de sua presença e eficácia.

Estruturalmente, a função do tele é de coesão grupal e esse processo foi provado indiretamente por avaliações quantitativas, no sociograma. O fator tele é o responsável pela maior tendência de reciprocidade na escolha relacional real do que seria de esperar a partir das probabilidades de escolha ao acaso.

O fenômeno tele opera e influi decisivamente em todas as dimensões da comunicação. Embora tenha semelhanças com o conceito empatia difere desse por ser bipessoal ou mútuo.

Apesar de a percepção télica poder ser experienciada pela maioria das pessoas, seria impossível que esse fenômeno ocorresse o tempo todo em um relacionamento.

Na percepção e na comunicação ocorrem distorções e equívocos relacionados as experiências importantes do passado e tendemos a viver uma situação nova como se essa fosse idêntica ou semelhante a que vivemos outrora. A essa tendência oposta chamamos transferência e equipara-se ao embotamento ou ausência do fator tele, constituindo, muitas vezes, em motivo de sofrimento nas

relações interpessoais (GONÇALVES et al, 1988, p. 50). O contrário também é verdadeiro e um dos objetivos do Psicodrama, do Sociodrama e da Psicoterapia de Grupo, é identificar, aprimorar e utilizar os meios que facilitem a predominância das relações télicas sobre as transferenciais.

Logo, indivíduos capazes de relações télicas estão em condições ideais para viver relacionamentos importantes e transformadores. Além disso, estão disponíveis para se colocarem um no lugar do outro, num momento especial de reciprocidade e de encontro, culminando na experiência essencial da relação télica.

Reconhecemos em Gonçalves et al (1988) uma afinação com o pensamento original de Moreno.

Na atualidade, autores contemporâneos tendem a reconhecer que ambos os fenômenos coexistem de algum modo: transferência se refere ao mundo intrapsíquico e tele, ao mundo relacional.

Em seu livro “Psicoterapia Aberta”, Castello de Almeida (1982) relaciona o método psicodramático com o método fenomenológico existencial e propõe que o conceito de tele, englobe os atributos da intencionalidade, intuição e intersubjetividade, entendimentos caros à vertente fenomenológica.

Moysé Aguiar (1986), defende que a tele sendo de caráter inter-relacional não pode se opor à transferência, cujo caráter é intrapsíquico uma não pode ser definida em função da outra mesmo entendendo que são duas faces de uma mesma moeda. Reitera que o critério para a definição de tele é a cocriação dentro de um mesmo projeto dramático.

O que se pode concluir é que o tema está longe de se esgotar ou ter uma definição cabal, pois tais questionamentos vêm sendo feitos no Brasil há pelo menos 30 anos e não deve ser tratado com superficialidade e ou desatualização. (PERAZZO, 2010, p. 74).

- **Coconsciente e Coinconsciente:**

São planos estruturais diádicos, triádicos ou circulares de um estado real e profundo, cujo ponto de partida é o homem em relação. Segundo Moreno, coconsciente e coinconsciente se formam de maneira gradual e em conjunto, a medida que o grupo relacional se constitui. Moreno (1984) observou que pessoas que se conhecem intimamente conseguem inverter seus papéis melhor que os que estão separados por distâncias psicológicas.

Os estados co-consciente e co-inconsciente, são aqueles que os participantes experimentaram e produziram conjuntamente e que, por conseguinte, só podem ser reproduzidos ou representados em conjunto. (MORENO, 1984, p. 30)

O vínculo, entre indivíduos, não sucedem dos psiquismos isolados, mas pelo partilhamento progressivo nos grupos constituídos e em especial, na família. Para Moreno (1984), grupos naturais comportam-se diferentemente de grupos de estranhos. Pais, casais, membros de uma família, amigos, antigas relações profissionais e outros grupos ligados intimamente têm uma forma comum de se entender em silêncio. Vivem como em simbiose. É como se, ao longo dos anos, tivessem desenvolvido uma cadeia de estados relativamente inconsciente. Quando um membro de um par traz acontecimentos de uma fase vivida em comum não é difícil para o outro seguir e elaborar o tema, como se ambos fossem a mesma pessoa ou tivessem um inconsciente comum (MORENO, 1959, p. 73).

Um estado coconsciente ou coinconsciente não pode ser domínio exclusivo de um único indivíduo e sua representação é impossível sem um esforço e colaboração de todos os envolvidos nesse episódio.

No artigo científico “Em tempo presente: o co-inconsciente”, Knobel (2011) traz sua contribuição, percorrendo sobre o tema e fornecendo maiores detalhes de como se processa o constructo desses estados.

São estados, conjuntos de qualidades e de características móveis e conjunturais que se organizam, em parte intencionalmente e em parte por acaso, na convivência estável e significativa. Constitui um tecido relacional de base, uma *matrix* compartilhada por pessoas (inter) que deixa vestígios e fragmentos dessas experiências, compartilhadas nas pessoas (intra) e se mantém como histórias, mitos e tradição cultural para além das pessoas concretas. Abrangem tanto modelos relacionais usuais nas/das famílias, como seus significados oriundos da vida social e cultural. (KNOBEL, 2011)

- **Realidade Suplementar:**

Para Duric et als (2005), a realidade suplementar constitui uma porção do mundo psíquico do indivíduo e como técnica psicodramática, traduz-se na concretização daquilo que não aconteceu mas que poderia ter acontecido.

As pessoas, de um modo geral, estão aptas para entrar em contato com partes psicológicas de si mesmas e também com pessoas que compartilham,

subjetivamente de seus conflitos internos. Ocorre que nem sempre os personagens e as cenas em que estão envolvidas correspondem a realidade concreta. Porém, os métodos e técnicas psicodramáticos, permitem a vivência de fatos subjetivos da necessidade emocional do indivíduo que até mesmo não tenham sido realidade. Então, dramatizar o que “não aconteceu” é dramatizar o que Moreno denominou de realidade suplementar. (GONÇALVES et al,1988, p. 91-92)

No contexto dos trabalhos socioeducacionais em que se busca o desenvolvimento de papéis, uma relação significativa com temas da cultura, um encontro com “saberes”, a experiência da realidade suplementar concretiza a presença do imaginário e possibilita a espontaneidade-criatividade.

Segundo Moreno, quando o indivíduo encena as pessoas de seus conflitos, perdem elas não só a sua força e energia, mas ainda ele incorpora essa força. Seu próprio eu tem a oportunidade de se reencontrar e se reorganizar, de reestruturar os elementos dispersos, de com eles formar um conjunto e, com isso, ganhar uma sensação de força e alívio, uma catarse de integração. O Psicodrama possibilita ao indivíduo uma experiência nova e ampliada da realidade, uma “realidade suplementar”, um ganho que recompensa, pelo menos em parte, o esforço que ele empreendeu durante o trabalho de produção psicodramático (MORENO, 1959, p.112-113).

Na concepção do próprio Moreno e de alguns contemporâneos, o conceito realidade suplementar, não se reduz a um mero artifício técnico, mas possui pelo menos dois sentidos: psicodramático e filosófico poético.

Para Moreno, lembra Zerka, a realidade suplementar dá ao protagonista não só o trânsito entre duas dimensões da realidade, como também, por seu caráter objetivo, a sensação ou, mais, a vivência, só a ele (protagonista), de gravitar em áreas igualmente reais como sua verdade única, vivenciada, em que sua intuição está perfeitamente casada com sua inspiração. (MORENO. in PERAZZO, 2010, p.108)

Perazzo (2010) reitera que a realidade suplementar constitui um requinte criativo, que torna possível a integração do indivíduo. Como campo de ação da criatividade e expressão viva da imaginação, na cena psicodramática, torna-se concretude por meio da construção e interação de personagens. Mas nos lembra de que, se a interação do protagonista se faz com os personagens numa cena tecida na cena psicodramática, essa interação se estende também para outros elementos do

grupo, que por sua vez, estão igualmente tomados por sua realidade suplementar com sua carga subjetiva. Nesse sentido, a realidade suplementar do protagonista , será sempre um processo de cocriação.

- **Grupo:**

Estamos definitivamente interligados e convivendo em grupos desde o nosso nascimento, quer seja nos momentos em que somos cuidados pelos nossos pais e familiares ou realizando atividades no âmbito profissional ou ainda, em contexto social.

Segundo Moreno (1974, p. 31), são características de um grupo a interação entre os membros, interesses e atividades comuns, um mínimo de coesão e diferença dos *status* (posição do indivíduo no grupo).

O Psicodrama está intimamente relacionado aos trabalhos com grupos.

Moreno (in FLEURY, 1999) empreendeu vastas pesquisas sociométricas de organizações espontâneas do ser humano, a fim de demarcar princípios que regem o funcionamento dos grupos.

Em crianças, no primeiro ano de vida, identificou três estágios: isolamento orgânico, diferenciação horizontal e diferenciação vertical. O isolamento orgânico é caracterizado por isolamento total até dois meses de idade, quando o choro de um começa a chamar a atenção dos outros, iniciando uma espécie interação e reconhecimento entre eles. O desenvolvimento prosseguiu até que os mais próximos, fisicamente, começaram a se reconhecer e a sentir-se atraídos, fazendo com que as inter- relações grupais passassem a ser diferenciadas pelo grau de proximidade ou distanciamento físico, caracterizando o estágio denominado diferenciação horizontal. Por volta da 40^a/42^a semana os bebês começaram a se locomover o que ressaltou as diferenças tanto física quanto agilidade mental entre eles, alterando a organização do grupo.

Quando uns centralizaram mais atenção, destacaram-se em liderança enquanto os outros se deixaram liderar.

Em alunos de ambos os sexos, do jardim da infância até a oitava série, Moreno (in FLEURY, 1999) realizou testes sociométricos e constatou que as escolhas podiam ser determinadas pelas preferências, rejeições ou indiferenças; observando escolhas com reciprocidade dos 11 aos 14 anos, passando após essa idade a diminuir. As frequências de crianças isoladas aumentaram dos 4 anos aos 7

anos, diminuindo gradativamente até os 13 anos, voltando a aumentar após essa idade.

Com a evolução dos grupos as escolhas tenderam a uma maior reciprocidade, aumentando seu número de pares, surgindo cadeias e triângulos.

Moreno (in FLEURY, 1999) observou que essas preferências tendem a acontecer de maneira desigual ao que chamou de lei sociodinâmica. Poucos são mais escolhidos enquanto outros concentram poucas escolhas, continuando esse efeito mesmo que o grupo seja aumentado ou quando o indivíduo muda de grupo. Esse *status* sociométrico constitui referência diagnóstica importante da posição e sucesso do indivíduo em outros grupos.

As escolhas sociométricas feitas e ou recebidas por um indivíduo, constitui o seu átomo social, que por sua vez é influenciado pelo fator tele e pela transferência. Partes desses átomos se unem a outros, compondo as redes sociométricas, responsáveis pela transmissão da opinião pública. Nos grupos, quando essas redes cristalizam relações (papel e contra papel), os integrantes se veem em dificuldade para buscarem novas posições ou ampliarem suas experiências (FLEURY in ALMEIDA, 1999, pp. 49-51).

A evolução do grupo se dá quando a percepção das diferenças pelos integrantes atinge um ponto de saturação, desencadeando a movimentação do grupo para uma estrutura organizacional mais avançada.

Quando um grupo está iniciando e os seus participantes ainda não se conhecem, tendem a permanecer cautelosos, ansiosos, observam e buscam posição confortável, esperando a definição de regras e objetivos. Estão em fase inicial, isolados (isolamento orgânico), buscando tão somente o reconhecimento entre si.

Gradualmente vão se reconhecendo, percebendo a sua posição em relação aos outros, o modelo de relacionamento do grupo e observando a possibilidade de autoexposição.

A atitude do diretor de acolhimento e aceitação das pessoas e dos temas trazidos serão essenciais para o grupo, inclusive no período de diferenciação horizontal.

O processo de diferenciação vertical vai se dando com o surgimento dos conflitos e embates pelo poder, das críticas e insatisfações, destacando as singularidades, emergindo os líderes. Tais experiências vão alimentando

sentimentos de hostilidade, assim como de proximidade e aceitação. Nessa fase o grupo confere e aceita papéis, cristaliza relações de papéis e contra papéis responsáveis pela reprodução no grupo, dos padrões de interação que cada participante mantém na vida. Sentimentos difíceis de serem nomeados se revelam pelos indícios (por serem inconscientes). Então, sentimentos como rivalidade, inveja, sexualidade, perdas afetivas, aparecem dessa forma. Quanto mais o grupo se sentir acolhido, maior será o incentivo para confronto, compartilhamento e livre expressão de sentimentos.

Na medida em que a tele e as relações de reciprocidade se desenvolvem, aumenta também a coesão, favorecendo a cocriação de um grupo produtivo (FLEURY in ALMEIDA, 1999, pp. 52-53).

Segundo Fleury (1999), no início da vida do grupo, a lei sociogenética aponta ao diretor a necessidade da passagem do isolamento orgânico, para a diferenciação horizontal por meio de atividades grupais que auxiliem a colocação e reconhecimento dos indivíduos no grupo. Para Moreno (in FLEURY, 1999) focando a identificação da estrutura interna do grupo e os primeiros indícios de conflitos, o diretor poderá utilizar qualquer um dos métodos sociátricos: Psicodrama ou Sociodrama.

Relata-nos Fleury (1999) que o aqui-e-agora é assimilado pelo diretor, quando este acompanha a forma e o momento em que os conteúdos são expressos, o que demonstra os padrões de inter-relação grupal. Referem-se a papéis e contrapapéis que tendem a reproduzir na vida do grupo, os vínculos do contexto familiar e social. Assim, gradualmente as dificuldades de relacionamento do contexto social vão se manifestando nas inter-relações grupais.

Esse material revelado tende a emergir como algo desconhecido pelos integrantes do grupo e cabe ao diretor assimilar o não dito, o dramatizado a fim de que possa conhecer a estrutura interna do grupo e os estados coconscientes e inconscientes.

Com a diferenciação vertical e consequente aumento de tensões é necessário que o diretor foque a sua atenção no grupo a fim de facilitar o emergir desses sentimentos, assegurando o desenvolvimento da tele e da coesão grupal, priorizando a sua evolução.

Outra estratégia possível seria a de não atender o grupo em suas reivindicações pessoais de atenção e transferir o foco para o coletivo, afim de que

identifiquem sentimentos de impotência com essa situação. Essa forma também facilita a identificação de sentimentos como por exemplo, de rivalidade e desamparo, entrando todos em contato com sua realidade subjetiva, podendo ir além de uma mera experiência grupal (FLEURY in ALMEIDA, 1999, pp. 54-55).

O objetivo dessa direção é o desenvolvimento da coesão grupal e foi denominada direção centrada na sociometria. O diretor busca conhecer a estrutura do grupo, os papéis, as posições sociométricas bem como seus *status*, átomos sociais e os critérios pelos quais os integrantes se organizam e comportam (KNOBEL in FLEURY, 1999, p. 55).

Outra possibilidade de direção é a centrada na espontaneidade. Essa forma objetiva provocar os estados espontâneos através de jogos dramáticos e proposta de teatro espontâneo, jornal vivo, *playback theatre*, etc. As cenas imaginárias dramatizadas facilitam tanto o reconhecimento da fantasia inconsciente grupal, quanto os momentos em que a tensão dificulta o surgimento de material inconsciente e o reconhecimento da estrutura interna do grupo (KNOBEL in FLEURY, 1999, p. 56).

Cabe ressaltar que as etapas de desenvolvimento estrutural de um grupo não são fixas, ou seja, vividas uma única vez e depois cessam. Referem-se a momentos que se dão alternada e constantemente na vida dos grupos. Processos de desenvolvimento cujo foco, é coletivo. Os grupos crescem de forma lenta e gradual, precisando para se estruturarem, de repetidas e constantes experiências (KNOBEL, 1996, pp. 51-52).

2. Saúde – Dependência e Codependência

Conforme anunciado na introdução, neste momento trazemos referências centrais sobre a questão da saúde, particularmente focando a dependência e a codependência, temática de fundo a partir da qual a pesquisa intervenção foi realizada, considerando a peculiaridade do grupo em relação ao qual estivemos a serviço: *apoio e acolhimento aos dependentes e codependentes no contexto da Pastoral da Sobriedade*.

No grupo encontramos histórico de dependência e codependência envolvendo principalmente o etilismo, mas também outras drogas psicoativas como: *marijuana* e cocaína.

2.1. Dependência

Ambos os sexos estão expostos ao abuso de substâncias, em todos os grupos socioeconômicos, étnicos e geográficos. Estas substâncias consumidas tendem a produzir alterações no comportamento, na percepção, cognição e humor. A terapeuta Mcgoldrick, B. (in ZAMPIERI, 2004), ao avaliar pessoas etilistas, afirmou que os sintomas somáticos, psicológicos e interpessoais na família variam desde perturbações no âmbito profissional, no rendimento escolar dos filhos, infidelidade, depressão, isolamento social, ansiedade a distúrbios físicos, em todos os membros familiares.

Discorre sobre o tema alcoolismo como um processo que afeta e é afetado por interações (bebedor-álcool, bebedor-ele mesmo e bebedor-outros), o que torna a dialética dependente-codependente indissociável (ZAMPIERI, 2004, pp. 57-58).

Segundo Fortes e Cardo (in ZAMPIERI, 2004), são comportamentos característicos do bebedor sintomático, na fase inicial, a perda de controle, álibis, reprovação familiar, agressão, perda de amigos, mudanças de hábitos familiares e ressentimentos. Na fase crônica, há degeneração ética, ambivalência, necessidade de apoio religioso, comportamento incongruente e o beber para esquecer que bebe. Tais aspectos ou manifestações podem ser estendidas para outros estados de drogadição.

Zampieri (2004) nos diz que todas as teorias estão em consonância quanto à importância dos primeiros anos de vida para a organização psíquica. Quando discute sobre as dimensões do corpo infantil associadas às etapas da matriz de identidade, conforme abordamos anteriormente na página 35, Naffat (1980) assinala as manifestações obsessivas e compulsivas decorrentes da fixação do desenvolvimento desse corpo em determinada fase da matriz. Fizemos referência ao corpo-disperso ou parcial, ao corpo-pessoal e ao corpo-simbólico. O autor concorda com Zampieri (2004) no sentido de evidenciar a importância das relações em cada etapa do desenvolvimento.

De acordo com Zampieri (2004), além do álcool, as principais drogas de abuso são o ópio, depressores do sistema nervoso central e estimulantes, como a cocaína, alucinógenos, feniclidina e *marijuana*. As mais utilizadas nos locais de trabalho são o álcool, a cocaína e a *marijuana*, causando acidentes, baixo rendimento, danos nos equipamentos, ausências, demissões, etc.

Para o terapeuta cognitivo Sterling Moorey (in ZAMPIERI, 2004), o tratamento da dependência de droga divide-se em fase de abstinência que consiste em cessar a continuidade do abuso químico e medidas gerais de tratamento, correspondendo à manutenção da descontinuidade.

Esse tipo de tratamento objetiva livra-los da dependência química e os métodos de desintoxicação variam, porém o mais difícil é o prolongamento desse estado de limpeza.

Em geral, todos concentram maior atenção e envidam esforços para impedir recaídas. Tanto grupos de apoio em ambulatorios quanto internações em comunidade terapêutica são esforços que objetivam ajudar o dependente a desenvolver novos padrões de relacionamento, adequados e maduros.

Tendo em vista que os autores, de maneira geral, afirmam que grande parte dos dependentes livra-se da droga por curto espaço de tempo, os fatores associados a recidiva tornam-se fundamentais. Entre as dificuldades de tratamento ao dependente, destacam-se a falta de apoio adequado psicossocial externo para a descontinuação do uso de droga e da presença de fatores que reforçam a utilização continuada da mesma. Isso sem contar que o dependente retorna, após a sua internação para o meio de origem. É de capital importância a atenção para os fatores de proteção na inserção familiar (ZAMPIERI, 2004, p. 60).

Um estudo feito por Caldeira (in ZAMPIERI, 2004) em comunidade de baixa renda do Rio de Janeiro verificou que independentemente da forma de consumo da droga, ou seja, por experimentação ou uso eventual, indivíduos que utilizam drogas de vez em quando e não se tornam dependentes possuem traços específicos em seu processo de individuação, funcionando como proteção para que a dependência não se estabeleça. Analisando o contexto familiar desses indivíduos, concluiu que as relações afetivas, a autoestima, limites e responsabilidade, no cotidiano familiar, podem constituir fatores de proteção contra a dependência.

Zampieri (2004) conclui que, partindo do princípio que o dependente é um ser em relação no seu meio, ele é um paciente identificado, aquele que expressa um sintoma do sistema. Reitera que tratamento e profilaxia não podem prescindir da família. No contexto sociométrico toda pessoa tem papel decisivo e torna-se complicado redefinir o eu sem a redefinição das relações com seus complementares codependentes, especialmente os mais próximos (ZAMPIERI, 2004, p. 61).

2.2. Codependência

Zampieri (2004) define o conceito de forma ampla e diz que faz referência à pessoa que convive diretamente com alguém acometido de dependência química, especialmente, etilista. A codependência é caracterizada por um jogo de comportamentos mal adaptativos e compulsivos, adquiridos na interação familiar, como forma de sobrevivência em face de condições intensas e prolongadas de dor e estresse.

Diversas razões (falecimento, doença crônica, dependência química, etc.) podem aumentar o estresse e levar a dor para o meio familiar. Também é verdade que inúmeras maneiras podem ser adotadas pelos membros da família, ao atravessarem uma situação crítica. Contudo, se mantidos os componentes estressores, os comportamentos podem fixar-se em configurações inadequadas.

A abordagem familiar na situação de dependência química iniciou, em 1940, com os Alcoólicos Anônimos ao criarem grupos de autoajuda (Al-Anom). O assunto ganhou notoriedade e mais de 400 estudos foram publicados entre 1978 e 1988, dobrando na década seguinte (ZAMPIERI, 2004, p. 63).

A compreensão do estado de codependência como uma obsessão familiar sobre o comportamento e bem-estar do dependente, cujo o eixo da organização familiar passa a ser o controle do consumo alcoólico, foi introduzido por *Wegsheider* em 1981 (in ZAMPIERI, 2004).

Conta-nos Zampieri (2004) que um grupo de terapia familiar de Milão conceitua o paciente identificado, destacando as pressões da família que pede implicitamente que mudem o paciente sem, contudo, intervir nas relações do grupo. O dependente parece refém de um jogo em que a família resiste a mudanças.

No código internacional de doenças (CID), não existe definição para a codependência e é possível que não seja ainda reconhecida como patologia, ou não se tenha obtido um consenso quanto a sua classificação, carecendo ainda de muitos estudos. Apesar disso, a situação de codependência tem sido admitida como uma construção social e incluída no tratamento da dependência química.

Frequentemente a codependência é descrita como uma condição emocional, psicológica e comportamental, dotada de um padrão relacional com um transtorno de não identificação com o próprio *self*, em decorrência, experienciando angústia e desorganização psíquica.

Existem algumas características amplas, centradas na pessoa e no par, a saber.

As características mais citadas e centradas na pessoa são:

- dificuldade de identificar uma autoimagem;
- dificuldade para expressar os sentimentos;
- senso de vitimização;
- ansiedade acerca de intimidade.

As características mais citadas centradas na relação com um par são:

- atração por pessoas de temperamento explosivo;
- necessidade de controlar o outro na relação
- necessidade de ajudar acompanhada de sofrimento;
- hábito de assumir compromissos abandonados por outros;
- preocupação constante com uma pessoa dependente.

Características sistêmicas mais amplas, as mais citadas foram:

- negligência com as próprias necessidades em prol de alguém ou pela sobrevivência do sistema familiar;
- recorrência deste padrão em grupos extra família mesmo que não exista risco real de falência do sistema (ZAMPIERI, 2004, p. 68).

Assim, entendemos que pessoas submetidas a situações intensas e prolongadas de estresse, podem desenvolver comportamentos rígidos e inadequados como forma de adaptação e sobrevivência. Considerando esses estados nas interações com os papéis complementares, ou seja, os contra papéis, padrões relacionais podem cristalizar-se, afetando o sujeito e os que com ele convivem.

Na visão moreniana a saúde está relacionada à espontaneidade-criatividade e, nesse sentido, o Psicodrama possibilita o resgate do homem espontâneo e criativo, o trabalhar das inter-relações e o aprendizado de novas respostas e formas de conduta.

No próximo item aprofundaremos essa perspectiva.

3. Pedagogia Social e Psicodrama

Ao falarmos sobre o aprendizado de novas respostas e formas de conduta possibilitadas pelo Psicodrama, como obra moreniana, movemo-nos no terreno da educação, em seus vários níveis.

Neste item, levantamos subsídios que fundamentam o trabalho realizado na perspectiva de educadora social. Para tanto, retomamos os sentidos de educação e a construção de pedagogia social, da qual o Psicodrama é uma expressão.

Para além do ato de passar informações, a educação pode ser entendida como um processo de humanização, envolvendo valores e herança cultural. Segundo Fava, Marino, Sgorbissa e Wechsler (2005), diz respeito a um fenômeno com múltiplas características e que emerge a partir das nossas relações.

Trata-se de um fenômeno multifacetado onde abre-se a possibilidade de “sermos humanos”, ou seja, de nos identificarmos como seres humanos nos planos da subjetividade e da intersubjetividade, em que a família é a matriz primeira. Como projeto intencional, pessoal, grupal ou institucional, responde à necessidade de socialização de ser humano, mais herdeiro que hereditário, assegurando a transmissão, apropriação e recriação dos bens culturais acumulados e, com isso, a continuidade e sobrevivência histórica dos agrupamentos sociais. (FAVA et al, 2005, pp. 18,19)

Mas na instância dos saberes existem várias formas de educação. Por exemplo, a pedagogia social que se distingue pela sua especificidade. Trata-se de um processo, que visa a socialização do indivíduo e dos grupos, em situação de vulnerabilidade, fomentando o aprendizado de novos hábitos, valores, formas de gerar emprego e renda. Seu campo de atuação é para além dos muros das escolas, em projetos sociais.

- **Educação não formal**

O artigo 1º da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN), de 1996, abriu caminho institucional aos processos educativos que ocorrem em espaços não formais ao definir a educação como aquela que abrange “processos formativos que se desenvolvem na vida familiar, na convivência humana, no trabalho, nas instituições de ensino e pesquisa, nos movimentos sociais e organizações da sociedade civil e nas manifestações culturais.” (in GOHN, 2010, p.11)

Segundo Gohn (2010), deve-se a Coombs (1968), a designação “educação não formal”, bem como a popularização dessa concepção, ou seja, da educação desenvolvida para além dos muros da escola. Desde 1975, esse termo se ampliou ganhando notoriedade internacional e passou a ser utilizado na linguagem pedagógica.

No Brasil a expressão ganhou destaque, espalhando-se nos anos 2000. A partir de então, ONGs e entidades como Sesc, Senac e outros passaram a utilizá-la na atuação com a comunidade e em programas voltados à cidadania, inclusão social etc. (GOHN, 2010, p. 13).

Conforme Gohn (2010), chegar à definição atual da termo educação não formal foi um trabalho desafiador e difícil posto que defini-la, caracterizando-a pelo que ela é, tem aberto precedentes para polêmicas.

Muitos autores e pesquisadores da educação, tem conferido sentidos e significados diferentes para a educação não formal e, segundo Gohn (2010), dista do real significado do termo e dá margem para interpretações equivocadas. Nesse sentido ela nos clarifica, fornecendo exemplos das tentativas de definição, destacando as inadequações.

O termo Educação Popular via de regra, tem sido associado com a educação não formal sendo esta, considerada sinônimo da primeira. Gohn (2010) assinala o equívoco na utilização do termo “popular”. Diz que o termo traz o sentido de povo, fazendo alusão a camadas socioeconômicas, sugerindo assim, uma educação popular e uma elitista. Reitera que a educação não formal deve ser vista como universal, abarcando todas as pessoas, independente de classe social, etnia, sexo, religião, etc..

Outra categoria aventada foi a Educação Social, utilizada por Perez (in GOHN, 2010) no sentido de auxiliar a conexão com o termo educação não formal. Seria uma possibilidade de resposta tendo em vista as necessidades educativas contemporâneas, menos rígidas e sem formalismo. Seu campo de atuação focalizaria a educação de adultos, processo de formação para o trabalho e programas educativos (alguns), incluindo atividades culturais (circo, teatro, etc.).

Gohn (2010) estabelece a diferença entre educação não formal e educação social, destaca que a proposta desta, objetiva (quase sempre) a inserção dos excluídos no mercado de trabalho. Ressalta ainda que sua concepção de educação não formal distingue-se das mencionadas, por estar comprometida com a formação

de cidadãos livres e emancipados, portadores de direitos e deveres para com os outros.

Vimos que a educação não formal tem seu eixo na formação do indivíduo para a cidadania e emancipação social, no entanto, alerta-nos Gohn (2010) que ela não se contrapõe à educação formal (escolar) pois seu sentido é de complementaridade, reforçando o processo de aprendizagem com outros saberes (emocional, cognitivo, atividades de criação) que não são inseridos nas estruturas curriculares.

Relata-nos Gohn (2010) que quando se trata do assunto educação não formal, não se pode evitar a comparação com a educação formal. Alguns investigadores, inclusive, fazem uso do termo não formal como sinônimo de informal, por isso considera relevante distinguir os conceitos.

A educação formal ocorre nas escolas, cujos processos escolares são normatizados por instâncias superiores, certificadoras de títulos. A educação informal diz respeito à formação recebida pelo indivíduo no processo de socialização, na família, igreja, bairro, amigos, clube, etc., permeada de valores, cultura própria e sentimentos herdados. E finalmente, a educação não formal se refere a aprendizagem que o indivíduo obtém “no mundo da vida”, através de processos de compartilhamento das experiências, principalmente em espaços e ações coletivas. Defini-se como um processo sociopolítico, cultural, e pedagógico de formação do indivíduo para a cidadania e para interagir com o outro em sociedade. Contém um conjunto de práticas socioculturais de aprendizagem, que envolve organizações/instituições, atividades, formas e meios variados, diversos programas e projetos social (GOHN, 2010, pp. 22,33 e 93).

Em termos de características, Gohn (2010) elenca algumas que a educação não formal pode atingir no que tange a metas:

- aprendizado do respeito, na convivência com o outro e com a diversidade,
- adaptação às diferentes culturas,
- construção da identidade coletiva,
- distinção das regras éticas e condutas sociais.

Quando o tema é metodologia, Gohn (2010) ressalta a polêmica gerada em torno do assunto. Muitos autores defendem que a educação não formal carece de metodologia, em decorrência da flexibilidade nos seus processos. Outros dizem que

se houvesse metodologia, deixaria de ser uma modalidade não formal. Gohn (2010) auxilia-nos no entendimento dizendo que na educação não formal há uma metodologia, mas esta nasce a partir dos temas emergentes do grupo, de suas necessidades, desafios, obstáculos, carências, etc. Os métodos são construídos no processo. Acrescenta que existem metodologias que carecem ser desenvolvidas ainda que com alto grau de provisoriedade, posto que os movimentos da realidade e o desenrolar dos acontecimentos, marcam e atribuem singularidade à educação não formal.

E Gohn (2010) conclui destacando a relevância da educação não formal como instrumento na construção da cidadania do indivíduo em qualquer nível social ou de escolaridade. Quando aplicada em comunidades carentes possibilita a inclusão resgatando a riqueza cultural, valores e experiências daquelas pessoas. E na escolarização de crianças, jovens e adultos, reforça o aprendizado, completando com outras dimensões dos saberes.

Vimos algumas formas de educação e ainda que cada uma tenha a sua especificidade e seu campo de atuação têm em comum, o foco no desenvolvimento da pessoa humana.

Jacob Levy Moreno também se preocupou com os processos educativos do homem. Traz na centralidade da sua obra o homem em relação consigo mesmo, com o outro, com o conhecimento e com a coletividade. Os métodos morenianos de trabalho, por exemplo, o Sóciopsicodrama, busca o resgate da espontaneidade-criatividade, condição fundamental para o aprendizado de novas formas de conduta, de estar no mundo, de transformar-se e transformar o ambiente.

A obra moreniana e a Pedagogia Social convergem e se relacionam por estarem comprometidas com o desenvolvimento humano nas dimensões: pessoal, sociocultural e cidadã.

Na co-criação vivida, o sociopsicodrama realiza sua vocação junto à pedagogia social, ao voltarem-se ambos os campos de saber para a transformação pessoal-social. A pedagogia social, por sua vez, vê-se diante de uma ferramenta conceitual e instrumental vigorosa. Ousamos dizer que uma pedagogia moreniana ainda a ser aprofundada, é uma pedagogia social. (MARINO, 2012)

O sonho de Moreno era a transformação de toda a sociedade em uma sociedade espontânea e criativa que assumido pelos socioeducadores, implica em articular educação e saúde.

III. FUNDAMENTAÇÃO METODOLÓGICA

1. Natureza da Investigação

Este trabalho se caracteriza como pesquisa qualitativa na modalidade da pesquisa-ação. Como pesquisa qualitativa, volta-se para descrever e explicitar os sentidos da experiência vivida pelos sujeitos. Já como pesquisa-ação, trabalha-se com protocolos que se originam de intervenções no grupo pesquisado, cujos membros são vistos como coparticipantes, partindo de suas necessidades e demandas.

Resgatamos aqui que Jacob Levy Moreno foi um dos precursores da busca por construir uma ciência a serviço do ser humano, que, como sujeito ativo, é cocriador junto com o pesquisador.

Brito (2006) nos traz uma contribuição quando clarifica a relação sujeito-pesquisador na perspectiva epistemológica qualitativa.

Sob um referencial epistemológico qualitativo, a relação entre pesquisador e pesquisado é um aspecto constitutivo da pesquisa e não um elemento interveniente que deve ser controlado ou objetivamente definido. O conhecimento se desenvolve no contexto de um relacionamento e a pesquisa deve considerar a totalidade do processo de investigação, o relacionamento pesquisador e pesquisado, bem como os procedimentos formais. (BRITO, 2006, p. 28)

Para Brito (2006), o convite à pesquisa revela a forma científica do convite ao encontro. Ela salienta que o Psicodrama é uma metodologia de pesquisa qualitativa com estrutura conceitual flexível, que facilita o conhecimento do mundo fenomenológico de pessoas e grupos através da inter-relação. Clarifica-nos que é no contexto vivencial-relacional que o psicodramatista-pesquisador pode criar condições para que as perguntas que afligem os participantes sejam feitas e respondidas com liberdade.

Moreno define o Psicodrama como a ciência que explora a “verdade” por métodos de ação. Se na realidade da vida o indivíduo submetido às limitações e tensões pode perder o equilíbrio, em cena ele poderá reencontrá-lo através da liberdade de expressão (MORENO, 1984, p. 17).

A verdade referida por Moreno é a existencialidade; emerge do vivido de cada um ou de um mundo compartilhado.

Brito (2006) destaca ainda os vários recursos da teoria moreniana na pesquisa qualitativa com pessoas e grupos. Reitera que o legado de Moreno constitui uma metodologia que favorece o transitar entre os números, palavras, silêncios, movimentos, entre o real e o imaginário, levando em conta também as posições estáticas e as expressões gráficas.

Como psicodramatista, posso integrar essas atividades em um conjunto harmônico. Emprego a sociometria para descobrir o modo singular como cada pessoa ou grupo vê a si mesmo, compreendo como age empregando métodos sociodinâmicos e, simultaneamente, posso fazer sociatria, criando situações novas, Psicodramas e Sociodramas a fim de superar os impasses que geram sofrimento. (BRITO, 2006, p. 38)

Todo ação sociopsicodramático é um ato de pesquisa, que pode se tornar pesquisa sistemática. Na investigação partilhada, explora-se a “verdade” que é relativa, própria do indivíduo ou grupo envolvido. A partir dos meios psicodramáticos (instrumentos, aquecimento, dramatização e compartilhamento), o pesquisador pode ser dinâmico na interação com o grupo pesquisado, possibilitando inúmeras expressões. Dessa interação poderá surgir o conhecimento da dimensão subjetiva, com suas dificuldades, inquietações e dores.

2. Contexto

O trabalho está sendo realizado junto a uma comunidade da igreja católica, na zona norte de São Paulo, pela unidade funcional composta pela autora (diretora) e por uma profissional da saúde, Enfermeira (ego auxiliar), e colega do curso de formação em Psicodrama.

O grupo alvo é o da Pastoral da Sobriedade que desenvolve trabalho junto a dependentes e codependentes químicos. A Pastoral da Sobriedade, conforme dito na introdução desta monografia, constitui uma ação da igreja católica na busca da sobriedade como um modo de vida, resgatando a dignidade e valorizando a pessoa humana (CECONELLO et al, 2011).

Em termos gerais, objetiva prevenir e recuperar pessoas da dependência química, a partir da vivência dos 12 passos da Pastoral da Sobriedade. Especificamente, visa à implantação de grupos de autoajuda nas paróquias, à formação e capacitação de novos agentes da pastoral, ao desenvolvimento contínuo dos agentes já capacitados e à atuação política junto as forças da comunidade, articulando-se com movimentos cidadãos comuns e responsáveis pelo povo, grupos organizados e voluntários dentro ou fora da igreja.

Os grupos de autoajuda, no qual atuam os agentes da pastoral, realizam encontros cíclicos e ininterruptos (semanais), onde se reúnem dependentes e codependentes. Propõem a vivência diária dos 12 passos que consistem em regras a serem observadas, por exemplo: admitir a dependência, confiar na ajuda de Deus, arrepender-se do caminho escolhido, etc.(vide anexo 2: os 12 passos), objetivando a redescoberta de si mesmo, da autoestima e da fé. Acreditam que ações como: trabalhar a dimensão espiritual através da oração, leitura bíblica, experiência individual com o Cristo Libertador e prestar serviços na comunidade paroquial também influenciam decisivamente na recuperação da dependência e codependência.

Entre as principais estratégias da Pastoral da Sobriedade está a formação e o aprofundamento espiritual e técnico dos agentes dos grupos de autoajuda. Os cursos acontecem periodicamente através de retiros, acampamentos, encontros, palestras, fóruns, etc. No conteúdo programático são desenvolvidos temas como: abordagem ao dependente e codependente, as drogas e seus efeitos, diferentes tipos de dependência, sobriedade - um estado de vida, fidelidade à espiritualidade da pastoral, entre outros.

Outras estratégias fundamentais são: a articulação com órgãos governamentais e empresas privadas para o desenvolvimento de programas e ações em defesa da vida, a criação do COMAD que são Conselhos Municipais Comunitários Antidrogas, estabelecer parceria com o C.A.P.S - Centro de Atendimento Psicossocial e articulação com grandes eventos populares para trabalhar a questão da prevenção (CECONELLO, 2011, pp. 7, 22, 28 e 29).

A autora, membro da comunidade religiosa, encontrou espaço para atuar no grupo a partir de demanda discutida com o pároco, que evidenciava questões relacionais a serem trabalhadas e a apropriação do próprio papel de agente, que

passamos a denominar agente sociocomunitário, voltadas à perspectiva de compreensão da condição humana.

Sabendo que o programa da Pastoral da Sobriedade, instituído pela CNBB (Conferência Nacional dos Bispos do Brasil) foi estruturado com base na dimensão espiritual e praticado por todas as comunidades católicas a nível nacional, coube-nos atuar, respeitando os limites estruturais deste programa.

O trabalho realizado já está em seu 8º encontro em 25/08/2012.

Para a pesquisa sistemática, apresentaremos os 5 encontros de uma primeira etapa, realizados de 12/11/2011 a 10/03/2012.

Considerando que o foco temático da investigação é o processo grupal, também apresentaremos o 7º encontro (levando em conta que o 6º encontro consistiu no *feedback* da primeira etapa), considerado por nós o que abre uma segunda etapa, dando continuidade ao trabalho, segundo o levantamento realizado no 5º encontro: O desejo de continuidade.

3. Sujeitos

O grupo, originalmente era composto por oito integrantes. Com a desistência de um dos participantes (participou apenas de um encontro), por motivos particulares, prosseguimos na realização dos trabalhos com sete integrantes. As características centrais são: dois integrantes do sexo masculino e cinco do sexo feminino. Todos são casados, com filhos maiores (exceto uma integrante, cujo filho tem 5 anos), residentes relativamente próximos a igreja que frequentam e que prestam serviços voluntários na Pastoral da Sobriedade. Quanto ao grau de escolaridade, dois integrantes possuem ensino superior, quatro integrantes, ensino médio e um integrante não terminou o ensino fundamental. No contexto profissional, quatro trabalham com carteira assinada, um é autônomo e dois são do lar. Quanto as condições socioeconômicas, todos têm casa própria e carro particular.

São pessoas que direta e/ou indiretamente conviveram com a situação de dependência e codependência, sentindo na pele os efeitos da destruição quer seja na condição de usuário, quer seja no cuidado de um ente querido vitimado pelas drogas, por isso a opção por um trabalho voluntário na Pastoral da Sobriedade.

4. Cuidados Éticos

Considerando os cuidados éticos na pesquisa com seres humanos, preservou-se o anonimato dos sujeitos e foi disponibilizado a cada um deles o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (T.C.L.E).

Os documentos assinados estão em posse da pesquisadora e a matriz fornecida constitui o anexo 1 (T.C.L.E).

5. Métodos

Os métodos trabalhados nas intervenções com o grupo dos agentes sociocomunitários da Pastoral da Sobriedade foram: Sociodrama, Axiodrama e Jogos Dramáticos.

A concepção moreniana do Sociodrama diz se tratar de um método profundo de ação, no qual são abordadas as relações intergrupais e o modo de pensar coletivo. No Sociodrama o foco está no grupo, que não se limita a um número específico de indivíduos, pelo contrário, o grupo pode ser constituído de todas as pessoas que vivam num determinado lugar ou que pertençam a uma mesma cultura. Seus objetivos são: investigar e tratar conflitos de ordem coletiva e social, proporcionando mudanças na atitude dos membros. As experiências dos participantes são trabalhadas nas cenas coletivas. (MORENO, 2008, pp. 109-110)

O Axiodrama, segundo Moreno, constitui uma síntese de Psicodrama (como obra) focando a ciência de valores (MORENO, 1974, p.123). O método pode ser utilizado no contexto individual ou grupal, e o eixo da ação se encontra em valores éticos, religiosos, morais, culturais ou sociais. Aqui os participantes têm a possibilidade de se rever em seus princípios, contatando-os e desvelando-os (como realizado no encontro “Percebendo os próprios limites”, numa perspectiva grupal ou sociodramática). Podendo decorrer daí resignificações e transformações.

Assim como no Sociodrama, o foco nos Jogos Dramáticos também é o grupo.

Para Forneaut (1994), Jogos Dramáticos constitui toda atividade que possibilite ao indivíduo a expressão livre de seu mundo interior, quer seja na forma

de representação de um papel, na produção de uma fantasia ou através de uma determinada atividade corporal. Reitera Forneaut (1994) que o jogo no contexto psicodramático constitui uma situação preservada ou segura, na qual o indivíduo toma distância do seu conflito, eliminando a possibilidade de angústia e ansiedade. Como constatado no quarto encontro “Vislumbrando novas possibilidades”, em que, a partir da leitura e discussão de uma fábula, os integrantes do grupo puderam construir e representar um final “adequado” para os personagens.

Os métodos aqui descritos possuem referências que fundamentam nossas práticas e que serão aprofundadas no próximo item.

6. Arquitetura do Trabalho Sociopsicodramático

A prática Sociopsicodramática assenta-se em três bases ou pilares, a saber: contextos, instrumentos e etapas. (GONÇALVES et al,1988)

6.1. Contextos

Refere-se ao encadeamento de experiências vividas, individuais ou coletivas, de pessoas que se inter-relacionam numa casualidade espaço-temporal. Os contextos do Sociopsicodrama são três: social, grupal e dramático.

- **Contexto Social:**

É constituído pela realidade social tal como é, tempo cronológico, espaço concreto e geográfico a que pertence. Por exemplo, muitas informações, relatos e vivências de uma pessoa, referem-se ao meio social de onde vêm.

Tomando a Pastoral da Sobriedade como referência, verificamos que seus integrantes se relacionam há muito tempo. Estabeleceram vínculos de amizade a partir dos trabalhos voluntários que desenvolvem na comunidade religiosa. Além dos atendimentos aos dependentes e codependentes, atuam colaborando em todos os eventos, encontros, retiros e festas religiosas, assessorando o pároco nas diversas atividades administrativas e operacionais que tais eventos envolvem. Nos finais de semana costumam se reunir para assistir as missas, planejar os próximos eventos ou solucionar alguma ocorrência, o que possibilita um estreito convívio entre os membros da comunidade.

- **Contexto Grupal:**

É formado pela realidade do grupo, pelo tempo cronológico combinado previamente e espaço concreto que poderá ser escolhido. Este contexto está contido no grupo que o forma a partir de objetivos específicos e situações definidas. O grupo é formado pelo diretor, egos auxiliares e demais integrantes com seus átomos sociais. É permeado pelo inconsciente podendo representar a miniatura ora da sociedade, ora da família (GONÇALVES et al, 1988).

Por exemplo, além da unidade funcional (diretor e ego auxiliar), o grupo pesquisado é constituído pelos sete agentes da pastoral que passamos a denominar agentes sociocomunitários, a partir dos encontros. De acordo com a disponibilidade dos integrantes, os encontros costumam acontecer quinzenalmente, no salão de eventos da igreja.

- **Contexto Dramático**

É constituído pelo “como se” (realidade dramática), pelo tempo subjetivo e pelo espaço virtual construído sobre o concreto, devidamente marcado. Nesse contexto tudo ocorre no “como se fosse” do imaginário e da fantasia. É um ambiente protegido, onde todos têm a oportunidade de tecer as suas histórias. No contexto dramático os papéis podem ser criados e recriados, manifesta-se o inconsciente, o homem criativo e cósmico (GONÇALVES et al, 1988).

Nos primeiros encontros o grupo demonstrou dificuldades consideráveis para a produção dramática, focavam o verbal e evitavam a ação, mas na medida em que se reconheciam unidos pelos mesmos propósitos e dificuldades, os níveis de reserva, desconfiança e ansiedade se atenuaram. Inicialmente, intercalavam esboços de ação com relatos e depois, paulatinamente, começaram a surgir as primeiras construções dramáticas.

6.2. Instrumentos

Constituem os meios ou ferramentas utilizados na execução do método e técnicas sociopsicodramáticas.

São cinco os instrumentos: cenário, protagonista, diretor, ego-auxiliar e público.

- **Cenário:**

É o espaço onde ocorre a ação dramática. A decoração do espaço pode ser estabelecida entre o diretor e o protagonista (ou grupo), segundo as necessidades da cena. No cenário uma cadeira ou qualquer outro objeto pode representar uma casa, uma mesa, etc. Em objetos, projeta-se o clima da cena.

No espaço onde acontecem os encontros com a Pastoral da Sobriedade, existem cadeiras, mesas e um quadro negro. Em concordância com o grupo, decidimos dispor as cadeiras em semicírculo, reservando o espaço central para a ação dramática. As mesas e as cadeiras são utilizadas nas dramatizações, quando necessário.

- **Protagonista:**

Do grego significa: proto = primeiro, principal; agonistes = lutador, competidor. É o indivíduo ou grupo que emerge para a ação dramática. Em nosso trabalho, a constante foi o grupo como protagonista.

- **Diretor:**

É o terapeuta ou o socioeducador que coordena a ação sociopsicodramática. Suas funções são: diretor da cena, terapeuta e analista social. Na função de diretor, promove o aquecimento e mobiliza sua sensibilidade para, junto dos egos e protagonista (ou grupo), estabelecer uma melhor direção. Como terapeuta interage com o protagonista de forma atenta e acolhedora e como analista social, juntamente com os egos, argumenta e compartilha sobre o que percebeu e compreendeu da experiência vivida em cena (GONÇALVES et al, 1988).

Nos encontros com os agentes sociocomunitários, a autora sempre dirigiu e contou com a colaboração e apoio de uma ego-auxiliar. Desde o primeiro encontro, a fim de estabelecer um ambiente acolhedor e afetivo, a unidade funcional optou como estratégia, montar uma mesa com bebidas (suco, água, café ou chá), alguns salgados ou doces. Assim, findada as atividades e no final de cada encontro, realizamos, por alguns minutos, uma espécie de confraternização. Acreditamos que o ato de partilhar alimentos ou fazer as refeições estabelece um clima de confiança e integração, possibilitando o despertar de sentimentos como o de “estar sendo

acolhido e cuidado”. O grupo reagiu positivamente e nos encontros seguintes, sentindo-se motivados, começaram a contribuir, trazendo algum prato.

- **Ego-auxiliar:**

Na cena, é o terapeuta ou o socioeducador que interage com o protagonista, em nosso caso, o grupo. Tem tripla função: ator, auxiliar do protagonista e observador social. Como ator representa papéis, auxilia na manutenção do aquecimento específico e por sua habilidade no desempenho do papel complementar pode facilitar a catarse e os *insights*. Observa as inter-relações e comunica ao diretor situações ou aspectos que porventura possam ter passado despercebido (GONÇALVES et al, 1988).

- **Público:**

São os participantes da sessão sociopsicodramática no momento em que não estão em cena. No compartilhar de seus comentários, colaboram com os membros do grupo que entraram em cena, funcionando como caixa de ressonância.

Nos encontros com os agentes sociocomunitários, quando ocorriam as dramatizações, enquanto um subgrupo apresentava a cena os outros participavam como público, contribuindo com comentários e considerações.

6.3. Etapas

A sessão sociopsicodramática possui três etapas distintas: aquecimento, dramatização, compartilhar e processamento ou elaboração.

- **Aquecimento:**

É o momento de preparação para a dramatização, implicando na grupalização e no foco a ser trabalhado.

O aquecimento pode ser inespecífico e específico. O inespecífico pode se dar com iniciadores verbais ou corporais e finaliza com o surgimento do protagonista que poderá ser um indivíduo ou o grupo. Logo depois acontece o aquecimento específico, ou aquecimento do protagonista ou grupo, preparando-os para a ação.(GONÇALVES et al, 1988)

Com o grupo da Pastoral utilizamos, no aquecimento inespecífico, iniciadores verbais e corporais. Nos primeiros encontros, a unidade funcional pode perceber em

relação aos iniciadores corporais, resistência. Os integrantes, em sua maioria, quase que se limitava a olhar para a unidade funcional em movimento. Surgiam, assim, perguntas sobre a finalidade dos movimentos corporais. A unidade funcional procurou esclarecê-los discorrendo sobre a importância do corpo na expressão dos sentimentos, emoções e comunicação das ideias. Para tanto, o corpo também precisa ser preparado para a ação, a exemplo do atleta que o aquece para desempenhar com sucesso, a atividade esportiva.

Em relação aos dois primeiros encontros, o aquecimento específico transcorreu normalmente enquanto não se pedia a ação dramática. A necessidade de falar era intensa e o pedido da ação parecia ser recebido com certa aversão.

- **Dramatização:**

Nessa etapa se dá a ação dramática. Já aquecido, o protagonista e, no nosso caso, o grupo como protagonista traz para o contexto dramático o seu conflito, representando as figuras do seu mundo interior. É nesse contexto que o ego-auxiliar ajudará o protagonista a perceber os elementos presentes na ação dramática. Essa etapa finaliza com o esclarecimento, encaminhamento ou resolução do conflito expresso (GONÇALVES et al, 1988).

As primeiras construções dramáticas surgiram a partir do terceiro encontro. As duas cenas foram rápidas e sem fala. Refizeram as cenas e dessa vez como agentes de mudança. Após a realização das cenas, discorreram sobre o enredo.

- **Compartilhar:**

Nessa etapa, cada participante poderá expressar primeiramente os sentimentos e emoções experimentados na dramatização e depois a vivência de conflitos semelhantes. Após, poderão ser feitos outros comentários sobre a cena (GONÇALVES et al, 1988).

Em todos os encontros o grupo não se furtou a falar. Relataram as emoções e algumas vezes articularam com as experiências vividas no grupo de dependentes e codependentes.

- **Elaboração:**

Processo que se dá depois do compartilhar ou antes da próxima sessão sociopsicodramática, cujo diretor, rememorando o ocorrido na cena dramatizada,

auxilia o entendimento dos participantes e dos conteúdos expressos (GONÇALVES et al, 1988)

Normalmente, após o compartilhamento das emoções, a unidade funcional ouve o grupo da Pastoral em suas dúvidas e feedbacks e comenta o percebido nas cenas, relativo às dificuldades ou à criatividade em determinados momentos.

- **Processamento:**

É um tipo especial de elaboração (conhecimentos técnicos) com características educacionais e didáticas. Ocorre na formação do profissional do Psicodrama.

Essa unidade funcional costuma processar separadamente e depois nos reunimos (direção e ego) para discutir percepções, dúvidas e planejar o próximo encontro, com propostas embasadas nas necessidades que pudemos verificar e que acreditamos que devem ser trabalhadas. Muitas vezes envolvida com os desdobramentos da cena, a direção deixou de atentar para detalhes importantes como expressões, uma determinada fala e que foram recuperados pela ego-auxiliar.

6.4. Técnicas Básicas

Segundo Moreno (1984, p. 28), são “formas psicodramáticas de desempenho de papéis”.

As técnicas básicas estão fundamentadas nas fases do desenvolvimento, na Matriz de Identidade. Retomaremos nesse momento os três grandes estágios no desenvolvimento do indivíduo na Matriz, articulando-os com a técnica básica correspondente.

- **Primeira Fase - Duplo:**

Refere-se à identidade total na qual criança, mãe e mundo se fundem em um todo inseparável. A criança mantém estreita dependência com seu cuidador (mãe ou alguém que a auxilie), para fazer por ela tudo o que ela ainda não capaz de fazer. A técnica referente a esse estágio é o duplo, que no sociopsicodrama é feito pelo ego-auxiliar ou diretor, expressando em determinado momento o que o protagonista não consegue expressar. Para tanto, o ego-auxiliar deve adotar a mesma postura corporal do protagonista, procurando estabelecer inclusive a mesma sintonia emocional com ele. Em seguida expressa sentimentos, ideias, perguntas questões,

procurando fazer com que o protagonista se identifique com este duplo, possibilitando o *insight* (GONÇALVES et al, 1988).

- **Segunda Fase - Espelho:**

Relaciona-se com reconhecimento do eu. Nessa fase a criança presta atenção em si mesma e pensa se tratar de outra pessoa. Quando vê sua imagem refletida na água ou no espelho não percebe que é sua, mas se sente atraída. Inicia com vários movimentos e caretas, percebe que o “espelho” repete os seus movimentos. Torna a fazê-los até que descobre que a imagem é sua. A técnica do espelho está embasada nesta experiência da criança.

No contexto sociopsicodramático o protagonista não tem um espelho real, mas pode ver-se através do ego-auxiliar que o representa no cenário. Na cena o ego-auxiliar entra e começa a espelhar o protagonista, que assiste a si mesmo, frente a frente ou o diretor retira o protagonista da cena e fica com ele assistindo, o desempenho do ego que tomou o seu lugar na ação dramática (GONÇALVES et al, 1988).

- **Terceira Fase – Inversão de Papéis.**

É a fase do reconhecimento do outro, na qual a criança representa o papel do outro, tornando-se capaz de sair de si mesma. Embasado nessa fase, Moreno criou a técnica da inversão de papéis, dando a essa fase o mesmo nome. Na ação dramática a técnica inversão de papéis se configura quando o protagonista toma o papel do outro e este, toma o seu. Porém só pode ser realizado, se as duas pessoas estiverem presentes. Quando se tratar de um papel do mundo interno do protagonista, considera-se uma inversão incompleta. Neste contexto, o termo considerado mais preciso é tomar o papel do outro.

As três técnicas básicas, inversão de papéis, espelho e duplo, originam todas as outras já criada (GONÇALVES et al, 1988).

Das técnicas básicas apresentadas, reconhecemos que vêm sendo utilizadas à medida que aprofundamos o vínculo com o grupo, o que está ocorrendo agora, na segunda etapa.

IV. O TRABALHO REALIZADO

1. O projeto

O projeto foi idealizado a partir de demandas que evidenciavam dificuldades relacionais e de apropriação do papel de agente sociocomunitário, no grupo de autoajuda da Pastoral da Sobriedade da Igreja Católica.

Inicialmente, o projeto previa a duração de cinco encontros, que aconteceriam quinzenalmente em datas agendadas e de acordo com a disponibilidade do grupo.

Nossos objetivos consistiam praticamente em: trabalhar as inter-relações no grupo e possibilitar o desenvolvimento do papel de agente sociocomunitário, através do aprendizado de novas formas de acolhimento e atendimento ao dependente e codependente.

Vide, na próxima página, o quadro geral que traz um mapa dos encontros realizados.

QUADRO GERAL DOS ENCONTROS						
Nº do Encontro	Tema	Data	Objetivo	Proposta	Sociodinâmica	Reflexões
1º	Conhecendo o grupo: dificuldades relacionais afloram.	12/11/2011	Aprendizagem de novas e adequadas maneiras de atendimento, como característica importante do papel de cuidador	Apresentação da unidade funcional, apresentação do grupo, contrato, jogo sociométrico, dramatização com uma cena que conte um fato acontecido no atendimento aos dependentes e codependentes, compartilhar e avaliação do encontro.	Receptividade e colaboração nas primeiras atividades, evoluindo para tensão e resistência na etapa da dramatização.	O grupo mostrou-se impossibilitado para a ação dramática. Os membros não ouviam, discutiam entre si, teciam julgamentos, evidenciando dificuldades relacionais e o que nos parecia uma crise instaurada.
2º	Suavizando Tensões.	26/11/2011	Possibilitar a integração do grupo, a hetero percepção, conhecer as atividades que o grupo desenvolve, reflexão sobre as diferentes contribuições que cada um pode dar e possibilitar a descoberta de novas maneiras de atendimento aos dependentes.	Aquecimento geral c/ disparadores corporais e verbais, jogo da hetero percepção, jogo das figuras de personagens infantis, dramatização de um atendimento do grupo aos dependentes e codependentes, compartilhar e avaliação.	De maneira geral, os membros inicialmente se mostraram reservados e ansiosos. Com os jogos das figuras e hetero percepção, denotaram certa descontração, voltando a apresentar dificuldades no momento da dramatização.	As discussões e julgamentos tão presentes no primeiro encontro, pareciam arrefecidos. As atitudes pareciam menos reativas e defensivas e por isso, com menos componentes agressivos e ansiedade. Indagamos se a proposta feita no aquecimento (personagens) foi um disparador adequado p/ ação dramática? As gravuras os remeteu p/ história de vida de cada um e em seguida propor uma cena envolvendo o atendimento, gerou um corte abrupto para um universo objetivo, mobilizando explicações racionais?
3º	Percebendo os próprios limites	4/2/2012	Possibilitar a reflexão sobre valores e ética no acolhimento e atendimento ao outro, como característica relevante do papel do cuidador.	Aquecimento geral com acolhimento ao grupo, retomada do contrato em função do horário dos encontros, aquecimento com iniciadores verbais e imagens de pessoas em estado de vulnerabilidade, dramatização a partir do motivo da escolha da imagem, compartilhar e avaliação.	O grupo mostrou-se disponível, criativo e reflexivo. Colaboraram o tempo todo participando de todas as atividades.	Quanto a proposta, pode-se constatar a articulação entre o aquecimento e a ação dramática, possibilitando a ida ao "como se" e assim revisitar valores de forma vivencial. Os integrantes puderam perceber a existência de alternativas e caminhos diferentes na ajuda ao outro. Consideraram sobre a importância de se ter atitude para mudar e que é possível crescer e aprender sempre.

QUADRO GERAL DOS ENCONTROS						
Nº do Encontro	Tema	Data	Objetivo	Proposta	Sociodinâmica	Reflexões
4º	Vislumbando novas possibilidades	18/2/2012	Possibilitar a reflexão sobre as posturas que assumimos diante das dificuldades, dos limites, das frustrações e do medo.	Aquecimento geral com disparadores corporais e jogo sociométrico. Aquecimento específico com: definição de fábula, síntese biográfica do autor, leitura da fábula de La Fontaine "As orelhas da Lebre", dramatização a partir da cena criada sobre o fim da fábula que foi omitido. Compartilhar e avaliação	A motivação, a criatividade e a disponibilidade para a ação, foram constante durante todo o encontro.	O grupo se disponibilizou para a tomada de papéis e partiram para a ação. Consideraram que mesmo diante do imprevisto e da dificuldade, são capazes de encontrar saídas. Os membros sugeriram disponibilidade para ouvir e para defender seus pontos de vista, sem agressões.
5º	Desejo de Continuidade	10/3/2012	Refletir sobre a caminhada que fizeram desde o 1º encontro, quais foram as características positivas dos encontros, que emoções experimentam no momento e quais são as expectativas para o futuro.	Aquecimento geral com o acolhimento do grupo, disparadores corporais e verbais retomando a caminhada com seus altos e baixos. Aquecimento específico com reagrupamento a partir da semelhança do caminhar (andar), dramatização da cena contendo as contribuições dos encontros, compartilhar e avaliação.	Os integrantes se mostraram focados, motivados e colaboradores durante todo o encontro.	A unidade funcional pode constatar características evolutivas no processo do grupo. A retomada da caminhada (dos encontros) e as cenas dramatizadas, mostraram mudanças de atitudes como: ouvem um ao outro, conseguem realizar atividades juntos e sem realizar atividades juntos e sem agressões. Alem disso parecem ter se conscientizado das proprias dificuldades e limites bem como da necessidade de aprendizado e aprimoramento.
6º	Feedback da primeira fase de encontros	30/6/2012	Fornecer feedback ao grupo, dos 5 encontros da primeira fase.	Acolhimento ao grupo, relacionar as dificuldades iniciais apresentadas, com os progressos alcançados, ao longo da caminhada.	Os membros se mostraram focados e atentos. A retomada da caminhada foi feita com a ajuda do grupo que se mostrou participativo.	Os membros fizeram considerações sobre os benefícios dos encontros, dizendo que os ajudou pois sentem-se mais unidos, trabalham juntos e respeitam a opinião do outro.
7º	Construindo a nova fase	28/7/2012	Levantar as expectativas e necessidades em relação a nova fase de encontros.	Aquecimento geral com disparadores corporais e verbais, através de movimentos, caminhar, enquanto pensam sobre como deve ser a nova fase. Que tipo de ajuda necessitam para colherem melhores frutos nos atendimentos? Dramatização a partir de uma cena de como deveria ser o atendimento aos codependentes. Compartilhar .	O grupo estava participativo e se disponibilizou para a ação dramática.	Consideramos um momento importante, quando o grupo reivindica a dramatização da primeira cena criada, demonstrando autonomia. Neste encontro os membros denotaram disposição e engajamento na busca de novos caminhos para atuação junto a Pastoral.

2. Os encontros

2.1. Primeiro Encontro – Conhecendo o grupo: dificuldades relacionais afloram

Data: 12/11/2011

Direção: Mônica Teixeira

Ego: Suzi Meire Paes

N. de participantes: 06

- **Objetivos:**

Conhecer o grupo, realizar o contrato, conhecer as atividades de atendimento aos dependentes e codependentes. Possibilitar a aprendizagem de novas e adequadas maneiras de acolhimento e atendimento ao outro, como características relevantes do papel de cuidador.

- **Roteiro:**

Aquecimento geral com a apresentação da unidade funcional, dos membros do grupo, realização do contrato e jogo sociométrico. Seguindo com o aquecimento específico, a dramatização, o compartilhar e avaliação.

- **Aquecimento Geral:**

Iniciadas as atividades com o acolhimento do grupo e a apresentação da unidade funcional. Direção e ego discorreram sobre as respectivas graduações, experiências profissionais e sobre estarem ali com o objetivo de ajuda-los na busca de novas formas de atendimento aos dependentes e codependentes. Em seguida, a direção propõe a apresentação dos demais membros do grupo com o uso de uma bola, que, ao passar a bola para um membro, este deveria dizer o nome, profissão, idade, uma palavra que melhor o definiria como pessoa.

Os participantes disseram: **P** (agente Adm., sincera), **I** (do lar, paciente), **D** (do lar, sincera), **L** (auxiliar adm., dedicada), **R** (auxiliar adm., compreensiva) e **J** (comerciante, amigo).

No momento seguinte, foi realizado o contrato com o grupo através de uma atividade com círculos coloridos. Foram distribuídos círculos azuis, amarelos e laranjas aleatoriamente e dito a todos que para cada grupo que se forma são

necessárias regras de convivência que garantam o bom andamento das atividades que serão desenvolvidas no grupo. Por isso cada um teria que anotar no seu círculo colorido, o que deveria e o que não deveria ocorrer no grupo. Terminada essa fase, todos formaram duplas por semelhança de cores e passaram a discutir sobre seus pontos de vista até chegarem a um consenso. Quando chegaram a um consenso cada dupla expos para o grupo a sua posição e as regras foram definidas a partir das similaridades. Seguem descrições:

Dupla	Deve acontecer	Não deve
Azul (L e I)	aceitação do outro ter humildade sinceridade	falta de compreensão vaidade
Amarela (R e J)	harmonia, paz, união Compreensão novas ideias	tristeza individualidade mentira e crítica
Laranja (P e D)	sinceridade Disponibilidade compromisso, amizade participação, perseverança	disputa interrupção
Todos		
Acrescentaram	Pontualidade e sigilo	

Terminado o contrato, a direção realizou o jogo sociométrico no qual foram formados vários subgrupos a partir dos critérios:

Hábito de leitura: todos se posicionaram como tendo o hábito de leitura. Pedi que através de mímica expressassem a vantagem desse hábito e todos realizaram expressões denotando sabedoria e conhecimento.

Filhos: todos têm, e alguns têm netos,

Trabalho nas áreas saúde, escola, empresa, em casa: formaram três subgrupos. Um da saúde (mímica atendimento ao público e preenchimento de papéis), um com donas de casa (mímicas limpando e organizando a casa), um trabalho em empresa (mímica atendimento telefônico, digitação).

Experiência com grupos: todos tiveram experiência atuando em outras pastorais durante anos (mais de dois anos).

Foi Pedido que formassem uma roda sem dar as mãos e mantendo distância um do outro.

Critério 1: Dê um passo a frente quem tem amor no coração. **Todos deram o passo para frente.**

Critério 2: Dê um passo para trás quem as vezes sente muita raiva e indignação com coisas que acontecem no dia a dia. **Todos permaneceram no mesmo lugar.**

Critério 3: Voltem aos seus lugares, na roda, quem sente que está aberto ao outro. **Todos retornaram ao seu lugar na roda.**

Critério 4: Fique lugar quem tem esperança de fazer mudanças. **Todos permaneceram em seus lugares.**

- **Aquecimento Específico:**

A direção pediu ao grupo que se sentassem confortavelmente, em silêncio, de olhos fechados, que procurassem relaxar e pensassem nos últimos encontros do grupo com os dependentes e codependentes. Como estavam? Como foram os últimos encontros? Que fatos ocorreram e que marcaram de maneira positiva ou negativa? Foi pedido que abrissem os olhos e que alguém contasse alguma situação lembrada?

- **Dramatização:**

P se manifestou e disse que **J** deu uma contribuição na última reunião que não foi bem aceita por um dependente, o **A**, acrescentou que todos têm de ter cuidado nas colocações para não parecer ofensa a alguém. **J** se defendeu, disse que sabia que havia cometido um erro, mas que não teve a intenção de ofender ninguém. A diretora solicitou que mostrassem como aconteceu, montando uma cena. Montaram a cena com as cadeiras em círculo, mas, ao invés de demonstrarem, começaram a discutir e cada um defendeu o seu ponto de vista, falando ao mesmo tempo. **R** pediu para falar e comentou que, independentemente do ocorrido com **A** e **J**, ela acreditava que deveria haver muito cuidado ao lidar com dependentes químicos, pois são pessoas que se encontram fragilizadas, portanto, não caberiam a eles direcionar suas opiniões ou julgamentos. Então, a direção pediu

a **R** que mostrasse como deveria ser esse atendimento, ela chega a posicionar as cadeiras na cena, mas tem dificuldade de se colocar no papel. **P** tomou a palavra dizendo que todos têm de ter muito cuidado com as palavras a fim de construir uma relação de confiança. **J** o tempo todo tenta colocar o seu ponto de vista dizendo que tentou dar um conselho, não deixando ninguém falar e os ânimos foram se alterando. A diretora fez sua intervenção pedindo para se acalmarem e observou que aquele era um ambiente protegido, que não era um local para julgamentos, mas que deveria ser estabelecido um clima de compreensão e de entendimento entre os membros do grupo.

- **Compartilhar:**

No momento seguinte, a direção sugeriu o compartilhar das emoções e sentimentos vividos, naquele primeiro encontro. **J** tomou a palavra e não permitia aos outros se posicionarem. Como o horário havia se estendido, a direção sugeriu apenas uma palavra de cada um para avaliar o encontro. Todos concordaram e disseram: **P** (excelente oportunidade), **J** (sinceridade), **R** (aprendizado), **D** (sinceridade), **L** (sinceridade), **I** (união).

Foi combinado o encontro seguinte para o dia 26/11/11 às 16h00.

- **Primeiras Reflexões:**

Na fase inicial do encontro e mais especificamente durante as primeiras atividades o grupo se mostrou receptivo, colaborativo e motivado. Na segunda metade do encontro, com o término do aquecimento específico e início da dramatização, surgiram as primeiras dificuldades relacionais, aumentando a tensão e culminando na impossibilidade para ouvir, nas discussões e julgamentos. Apesar do envolvimento do grupo na maioria das atividades, acabaram mostrando-se impossibilitados para a ação dramática, muito embora a unidade funcional tenha se preparado com dedicação para esse momento. A dramatização não havia acontecido, mas agora tínhamos as evidências de uma crise instaurada. Parecia-nos que o grupo vivia a fase da diferenciação horizontal? A posição sociométrica de um dos participantes surgiu como, quase isolada. Além das dificuldades relacionais, os participantes mostravam dificuldades no desempenho do papel de agente sociocomunitário.

2.2. Segundo Encontro – Suavizando tensões

Data: 26/11/2011

Direção: Mônica Teixeira

Ego: Suzi Meire Paes

N. de Participantes: 06

- **Objetivos:**

Possibilitar maior integração entre o grupo, conhecer as atividades realizadas por eles no grupo de autoajuda, proporcionar atividades que possibilitem enxergar o outro de maneira diferente, possibilitar reflexão sobre as diferentes contribuições que cada um pode dar ao grupo e possibilitar a descoberta de novas maneiras de atendimento aos dependentes e codependentes.

- **Roteiro:**

Aquecimento geral com o acolhimento do grupo e a retomada do último encontro, iniciadores verbais e corporais, aquecimento específico com os jogos da hetero percepção e das figuras de personagens, dramatização, compartilhamento e avaliação.

- **Aquecimento Geral:**

O encontro foi iniciado com o acolhimento do grupo e as boas vindas. Em seguida, foi retomado o encontro passado, lembrando as atividades desenvolvidas, e **D** aproveitou para tecer um comentário sobre a sua esperança de que o grupo pudesse ser mais unido. No momento seguinte, **D** perguntou se havia mesmo essa possibilidade do grupo se entender, pois às vezes parecia que não seria possível? Aproveitando a oportunidade, a direção perguntou qual era a ideia que tinham sobre grupo? As respostas foram: **(I)** disse que era um local de partilha, de divisão de tarefas e de entender um ao outro, **(P)** disse que grupo eram várias pessoas com o mesmo objetivo, **(D)** que era um agrupamento de pessoas com objetivos comuns, local onde as pessoas se relacionam, **(L)** pessoas com um mesmo ideal, para chegar a um fim, **(R)** várias pessoas diferentes, às vezes com os mesmos objetivos, com pensamentos e opiniões diferentes, mas que se juntam para um bem comum, **(J)** existem vários grupos, por exemplo, o grupo escolar que é um agrupamento de pessoas em busca de aprendizado e ficarão unidas por um determinado tempo. Nesse momento a direção acrescentou que todos estavam

certos, mas que os grupos continham pessoas diferentes e que por esse motivo, pensavam e agiam diferentemente, trazendo em muitos momentos algumas dificuldades, porém, com o tempo e empenho de todos, essas dificuldades poderiam ser superadas. Todos concordaram.

Em seguida, foi proposto pela direção, que todos andassem pela sala aleatoriamente. Deveriam andar e alongar os braços, pernas, pescoço e após, se deu o jogo da hetero percepção.

- **Aquecimento Específico:**

A direção propôs a formação de um círculo e que todos se olhassem por alguns segundos. Em seguida, fecharam os olhos e foi solicitado a cada um que descrevesse a postura e as roupas do colega a esquerda. De maneira geral, todos conseguiram realizar a descrição. Logo após, a direção pediu que formassem duas filas de modo que uma fila ficasse diante da outra. Cada um observou seu colega a frente, por alguns segundos, atentando para a sua aparência. Os componentes da primeira fila deveriam virar de costas enquanto os da segunda fila modificavam algo em sua aparência. No momento seguinte, a solicitação foi para que os integrantes da primeira fila voltassem e olhassem para os colegas da segunda fila, dizendo se havia algo diferente? Todos acertaram. O jogo foi repetido com a segunda fila e todos acertaram as modificações na aparência do colega. Parabenizei a todos.

Finalizado o jogo da hetero percepção, a direção propôs o jogo com as gravuras de personagens de desenho animado, que foram espalhadas no centro da sala. Depois de um olhar atento, deveriam escolher as gravuras que mais chamassem a atenção. Fizeram as suas escolhas. Logo em seguida, foi solicitado que se manifestassem, respondendo as seguintes perguntas: O por que daquela escolha e que semelhanças aquele (s) personagem (ns) tinha com cada um? As respostas foram:

(L) Garfield – Gosto muito desse personagem. Ele se difere de mim por ser bonachão, egoísta e ri de si mesmo, mas tem semelhanças comigo, por ser feliz e fiel a família. **Mônica e Cebolinha** – gosto muito também, a Mônica é batalhadora, vai atrás do que quer, dá a volta por cima, é amiga como eu. A diferença entre nós é que ela bate no outro, briga e eu não. O Cebolinha é como o meu marido, gosta de por defeito em mim.

(R) Ursinhos Carinhosos – Lembra-se de sua infância. Eles, os ursinhos, são unidos. Veio para São Paulo e deixou a família em Londrina, mas mantém contato, são ligados, amam-se. **Boo do filme Monstros e Cia** – É independente, batalhadora, luta pelo que quer, mas no fundo ainda é uma menina que precisa de atenção. Não saberia dizer qual é a diferença entre elas.

(I) Shrek – Escolheu esse personagem porque a neta adora. Acha que o personagem é amigo, afetuoso, protetor, decidido e corajoso. **Toy Store** – escolheu porque o filho dela adora, mas não saberia dizer as semelhanças e diferenças que esses personagens tem com ela.

(D) Carros – É barulhento como ela. **Branca de Neve** – batalhadora e perseverante, pois aguentava a madrasta. A diferença é que Branca de Neve é muito boazinha e ela não. Quando a tiram do sério não é nada boazinha.

(P) Pica-Pau – Sempre dá a volta por cima, sempre acha uma solução para os problemas. Acha que se assemelha com ele, pois luta muito para superar as dificuldades. A diferença é que se acha mais calada do que ele, é observadora. **Mickey** – É observador, vai até o fim nos seus objetivos, persistente, protetor como ela é. O Mickey é amigo da Minnie, mas ela não é amiga do seu marido, pois o marido não é sociável.

(J) Tio Patinhas – Investe, vive para a família, mas é pão duro, avarento, guarda o seu dinheiro. Assemelha-se a ele por ser trabalhador e a diferença é que para ele o dinheiro não importa. **Pernalonga** – Esperto, sempre resolve os problemas, perseverante, tem senso de humor. As semelhanças é que são alegres e virtuosos (Pernalonga e ele), e a diferença é que o Pernalonga, às vezes, tenta enganar o outro e ele não.

- **Compartilhar:**

Após as considerações sobre os personagens, foi realizado o compartilhar e surgiram as seguintes declarações:

(L) - Sentiu muitas saudades dos filhos, de quando eram pequenos, mas gostou das lembranças.

(R) – Lembrou-se de quando era criança e sentiu saudades, foi bom porque as pessoas costumam pensar que ela é brava, mas se considera uma boa pessoa.

(I) – As figuras lembraram os filhos, sentiu-se feliz.

(D) – Chorou e depois disse que se lembrou da família, da sua vida sofrida na infância, quando trabalhava na roça. Lembrou-se do amor da mãe, de como era carinhosa com todos os filhos. Foram sentimentos bons, trouxeram-lhe mais força, mais garra para enfrentar as dificuldades.

(P) – Teve um sentimento de liberdade.

(J) – Adora desenhos animados, acha que foi muito influenciado pelos desenhos. Acha que temos muito a aprender com os personagens de desenhos animados. Foi uma sensação muito boa.

- **Dramatização:**

Terminada a atividade, foi dito ao grupo que, a fim de aprimorar o atendimento da Pastoral aos dependentes e codependentes, era importante o grupo mostrar como realizavam o trabalho deles. Para tanto, eles deveriam montar o cenário, criar os personagens (agente, dependente, codependente) e mostrar uma situação ocorrida no trabalho.

Chegaram a montar uma recepção com mesa, cadeira e uma atendente **(L)**, que acolheria o dependente chegando a Pastoral, e caberia a ela dar as instruções de participação, as boas vindas e realizar o preenchimento do cadastro. Também criaram o personagem **M** chegando com um amigo **A**, que o trouxe por ter ouvido falar sobre a Pastoral na missa do domingo. Embora a direção tivesse envidado esforços para que mostrassem através da ação, começaram a relatar como se dava o atendimento do dependente em sua primeira vez na Pastoral. A direção pediu que fosse mostrado através de uma cena, mas todos prosseguiram relatando. **(L)** **(P)** e **(J)** alternaram entre discurso e alguns gestos e continuaram relatando o papel do coordenador no grupo:

- O dependente e o acompanhante é recebido, orientado sobre o preenchimento da ficha cadastral, orientado sobre os dias e horários das reuniões. As 19h30 a reunião inicia com o terço, as 20h00 cantam para receber os participantes do grupo (para cada passo dos 12 passos, há um canto diferente). O coordenador explana sobre o programa (dos 12 passos), fala sobre o lema (somente por hoje, graças a Deus) e todos se apresentam. Em seguida é feita a leitura da frase do “passo” do dia, feita a leitura bíblica, a partilha da palavra do evangelho e depois se dividem em três grupos de modo que dependente e codependente não fiquem no mesmo grupo. Cada grupo é coordenado por um agente, que concede

algum tempo para os dependentes e codependentes, se manifestarem e falarem sobre si mesmos e sobre as suas dificuldades. Nesses grupos os agentes não podem dar conselhos, só acolhem e ouvem. Após a reunião, um dos agentes confecciona a ata da reunião. As reuniões acontecem às terças-feiras das 19h30 às 21h30.

Como todos falavam e na impossibilidade da dramatização, foi utilizada a técnica da entrevista, a fim de clarificar as informações que estavam sendo dadas.

- **Avaliação:**

A direção propôs avaliação final, pedindo uma palavra e foram feitas as seguintes considerações:

(D) – Momento de autoconhecimento, de lembranças boas.

(P) – Momento importante para enxergar o outro, para se abrir ao outro.

(L) – A Pastoral lida com o pior do ser humano. Temos que ajudar a resgata-los, a trazê-los de volta para a vida. Entristeço-me ao ver pessoas que deveriam ser saudáveis, nesta situação.

(I) – Nos conhecer é muito bom. Vamos aos poucos, nos revelando, pois todos temos contribuições para dar.

(R) – Acho que hoje conseguimos responder melhor o que vocês queriam saber? É importante ver no outro os detalhes, perceber coisas boas, conhecer melhor o outro.

(J) – Foi bom interagir, mexer um pouco com os sentimentos, com a vida, com as lembranças.

Finalizamos marcando o próximo encontro, para fevereiro do próximo ano, em função dos compromissos de fim de ano e férias dos integrantes.

- **Primeiras Reflexões:**

Inicialmente, o grupo parecia sugerir prontidão. Demonstravam atenção, mas, também, certa reserva e ansiedade. No aquecimento específico, com o término do jogo da hetero percepção e início do jogo das gravuras, mostraram certa descontração sorrindo, identificando os personagens dos desenhos animados, comentando sobre suas escolhas, preferências e características dos personagens, com certa desenvoltura. Como o grupo sugeriu certa disponibilidade para falar de suas emoções, a direção optou por um compartilhar antes da etapa da

dramatização. No momento da dramatização, o grupo novamente demonstrou dificuldades na tomada dos papéis, alternando relato com gestos, muito embora a direção tenha feito algumas tentativas para a continuidade da ação. Para a direção, o fato do grupo não ter prosseguido com a dramatização, causou certo incômodo.

O grupo, por sua vez, pareceu menos tenso e as discussões e julgamentos tão presentes no primeiro encontro, pareciam arrefecidos. De maneira geral as atitudes pareciam menos reativas e defensivas e, por isso mesmo, com menos componentes agressivos e ansiedade.

Cabe-nos indagar se a proposta feita no aquecimento (personagens), foi um bom disparador para a ação dramática.

Tomando distância, nesse momento, pode se considerar que as escolhas das gravuras, trazendo personagens, remeteu-os a experiências da história de vida de cada um.

Propor a construção de uma cena envolvendo o atendimento gerou um corte abrupto para um universo objetivo, mobilizando explicações racionais.

Com esse encontro aprendo que é fundamental articular melhor o aquecimento com a ação dramática esperada. A proposta do aquecimento continha nela mesma um desdobramento de ação dramática que investiria no autoconhecimento de tal forma, que as “personagens” pudessem ser mais bem exploradas.

2.3. Terceiro Encontro – Percebendo os próprios limites

Data: 04/02/2012

Direção: Mônica Teixeira **Ego:** Suzi Meire Paes

N. de Participantes: 09 (com a direção e ego)

- **Objetivos:**

Possibilitar a reflexão sobre valores e ética no acolhimento e atendimento ao outro, como características relevantes do papel de cuidador.

- **Roteiro:**

Aquecimento geral com o acolhimento do grupo, retomada do contrato em função do horário dos encontros, utilização de iniciadores verbais e fotos (imagens)

de pessoas em estado de vulnerabilidade, aquecimento específico, dramatização, compartilhar e avaliação do encontro através de uma palavra.

- **Aquecimento Geral:**

Antes da chegada do grupo, foram dispostas no chão e em círculo as fotos das pessoas em estado de vulnerabilidade. Os participantes foram chegando paulatinamente e como alguns demoraram, atrasando o início do encontro, a unidade funcional optou por retomar o contrato, a fim de verificar possíveis dificuldades e um novo horário que pudesse atender a todos.

O grupo foi acolhido e após relatarem sobre como passaram as festas de fim de ano e o período de afastamento, a direção sugeriu a retomada do contrato para ajustar o horário dos encontros. Resolvida a questão, foi solicitado que o grupo ficasse em pé, caminhasse em redor das fotos e as olhassem, detidamente.

- **Aquecimento Específico:**

Enquanto olhavam para as fotos, a direção pediu que pensassem na situação que aquelas pessoas representavam. O que aquelas pessoas realizaram? Que histórias teriam vivido? Após algum tempo, a direção pediu para cada um parar em frente a foto que mais havia chamado atenção. Em seguida, a diretora questionou cada participante a respeito das emoções e sentimentos surgidos, ao olharem para a foto? Pediu também a cada um, que dissesse o sentimento que surgiu?

- **As escolhas das fotos e os sentimentos que surgiram:**

(D) Escolheu a foto do coração formado por mãos negra e branca e disse:

- O coração é sinônimo de amor. A direção questionou sobre o sentimento que surgiu? E (D) respondeu: - Deus tem amor incondicional por todos nós, sem distinção. Precisamos ter amor para dar.

(L) Escolheu a mão adulta segurando a mão de uma criança e disse:

- Essa foto, me lembra duma porção de coisas. Lembra-me o profundo amor, pois só quem ama, ampara. Lembra-me a união da família, os olhos fechados das autoridades para o sofrimento de muitos, a falta de qualidade de vida, a fome, a miséria, o abandono, mas também, a união e apoio dos amigos, sentimento de dor e tristeza.

(P) Escolheu a foto dos alagados e disse:

- Sinto tristeza. A direção perguntou por quê? **(P)** respondeu emocionada:

- Por que já vivi esta realidade. Também sinto gratidão por, hoje, estar bem.

(I) Escolheu a foto do homem atrás das grades e disse:

- Já vivi isto com meu filho. Ele tinha tudo o que queria, mas não deu valor, ficou preso por três meses. Sofremos muito com tudo isso e acho que é falta de espiritualidade do meu filho. Sinto-me abandonada.

(M) Escolheu o homem deitado na calçada e disse:

- Traz um sentimento de abandono e desprezo. Sensação de falta de perspectiva de vida.

(J) Escolheu homem e mulher cabisbaixos com uma criança no colo e disse:

- Deus tem sabedoria e nos ensina que todos podemos vencer, superar barreiras. Não devemos perder a força, o amor e a fé. Temos que ser honestos e praticar o bem. A diretora pediu para que **(J)** dissesse um sentimento?

- Sinto paz de espírito, pois já vivi situações complicadas de falta de emprego, mas fui em frente, com fé, e venci.

(R) Escolheu a foto de duas mulheres abaixadas, alimentando-se, e disse:

- Fome, miséria, sentimento de revolta e tristeza. Revolta com os políticos, que roubam de quem menos tem. A miséria leva as pessoas a roubarem e até matarem por desespero. Revolto-me comigo mesma. A diretora perguntou por quê?

(R) disse:

- Por não ajudar mais as pessoas que precisam.

• **Dramatização:**

Terminados os relatos das escolhas e sentimentos que surgiram, a diretora pediu que formassem dois grupos a partir das similaridades das escolhas e dos sentimentos surgidos. A partir de então, cada subgrupo deveria discutir entre si, o porquê escolheram aquelas fotos e que papel social, aquelas fotos representavam?

Finalizada a discussão, cada subgrupo deveria montar uma cena sem fala, que representasse a conclusão que chegaram a partir das discussões.

Cena 1 – (J,D e P) Um casal de mão dadas, parecem tristes e preocupados, caminham sem saber para onde ir. Surge alguém que os acolhe, abraçando-os e termina a cena.

Cena 2 – (I,M,R e L) Duas mulheres na rua conversam enquanto andam e passam com indiferença, perto de um homem desesperado, sentado na calçada. O

homem desesperado rouba a bolsa de uma delas e um policial que está por perto, prende-o. O homem é levado para a cadeia e preso, recebe a visita de uma mulher que se identifica como agente da pastoral carcerária e que lhe dá apoio. Ele se queixa, diz que está desesperado, que abandonou tudo por causa das drogas. A agente lhe diz palavras de fé e que buscará sua mãe para visita-lo. A mãe o visita na cadeia, lhe dá conselhos, o incentiva a procurar a Deus e a fazer um tratamento. Ele aceita, e os dois se abraçam.

A direção perguntou a plateia se alguém queria fazer diferente? Ninguém se manifestou.

A diretora cumprimenta os subgrupos pela cena e pergunta como seria uma terceira cena, a partir do que foi apresentado? Então, pede aos subgrupos, que montem uma outra cena, com a proposta de mudança. Que façam diferente.

Cena 3 – (J,D e P) O casal (marido e mulher) de mãos dadas andam pela rua, tristes e preocupados. Ambos perderam tudo, estão sem dinheiro, sem trabalho e sem alimento. Surge uma pessoa cristã, que os acolhe, lhes dá alimentos e um novo emprego. O casal, agora feliz, agradece.

Cena 4 – (I,M,R e L)

A cena é retomada com as duas mulheres que andam pela rua conversando. Passam diante do homem na calçada e, dessa vez, param para conversar com ele, dando-lhe atenção e ouvindo o que ele tem a dizer. Ele se queixa, diz que está desesperado, que abandonou tudo por causa das drogas. Elas oferecem ajuda, dão à ele alimento e o convida para as reuniões com a Pastoral da Sobriedade. Os três saem juntos e a cena termina.

- **Compartilhar:**

(M) Disse que adorou o retratar a vida real. Que essa experiência, ajuda no crescimento de cada um e que fazer a cena diferente, ajudava a ver por um outro ângulo. A direção pede uma palavra para avaliar o encontro e ele disse: **Crescimento.**

(R) Como o nosso grupo é de autoajuda, as pessoas trocam ideias e isso pode ajudar a mudar a vida. Encenamos o que escolhemos (a foto que escolhemos) e agimos. Temos que parar de só pensar, e passar a realizar. Temos que ter atitude. Um necessitado não precisa do nosso medo, precisa do nosso carinho e atenção. Ao pedido da direção, disse a palavra: **Atitude.**

(L) Disse que ajudar as pessoas é importante. No ano passado, relatou que passou uma situação de conflito na região da Cracolândia. Ela foi cercada por algumas pessoas que viviam ali e que a acompanharam até o ponto de ônibus, despedindo-se dela. Ela subiu no ônibus e se sentiu culpada por ter se omitido. Deveria ter ajudado de alguma forma aquelas pessoas. A direção lhe pediu uma palavra para avaliar o encontro: **Ajuda.**

(I) Disse que a cena refeita, é o que a Pastoral da Sobriedade não faz. Acha que deveriam dar mais apoio, como alimentos, abrigo, encaminhar para outras pastorais a fim de receberem (os dependentes), mais ajuda. Disse a palavra: **Acolhimento.**

(D) Acha que as pessoas tem que ter perseverança, amor. Se não temos amor, não conseguimos suportar as dificuldades. A direção pediu uma palavra e ela disse: **Amor.**

(J) Pensa que a Pastoral deva ser audaciosa e tomar mais atitudes. Deve agir com flexibilidade também, agir de acordo com cada situação, mostrar que se pode fazer algo a mais. Cada Pastoral tem sua função e limites de atuação, mas deve mostrar que existe um novo caminho a seguir, que há esperança. Às vezes, devemos falar de igual para igual e as vezes, temos que baixar para poder conversar e ajudar (baixar no nível das pessoas, ter interação). A direção pediu uma palavra e ele disse: **Humildade.**

(P) Declarou que tinha sido a melhor reunião. Disse a palavra: **Autoconhecimento.**

- **Primeiras Reflexões:**

O encontro foi muito produtivo. O grupo se mostrou criativo, reflexivo e disponível. Apesar de terem lidado com conteúdos fortes, os participantes se mostraram colaboradores, praticamente o tempo todo. A unidade funcional se sentiu especialmente gratificada por notar no grupo os primeiros sinais de integração e foco. Havíamos alcançado nosso objetivo, que era exatamente destacar a importância do acolhimento ao outro. Um acolhimento isento de preconceitos e julgamentos. Puderam perceber que existiam alternativas, caminhos diferentes e que para ajudar o outro, era necessário primeiro, ter uma atitude de aceitação. Fizeram considerações sobre a importância de se ter atitude para mudar e que é possível crescer e aprender sempre. Concluíram que o autoconhecimento e a

humildade são componentes importantes no trato com o outro. Disseram que muitas vezes se sentiam insatisfeitos e frustrados por desejar realizar muito mais e assim, corresponder às necessidades do outro.

Há um caminho a ser feito para a aceitação dos próprios limites.

Quanto à proposta, pode-se constatar a articulação entre o aquecimento e a ação dramática, possibilitando a ida ao “como se” e assim revisitar valores de forma vivencial.

2.4. Quarto Encontro – Vislumbrando novas possibilidades

Data: 18/02/2012

Direção: Mônica Teixeira **Ego:** Suzi Meire Paes

N. de Participantes: 08

- **Objetivos:**

Possibilitar a reflexão sobre as posturas que assumimos diante das dificuldades, dos limites, das frustrações e do medo.

- **Roteiro:**

Aquecimento geral com o acolhimento do grupo, disparadores corporais e jogo sociométrico. Aquecimento específico informando sobre a atividade de leitura de uma fábula, definição do conceito de fábula, síntese biográfica do autor La Fontaine, leitura da fábula “As orelhas da lebre”, dramatização, compartilhar e avaliação do encontro a partir de uma palavra.

- **Aquecimento Geral.**

A unidade funcional acolheu o grupo com um novo membro **(DI)**, e depois de posicioná-lo através de um breve relato, sobre os encontros, indagou como transcorreu a semana deles? **(L)** falou que surgiram algumas dificuldades no início de sua semana, mas que melhorou e que, naquele momento, estava tudo bem. **(P)** Comentou que a semana foi maravilhosa, que tudo correu bem, que foi uma semana de paz. **(D)** disse que a semana teve momentos bons e ruins. A sogra está doente e precisa de muitos cuidados e sua filha provavelmente precisará se submeter a uma cirurgia. Procura se fortalecer com orações. **(DI)** era a primeira vez que participava do grupo e que estava bem. **(J)** a semana foi boa, fez aniversário (59) anos e

celebrou com os familiares. **(I)** problemas com os filhos, sempre acabam interferindo na relação dela com o marido, mas está tentando contornar. **(M)** correu tudo bem. **(R)** disse que a semana foi boa.

Com o fim dos relatos, a direção pediu que todos caminhassem pela sala, explorando todos os espaços e, ao mesmo tempo, que prestassem atenção a respiração. Que inspirassem profundamente e depois expirassem lentamente. Em seguida, foi pedido que tentassem perceber pontos de tensão no corpo e que alongassem o pescoço, os braços e as pernas. Após, a direção propôs o jogo sociométrico, pedindo que se posicionassem do lado direito se a resposta fosse negativa e do lado esquerdo, se a resposta fosse positiva.

1º Critério - Ficam nervosos ou bravos com facilidade?

Todos se posicionaram do lado direito (não).

2º Critério – Têm paciência para ouvir as pessoas?

Todos se posicionaram do lado esquerdo (sim).

3º Critério - Têm dificuldade de mudar de ideia?

Todos se posicionaram do lado direito (não)

4º Critério - Têm dificuldade de falar o que está sentindo?

(R) e **(I)** se posicionaram do lado esquerdo (sim) e o restante ficou do lado direito.

5º Critério – Se sentem a vontade para falar em público?

(R), **(I)** e **(M)** se posicionaram do lado direito (não) e o restante, do lado esquerdo (sim).

6º Critério – Gostam de viajar?

Todos se posicionaram do lado esquerdo.

7º Critério – Gostam de ouvir histórias?

Todos se posicionaram do lado esquerdo.

8º Critério – Já ouviram alguma fábula?

Todos se posicionaram do lado esquerdo.

- **Aquecimento Específico.**

A direção perguntou, se todos sabiam o que era uma fábula?

Todos responderam que sim, porém, **(P)** tomou a palavra e definiu dizendo que se tratava de uma história infantil, cujos personagens (animais ou objetos) falavam. A direção complementou esclarecendo que se tratava de história, conto ou

narrativa onde os personagens (animais, objetos, força da natureza) apresentavam características humanas (fala, costumes) e que no final, sempre apresentavam um ensinamento moral. Em seguida o grupo foi informado sobre o nome da fábula (*As orelhas da lebre*) e a respeito do seu autor, Jean de La Fontaine.

Terminado o relato da síntese biográfica de La Fontaine, a direção leu a fábula para o grupo (omitindo o final da fábula), que ouviu atentamente.

- **Narrativa da fábula:** *As orelhas da lebre*

Ninguém sabe dizer como o leão foi pelo chifre de um animal, mas o fato é que isso aconteceu, e como tudo se passou numa noite em que as nuvens esconderam a lua e não a deixaram brilhar sobre a floresta, o rei dos animais não conseguiu ver quem o tinha atingido. Isso o impedia de agir contra quem o machucara, e como essa impotência o enraivecia ainda mais, ele decidiu que todos pagariam pela afronta, pouco importando se ela tivesse sido ocasional ou não. E por isso decretou que qualquer bicho dotado de armação na cabeça deveria livrar-se dela, sob pena de ser severamente castigado.

Foi um Deus nos acuda. Alces, touros, cabras, carneiros, gazelas e outros animais chifrudos trataram de mudar-se imediatamente para outras paragens menos perigosas, já que nenhum deles pretendia despojar-se do ornamento que a natureza lhes havia colocado sobre a cabeça. Mas apesar do temor que tomou conta da bicharada, alguns poucos habitantes da floresta, aqueles dominados por maior curiosidade, teimosia ou inconsequência, arriscaram permanecer por ali durante mais algum tempo, para ver que rumo tomariam os acontecimentos.

A lebre tinha conhecimento do que se passava, mas como a decisão do leão não a atingia, ela se manteve despreocupada até o dia em que, quando se esquentava ao sol, percebeu que a sombra de suas orelhas, projetadas no chão, parecia ser muito, muito comprida. Diante dessa constatação, logo lhe assaltou a ideia de que se alguém as visse daquele jeito e as tomasse como chifre, a ira da realeza poderia desabar sobre sua cabeça a qualquer momento. Assustada com esse pensamento, a lebre revelou ao grilo, que descansava a seu lado:

- Adeus, vizinho! Estou indo embora porque descobri que se minhas orelhas forem tidas como cornos, estarei perdida.

- Cornos? Isso? – respondeu-lhe o grilo – Mas qualquer um pode ver que são orelhas, e das boas, tal como Deus as colocou em você.

Final omitido.

- Eu sei disso – volveu a lebre. – Mas de que adiantarão as minhas razões, se o rei decidir o contrário?

Moral da história: De que vale a razão do fraco diante da discordância de quem tem o poder nas mãos?

Terminada a narrativa da fábula, a direção informou ao grupo que cada um deveria criar um final diferente para aquela história. Os finais criados foram:

- 1 - A lebre não vai embora, fica e enfrenta o leão.
- 2 - O amigo grilo não consegue convencê-la, e a lebre vai embora.
- 3 – O grilo convence que a orelha da lebre não é um chifre e a lebre fica.
- 4 – A lebre deveria amarrar as orelhas para não parecerem chifres.
- 5 – A lebre marca uma audiência com o leão para saber se ela estava na lista dele.
- 6 – A lebre deveria se esconder até que tudo passasse.
- 7 – A lebre vai até o leão e lhe mostra que suas orelhas não machucam.

- **Dramatização:**

Concluída essa etapa, a direção pediu que o grupo avaliasse os finais criados e que escolhessem um. O mais votado foi o número sete (A lebre vai até o leão e lhe mostra que suas orelhas não machucam).

No momento seguinte, foi pedido pela direção que montassem uma cena com o final escolhido. Todos deveriam decidir sobre a distribuição dos papéis, a montagem do cenário e as falas. Os membros do grupo se olharam, sorriram e teceram comentários sobre como fariam, mas **(J)** tomou a iniciativa.

(J) Coordenou a discussão, a distribuição dos papéis e a posição dos personagens na cena. O papel de leão ficou com **(J)**, **(DI)** fez o papel de grilo, **(M)** foi a lebre, **(D)**, **(P)**, **(I)** e **(L)** foram as árvores da floresta.

- **A cena:**

O leão está bravo e rugindo, dentro de sua caverna. O grilo e a lebre se aproximam cautelosos, da caverna. O grilo diz:

- Majestade, peço um minuto da sua atenção.

E o leão saindo da sua caverna, diz:

- Quem ousa perturbar-me? O que vocês querem?

A lebre se adianta e diz:

- Majestade, olhe para as minhas orelhas, elas são macias e não machucariam ninguém. Por favor, toque nas minhas orelhas. Não fui eu, quem o feriu.

O leão toca as orelhas da lebre e constata que realmente não são chifres, são macias, portanto, não poderiam ter-lhe ferido. Nesse momento o leão diz para a lebre:

- Fique sossegada. Pode ficar na floresta que não lhe farei mal algum.

Findada a cena, a direção propôs o compartilhar.

- **Compartilhar:**

O grupo foi unânime considerando que muitas vezes na vida, somos leões, lebres e grilos.

(J) Disse que em muitas ocasiões, podemos ser um dos personagens.

(I) Relata que com a prisão do filho, queria fugir, se esconder. Não queria sair de casa, por isso foi conversar com o padre e fez muitas orações. Em pouco tempo chegou à conclusão que deveria enfrentar a situação.

(DI) Que é esposo de **(I)** e nos contou que já se sentiu leão, quando teve que defender o filho mais velho. Bateram em seu filho mais novo e o mais velho, para defendê-lo, bateu em seu agressor. Os pais do agressor de seu filho caçula foram até a sua casa pedindo retratação. Ele conseguiu contornar a situação conversando com os pais.

(J) Contou que vivia uma situação delicada em sua casa. Existiam dois leões em sua casa, ele e o filho. Não se entendiam, pois, o filho, não o respeitava, parecia querer disputar a autoridade de chefe de família, com ele? Às vezes sentia que estava perdendo o espaço e que o filho estava dominando. Não conversava mais com o filho.

(DI) Disse que se parecia com o grilo, sempre tentava convencer.

(P) Também disse que se parecia com o grilo, pois a sua atitude era de apaziguar, acalmar os ânimos e nunca de enfrentamento.

(L) No seu trabalho especialmente, sempre procurou ser conciliadora por isso, se sente grilo.

(I) Disse que se sentia lebre. Achava que tinha que ser aceita como é.

(J) Tomou a palavra novamente e disse que se achava mais leão por ser dominador. Sua esposa se parecia com o grilo e seu filho, com a lebre por ser esperto e inteligente.

(D) Disse que se parecia com os três personagens. Num momento era leão, num outro se parecia a lebre e em outra ocasião se parecia com o grilo. Considerou também que, às vezes, por medo, as pessoas fogem.

(L) Reiterou que às vezes se foge para se fortalecer e depois enfrentar a situação. Quando sentimos medo, não vemos com clareza. O medo cega, sugestiona. Diante das dificuldades e com medo, não se vê soluções.

(J) Disse ainda que não sente medo. Enfrenta os problemas de frente.

A direção pediu uma palavra como avaliação do encontro e os participantes disseram:

(D) Disse que havia gostado muito do encontro. Reiterou que os encontros estavam ajudando na união do grupo e na reflexão sobre as atitudes de cada um. Disse que o relacionamento deles estava melhor, e que procuravam agir com compreensão e tolerância. Os conflitos haviam terminado. Sua palavra foi: Conhecimento.

(DI) Achou ótimo.

(M) Perseverança.

(L) Ótimo.

(R) Limite.

(J) Medo e coragem.

(I) autoconfiança.

(P) Divertido.

A unidade funcional encerrou o encontro, marcando o próximo para o dia 10/03/2012.

- **Primeiras Reflexões:**

Durante quase todo o encontro, os participantes denotaram motivação e disponibilidade para a ação. A unidade funcional considerou o encontro bem sucedido uma vez que os integrantes puderam realizar a tomada de papéis e partiram para a ação dramática, com criatividade. Parece que o grupo, através do aquecimento e da dramatização, pode conscientizar-se que mesmo diante de situações imprevistas ou difíceis, são capazes de encontrar novas soluções.

Demonstrou criatividade tanto na proposta de diversos “finais” para a fábula, como nas falas em cena. De maneira mais pronunciada, os participantes demonstraram disponibilidade para ouvir e para defender seus pontos de vista, sem agressões.

2.5. Quinto Encontro – Desejo de continuidade

Data: 10/03/2012

Direção: Mônica Teixeira

Ego: Suzi Meire Paes

N. Participantes: 06

- **Objetivos:**

Possibilitar a reflexão sobre a caminhada que fizeram desde o 1º encontro até aqui, quais foram as características positivas dos encontros, que emoções experimentam no presente e quais são as expectativas futuras.

- **Roteiro:**

Aquecimento geral com o acolhimento do grupo, disparadores corporais e verbais retomando a caminhada em suas etapas, altos e baixos. Aquecimento específico com o reagrupamento dos integrantes a partir das semelhanças no caminhar e posterior reflexão sobre as contribuições dos encontros. Dramatização, compartilhar e avaliação do encontro.

- **Aquecimento Geral:**

A unidade funcional acolheu o grupo com as boas vindas, indagando sobre como tinham passado as últimas semanas? Todos quiseram falar um pouco acerca dos últimos acontecimentos na comunidade e das experiências particulares.

(J) Contou que a comunidade recebeu a visita do novo Bispo que assumiu a Diocese recentemente. Todos estão esperançosos com a possibilidade de melhora, pois o Bispo se mostrou aberto, receptivo, ouvindo toda a comunidade em suas reivindicações.

(D) Falou sobre o falecimento de sua sogra que estava muito doente e da sua dificuldade em aceitar o fato. Reiterou que mesmo acreditando que sua sogra agora tenha descansado, está se esforçando para encarar a realidade.

(I) Assinalou que adorou a visita do Bispo e que ele era muito simpático.

(R) Disse que se sentia um pouco cansada, pois suas últimas semanas foram agitadas. (M) esposo de (R), concordou dizendo que além de cansativa, a semana pareceu de penitência em função dos contratempos.

(P) Comentou que aconteceram dois fatos que a deixaram muito feliz: o primeiro se referia ao seu trabalho, pois agora trabalharia seis horas por dia e o segundo se referia a sua filha, que iniciou a faculdade de enfermagem.

Com o término dos relatos, a unidade funcional informou ao grupo que esse encontro tinha como objetivo retomar toda a caminhada, desde o primeiro dia em que se reuniram, a fim de refletir sobre as contribuições que os encontros proporcionaram e as expectativas do grupo em relação ao futuro. A direção relembrou que a proposta de trabalho feita ao grupo era constituída de cinco encontros e que, portanto, a priori, esse 5º encontro seria o último. Entretanto, havia a necessidade de um novo encontro com o objetivo de fornecer ao grupo e ao padre, um *feedback* a respeito do trabalho realizado.

(D) Tomou a palavra salientando que a agenda do padre era muito complicada em função dos inúmeros compromissos e responsabilidades que tem. Também existiam os compromissos dos participantes e que seria difícil conseguir reunir o grupo e o padre ao mesmo tempo. Então a direção sugeriu fornecer o *feedback* em dois encontros, sendo um com o padre e o outro com o grupo. Todos concordaram, ficando estabelecido que as datas seriam marcadas posteriormente e o grupo avisado.

No momento seguinte, a direção pediu ao grupo que caminhassem pela sala e observassem esse caminhar. Enquanto caminhavam, foram utilizados alguns disparadores que se referiam ao trajeto do grupo:

- A vida é como um longo caminho, às vezes, fácil, outras vezes difícil. No caminho, às vezes, encontramos muitas pedras. Quando isso acontece, como andamos? Agora todos vocês estão trilhando um caminho repleto de pedras. As pedras impendem o livre caminhar, exigindo esforço, paciência e coragem. Nesse momento o caminho apresenta um trecho com muita areia. A areia não machuca os pés, mas pode dificultar o caminhar. O trecho a frente parece um pouco mais fácil, o caminho é liso e sem tantos desníveis. Vocês se lembram do nosso primeiro encontro? Como era o caminhar? Como vocês representariam o primeiro encontro, pelo andar? Cada um represente pelo andar e da forma que desejar.

Indagados pela direção sobre os significados das representações (forma de andar), disseram:

(J) Defendi-me, desviando dos obstáculos.

(R) Andei com cuidado, pois estava numa ponte estreita.

(P) Senti-me atolada. Apesar do esforço pareceu-me não conseguir caminhar.

(M) Andei sem rumo, me sentindo perdido.

(I) Dei um passo para frente e um para trás. Pareceu-me não sair do lugar.

(D) Meu andar foi agitado e impaciente. Senti-me apreensiva.

Aquecimento Específico.

Foi pedido que se reagrupassem a partir das semelhanças no andar. Dois grupos foram formados da seguinte maneira:

- O 1º grupo por **J, M e D**
- E o 2º grupo por **I, P e R**.

A partir das formações e num primeiro momento, a direção pediu que cada subgrupo discutisse a caminhada que fizeram desde o primeiro encontro, avaliando as contribuições desses encontros, para o grupo. Quais foram as características positivas? No momento seguinte, foi solicitado, que montassem uma cena destas contribuições.

• **Dramatização:**

1ª Cena – I, P e R estavam andando em direções diferentes, cabisbaixas e quietas. Num dado momento, pararam e se entre olharam, aproximaram-se formando um círculo e terminaram a cena abraçadas.

2ª Cena – (D) estava nervosa, andava de um lado para o outro e reclamava da vida. Dizia que o mundo era ruim, as pessoas eram ruins e não se entendiam. Enquanto **(D)** reclamava, **(J)** se aproximou de **(D)** e a convidou para que juntos, pudessem auxiliar **(M)**, que estava agitado e fumando. **J e D** se aproximaram de **(M)** e perguntaram se ele queria parar com aquele vício? **(M)** disse que sim então, **J e D** o convidaram para a Pastoral da Sobriedade. **(M)** agradeceu e finalizou a cena.

• **Primeiro Compartilhar:**

A direção perguntou se alguém gostaria de comentar a primeira cena?

(I) Comentou que a proposta foi mostrar que no início cada participante estava preocupado consigo mesmo. Que olhavam só para si mas com o tempo e os encontros, foram percebendo o outro e vendo suas qualidades. Foram se entendendo. (J) Acrescentou que o grupo se portava com indiferença e os encontros ajudaram a perceber isso. Foram se conhecendo e passaram a se ajudar. (J) Passou a falar sobre a segunda cena e acrescentou que, no início, todos agiam isoladamente mas depois, passaram a conversar, a se perceberem melhor.

(M) Disse que os encontros com o grupo o ajudou a se soltar mais, a se sentir mais a vontade para se aproximar do outro, conversar e oferecer ajuda.

Concluído o primeiro compartilhamento, a direção pediu que o grupo se reunisse novamente e discutisse sobre as expectativas em relação ao futuro. O que esperavam a partir desse último encontro? Como deveria ser? Após a discussão o grupo deveria montar um cena que retratasse suas expectativas.

3º Cena – (todos)- Os participantes deram as mãos e formaram um círculo em redor da unidade funcional. Disseram que desejavam continuar, pois os encontros os ajudavam. Finalizada a cena, a direção inicia o compartilhar.

- **Segundo Compartilhar:**

(J) Tomou a palavra dizendo que ele e o grupo desejam a continuidade dos encontros, pois entendem que precisam destes momentos juntos.

(D) Contou que os encontros a ajudaram a compreender a maneira de ser de (J). Continuou dizendo que (J) é participativo e acha que deve aceitar o outro com suas características.

(J) Comentou que não quer atrapalhar o grupo e sim ajudar. Procura saber se está agindo certo ou não.

(D) Assinalou que os agentes precisam de suporte emocional.

(P) Disse que o trabalho na Pastoral é de extrema responsabilidade e temos que tomar cuidado com o que falamos e com a maneira que nos portamos, a fim de não atrapalhar quem está buscando ajuda.

(R) Teceu comentários, dizendo que ninguém é dono da verdade, por isso é necessário aprender a refletir sobre o que se fala e sobre as críticas recebidas. Completou que na Pastoral, eles precisam aprender a lidar com os dependentes e codependentes, que muitas vezes chegam em crise (desespero e choro). (R) disse

que a maioria no grupo se sente despreparado emocionalmente e por isso é importante a continuidade dos encontros.

(D) Ressaltou que tem facilidade para falar, mas, às vezes, é mal interpretada. Acha que tem que se rever, pois, muitas vezes, o problema está na gente e não no outro.

(I) Concluiu que todos tem que aprender como tratar melhor a todos e as pessoas que vêm à Pastoral.

A direção observou que falaria com o padre sobre o desejo e a necessidade do grupo, de continuar com os encontros.

- **Avaliação:**

Terminado o compartilhar, o grupo avaliou o encontro com essas palavras:

(R) Precisamos de mais encontros.

(D) Agitação.

(I) Buscar solução.

(P) Participação.

(M) Expectativa.

(J) Humildade.

- **Primeiras Reflexões:**

A unidade funcional pode constatar nesse encontro, características evolutivas importantes no processo do grupo. No aquecimento geral, com a retomada do caminhar surgiram emoções e sentimentos (representados pelo andar), de impotência (atolada, um passo para frente e outro para trás), ansiedade (andando numa ponte estreita), medo (andando sem rumo) e agressividade (defendia-se enquanto andava), evidenciando as dificuldades iniciais dos participantes. Na dramatização, tendo como consigna os aspectos positivos e contribuição dos encontros, foram realizadas duas cenas mostrando o caminhar progressivo do grupo. As duas primeiras cenas iniciaram retratando o individualismo de pessoas que, embora pertencessem a um mesmo grupo, caminhavam isoladamente, não se olhavam e agiam sozinhas. Em seguida passaram a se perceber, se uniram, se mostraram participativas e se ajudaram.

Embora no início a atuação da unidade funcional fosse vista pelo grupo, com reserva, ansiedade e certa desconfiança (atitudes esperadas dentro dos processos

de movimentos grupais), durante o “caminhar” esta realidade foi se modificando com a apropriação pelo grupo, dos próprios limites e consequente necessidade de ajuda, aprendizado e integração.

Não obstante os progressos evidenciados, a unidade funcional considerou que ainda existe um longo caminho a ser percorrido.

2.6. Sexto Encontro – *Feedback* da primeira fase de encontros

Data: 30/06/12

Direção: Mônica Teixeira **Ego:** Não pode estar presente.

N. Participantes: variável.

- **Objetivos:**

Reflexão sobre os frutos colhidos, dos cinco encontros da primeira fase. Relacionar as dificuldades iniciais, com os progressos alcançados, ao longo da caminhada.

- **Observação:**

Nesse encontro, como enunciado, o objetivo foi dar ao grupo um retorno sobre os progressos alcançados ao longo da caminhada e, para tanto, realizariam juntos uma reflexão a partir da retomada do caminho desde o primeiro encontro. Alguns membros chegaram em horários diferentes (após o horário agendado), outros assinalaram a permanência por pouco tempo no encontro, em função de compromissos particulares assumidos.

O último encontro com o grupo fora há três meses, em 10/03/2012, portanto um longo período de afastamento se seguiu, em função de acontecimentos como: calendário festivo da igreja, compromissos particulares dos membros, agenda e férias do Pároco. O grupo estava desaquecido, mas também sugeriram certo distanciamento, ansiedade e preocupação.

Após a acolhida habitual, o grupo se manifestou ratificando o desejo de continuidade dos encontros, mas também a preocupação em relação ao custo financeiro referente aos honorários da unidade funcional. A direção esclareceu que aquele trabalho era voluntário, assim como o trabalho que prestavam na Pastoral, aos dependentes e codependentes. Após o exposto pela direção, seguiu-se o

feedback. O caminho foi retomado com a ajuda do grupo que se mostrou participativo.

O próximo encontro, que abriu o início de uma nova fase, foi marcado para o final de julho (28/07), pois alguns membros viajaram de férias.

2.7. Sétimo Encontro – Uma nova fase em construção

Data: 28/07/2012

Direção: Mônica Teixeira **Ego:** Suzi Meire Paes

N. Participantes: 05

- **Objetivos:**

Levantar as expectativas e necessidades em relação à nova fase de encontros.

- **Roteiro:**

Aquecimento geral com acolhimento ao grupo, retomada do último encontro, disparadores corporais e verbais. Aquecimento específico com a reflexão de como deverá ser a nova fase de encontros, imagem ou gestos e palavras, simbolizando esta nova fase; dramatização e compartilhar.

- **Aquecimento Geral:**

O grupo foi acolhido com as boas vindas e indagado sobre como passaram as férias de Julho?

(D) Disse que viajou alguns dias para a praia, mas que a partir de então, teria trabalho dobrado. Seu esposo era candidato a vereador e sua filha estava se preparando para se casar.

(J) Contou sobre o retorno financeiro das festas juninas, que havia sido muito bom e que ajudaria muito no término da reforma da igreja. Estava satisfeito com os resultados.

(L) Falou sobre a melhora da mãe que, há tempos, encontrava-se doente. Sentia-se mais tranquila.

(P) Relatou que correu tudo bem. Aproveitou para ficar com a filha que estava de férias da faculdade.

Finalizados os relatos, foi pedido ao grupo que andasse pela sala, ocupando todos os espaços. Enquanto andavam, deveriam respirar lenta e profundamente. Depois realizaram movimentos aleatórios e, em seguida, alongaram o pescoço, braços, mãos, perna, etc. Logo após, cumprimentaram-se desejando uns aos outros, as boas vindas.

- **Aquecimento Específico:**

A direção pediu que continuassem andando e enquanto andavam, deveriam pensar na nova fase de encontros. Em seguida, todos deveriam se sentar e agora de olhos fechados, continuassem a pensar sobre como deveria ser a nova fase? Enquanto permaneciam de olhos fechados, a direção utilizou os disparadores:

- A vida é movimento contínuo, não para. Se algo ou uma situação não é boa, então devemos muda-la. Mas de que maneira?

- Que tipo de ajuda necessitamos para mudar e assim, colhermos frutos melhores? E vocês? Que tipo de ajuda necessitam para atenderem melhor os dependentes e codependentes?

- De que maneira podem se preparar, para ajuda-los mais ainda?

Em seguida, a direção pediu que abrissem os olhos, e que cada um fizesse uma imagem e dissesse uma palavra, demonstrando o que acabaram de refletir.

(J) Fez a imagem de alguém em **posição de caminhar**. Perguntado sobre a palavra que atribuía para aquela imagem, disse: **desenvolvimento**.

(L) Alguém com as **mãos estendidas**. A palavra foi: **doar mais**.

(P) **Abraçando alguém enquanto caminha**. Palavra: **paciência caridosa**.

(D) Movimento de **caminhar**. Palavra: **ir além, caminhar**.

(R) **Mãos estendidas**, pedindo ajuda. Palavra: **Ajuda**. Como posso ajudar as pessoas para virem mais à pastoral?

A partir de então, a direção pediu que se reorganizassem em duplas, por semelhança de gestos. Por ter comparecido apenas cinco membros, a ego Suzi, compôs uma dupla com **P**.

- **Dramatização:**

A proposta da unidade funcional foi a de um jogo dramático, em que as duplas pudessem realizar cenas estáticas, dinâmicas e com falas, de modo que as três duplas pudessem realizar as três modalidades.

As Duplas foram denominados pelas letras A, B e C, configurando-se da seguinte forma:

Dupla A: Suzi e **P**

Dupla B: **J** e **D**

Dupla C: **R** e **L**

Em seguida, a direção pediu que cada dupla montasse uma cena, com início, meio e fim, de como pensavam que deveria ser o atendimento aos dependentes e codependentes.

Segundo a orientação da direção, a dupla **A** deveria iniciar mostrando a sua cena estática, a dupla **B** entraria na cena e colocaria movimentos e a dupla **C**, entraria na cena e colocaria movimentos e fala. Terminada esta série de cenas, a dupla **B** iniciaria com a cena estática, a **C**, colocaria movimentos e a **A**, movimentos e fala. Em seguida, a **C** iniciaria a cena estática, a **A** colocaria movimentos e a **B**, movimentos e fala. E assim aconteceu, porém, em função da documentação estar comprometida, não traremos os relatos dessas cenas.

Com a finalização das primeiras séries de cenas, **D e J** disseram que sua cena tinha sido modificada pelas duplas e que, por isso, eles gostariam de mostrar a cena que eles haviam criado. Perguntei se o grupo concordava e todos se manifestaram dizendo que gostariam de apresentar suas cenas originais também. Seguem as cenas apresentada:

1ª Cena – D e J – Dois momentos diferentes.

1º Momento: **D e J** estavam conversando, quando começaram a discordar, aborreceram-se um com o outro e se separaram. A direção perguntou onde estavam e o que tinha acontecido? **D** disse que estavam na reunião da pastoral e que disse para **J** que ele não podia agir sozinho, e do jeito que bem entendia. Que haviam regras para serem obedecidas dentro da Pastoral. A direção perguntou por que **J** se aborreceu? **J** disse que acreditava que conselhos ajudavam as pessoas, mas **D** não concordava com isso. A direção pediu para prosseguir com a cena.

2º Momento: **J** pediu para **P** entrar na cena. **J** acolheu com um abraço **D e P**, em seguida começou uma espécie de jogo, posicionando-as uma de frente para a outra. No momento seguinte, **D** estava de costa enquanto **P** modificava alguma coisa em si mesma (tirou os brincos). A direção congelou a cena e pediu um solilóquio para **J** que disse: **estudo**. E para **D**, que falou: **criatividade**. Quando a cena prosseguiu **D** se voltou, verificou que **P** estava sem os brincos. A cena

terminou com todos sorrindo e se abraçando. A direção perguntou onde estavam e se queriam falar sobre o acontecido na cena? **J** disse que estavam num encontro com o grupo. Que um profissional deu ajuda psicológica ao grupo e por isso mostrou ao grupo que deveriam mudar, conhecer um ao outro e não julgar. **D** concluiu que a união e o amor poderiam leva-los muito além. **P** reiterou que era necessário se prepararem com mais informações e estudos.

A direção perguntou se alguém gostaria de complementar a cena ou fazer diferente? Ninguém se manifestou.

2º Cena- Suzi e P.

As duas caminham apressadas e **P**, parece muito agitada. Suzi tenta acalmá-la, dizendo que fique tranquila, pois dará tempo. Chegam ao local, sentam-se, mas **P** continua agitada. Enquanto aguardam o que “aconteceria”, começam a conversar. **P** disse a Suzi que achava que a palestra não seria boa, que não fugiria do senso comum. Suzi assinalou que ela estava sendo negativa. Que procurasse se acalmar e prestasse atenção à palestra que iria começar. A direção congelou a cena e pediu solilóquios. Suzi disse: **paciência**. E **P**: **surpresa**. Com o prosseguimento da cena e o término da “palestra”, **P** olhou para Suzi e falou que por mais que se conheça, sempre existirá algo para aprender. A cena termina com **P** e Suzi concluindo que gostaram da “palestra” e do “palestrante”

3º Cena – R e L.

A direção pede para que se identifiquem na cena. **R** diz que é uma agente sociocomunitária e **L** é a mãe de um dependente.

A cena iniciou com a agente sociocomunitária ligando para a mãe, dizendo que soube que ela estava precisando de ajuda e que se prontificava a visitá-la. A mãe consente e a agente vai até a casa da mãe. A mãe a recebe animadamente e a agente lhe diz que a pastoral pode ajudá-la levando a palavra de Deus, que produzirá frutos se ela abrir o coração? A mãe diz que não se sente a vontade para ir às reuniões da pastoral. A direção congela e pede solilóquios. **L** diz: **agradecimento** e **R**, **apoio**. A cena prosseguiu com a agente dizendo que as reuniões eram momentos para se colocar para fora o que não se conseguia falar em casa. A mãe agradece a ajuda e diz que tentará comparecer às reuniões. As duas se despedem e a cena termina. A direção perguntou se alguém queria complementar ou modificar a cena? Ninguém se manifestou.

- **Compartilhar:**

A direção pede que o grupo compartilhe as emoções experimentadas e **J**, tomou a palavra dizendo que se sentiu muito bem. Conclui dizendo que ficou claro que podiam trilhar caminhos diferentes.

P achou o encontro rico de interpretações, pensamentos e alternativas. Disse que deve existir paciência, pois o próprio pensamento não é o único a ser considerado, todos devem acolher as opiniões dos outros.

L comentou que o grupo tem muito mais para dar. Muitas vezes se sentem tolhidos com as regras da pastoral e cresce a vontade de doar mais.

D disse que regras, existirão em todos os lugares. O importante é pensar em ser criativos, sem transgredir as regras e normas da Pastoral. Todos tem que ter consciência de estar fazendo o melhor.

Não sendo possível prosseguir em função do avançado da hora e da necessidade da utilização do espaço pelo grupo de Jovens, a direção encerrou o encontro acordando com o grupo a retomada do assunto no próximo encontro.

O próximo encontro ficou agendado para o dia 25/08 às 16h00, dando continuidade ao trabalho em sua segunda fase.

- **Primeiras Reflexões:**

Muito embora o encontro tenha sido profícuo, cabe-nos indagar se a proposta inicial do jogo dramático, não tenha se configurado em ousadia, dada a pouca experiência da unidade funcional na direção e com intervenções grupais?

O que inicialmente pareceu um equívoco (o jogo), acabou aquecendo o grupo e fornecendo os contornos do Sociodrama que aconteceria, posteriormente. A dupla **B (D e J)** reivindicou a dramatização de sua primeira cena criada e foi seguida pelas outras duplas, que também dramatizaram as suas cenas. Foi um momento especial em que o grupo se mostrou autônomo, engajado e disposto a encontrar novos caminhos. Além de o grupo ter mostrado disponibilidade e desejo para ação dramática, trouxe-nos informações importantes quanto a necessidade de aprimoramento dos atendimentos (cursos, palestras informativas) e novas iniciativas como, por exemplo: visitas da pastoral as casas dos dependentes e codependentes.

V. REFLEXÕES: ARTICULAÇÃO ENTRE TEORIA E PRÁTICA

Retomando as indagações que nos mobilizaram (vide p. 11), este trabalho tem como finalidade explicitar, à luz do Sóciopsicodrama, como se dá a inter-relação pessoa-grupo, bem como compreender de que maneira o grupo de agentes sociocomunitários de uma pastoral católica aciona a mudança e o crescimento individual. Para entendermos tais fenômenos revisitaremos os encontros explicitando os processos e movimentos grupais, articulando as reflexões que deles emergiram com os conceitos chave Moreniano (pp. 67 a 92).

A partir de seu nascimento, o indivíduo é inserido em ambientes sociais (família, trabalho, etc.) e participa de interações. Essas interações estarão ligadas as suas escolhas, decisões (interação social) e aos papéis desempenhados (interação cultural), influenciando-os.

O homem de Moreno é construtor da sua própria história que também é tecida nas relações que estabelece, fluindo e sendo influenciado, por meio da atuação de diversos papéis.

Vimos na matriz de identidade (pp. 29 a 32), a preconização do desenvolvimento humano, pautada nas fases do reconhecimento ou diferenciação (do eu, do tu e do nós), tendo como referência, sempre o(os) outro(os). Embora o papel seja traduzido pela experiência interpessoal vivida e observada na relação, ele deve ser entendido como uma junção de elementos individuais e coletivos; portanto, uma conserva cultural, mas que pode ser transformado através da criatividade e espontaneidade.

A possibilidade de modificar uma dada situação ou de estabelecer uma nova situação implica em criar: produzir, a partir de algo que já é dado, alguma coisa nova. A espontaneidade é um fator que permite ao potencial criativo atualizar-se e manifestar-se. (GONÇALVES, WOLFF, ALMEIDA, 1988, p.47)

No trabalho desenvolvido com os agentes sociocomunitários da Pastoral da Sobriedade, podemos acompanhar como se deram os movimentos progressivos do grupo e que trouxeram mudanças na sociodinâmica, no desempenho de papéis (agente sociocomunitário), na conduta e conseqüentemente no crescimento dos membros.

Em nossas reflexões acerca do primeiro encontro, verificamos um grupo com dificuldades relacionais e em plena crise. Nesse primeiro encontro, alguns dos nossos objetivos eram: o de conhecer o grupo, como se davam suas atividades junto aos dependentes/codependentes e realizar o contrato. Para tanto, foram utilizados alguns jogos e entre eles, o jogo sociométrico com o objetivo de investigar no grupo, interesses e a situação de cada indivíduo frente as suas escolhas.

(...) A sociometria como parte da socionomia se ocupa do estudo matemático das características psicossociais da população, dos métodos experimentais e dos resultados saídos da aplicação de princípios quantitativos. Começa sua investigação pela pesquisa do desenvolvimento e organização dos grupos e da situação dos indivíduos nele (...). (MORENO in CUKIER, 2002, p. 276)

Como as primeiras atividades se referiam a apresentação e ao contrato, o grupo realizou-as com certa naturalidade e receptividade, mostrando uma tendência variável para a formação de pares e trios (excetuando **J** que em alguns momentos pareceu isolado).

Quando o grupo foi solicitado para, através da ação, mostrar como realizava o atendimento aos dependentes e codependentes, não conseguiu. Os membros falaram ao mesmo tempo e a confusão se instaurou, com expressões de ironia e julgamentos, evidenciando divisões e dificuldades na atuação do papel de agente sociocomunitário.

Nesta fase cada um vê, examina, conhece o outro e também se mostra. A ação é individual, mas voltada para os outros. Há aproximação e afastamento entre as pessoas. Os contatos são rápidos, formam-se pares, trios, que logo desaparecem. Às vezes, as pessoas se “grudam” defensivamente. O clima é de burburinho e confusão, todos falam ao mesmo tempo, não há uma ação centralizadora, mas já começa a haver organização. (KNOBEL, 1996, pp. 52-53)

Em Knobel (1996), vimos o momento de diferenciação horizontal com suas características peculiares, permitindo-nos inferir que o grupo dos agentes sociocomunitários encontrava-se inserido nesse contexto. Além disso, naquele momento, a Sociodinâmica nos revelou um ponto nevrálgico importante para o grupo : **J**

O grupo censurou **J** por ter dado uma contribuição inadequada, que não foi aceita por um dependente, e **J** se defendeu dizendo que não tinha feito por mal, só queria dar um conselho. Parece que **J** havia quebrado regras importantes para o grupo, agindo isoladamente e, por isso, foi recriminado.

Além do programa da Pastoral possuir regras que deveriam ser observadas (reuniões semanais com os dependentes, a vivência dos 12 passos, etc.), existiam, ainda, as regras de conduta dos agentes sociocomunitários, a relação coordenação-agente sociocomunitário e a parceria entre os membros (papéis e contrapapéis), estas últimas, ele havia quebrado.

No segundo encontro, o foco estava na integração dos membros, uma vez que, no grupo havia evidências de conflitos, dificuldades para ouvir, julgamentos e divisões. A partir do reconhecimento do outro e da percepção das diferentes contribuições que cada um poderia dar, buscava-se a coconstrução de novas maneiras de atendimento aos dependentes. Inicialmente, o grupo se mostrou reservado e ansioso, e, no decorrer das primeiras atividades, as tensões foram arrefecidas. Nesse dia, um dos membros (**D**), se dirigindo a unidade funcional, expressou a sua preocupação e também a esperança do grupo vir a se unir. Suas considerações foram redirecionadas para o grupo, que pode se posicionar a respeito. Para Fleury (1999), uma estratégia a ser utilizada pela direção, com o intuito de conter as “reivindicações de atenção” individuais, seria transferir o foco para o grupo.

Ao aquecimento geral, seguiu o aquecimento específico com dois jogos realizados (da hetero percepção e das gravuras de personagens), que inicialmente serviram aos propósitos da interação entre os membros e do alívio das tensões, pois, um pouco mais descontraídos, puderam falar e ouvir um ao outro, respeitando as colocações. No entanto a atividade das gravuras mobilizou emoções ligadas ao histórico de vida dos membros, impossibilitando a ação envolvendo o atendimento. Deixou de existir a articulação necessária entre o aquecimento e a cena que esperávamos. Gonçalves (1988, p. 81) nos diz: “Moreno acreditava que, com o devido aquecimento, o *acting-out* ocorreria favoravelmente no “como se” do contexto dramático”.

É importante que nesse momento consideremos algumas questões. No primeiro encontro, no jogo sociométrico, em que a direção pergunta para os membros se eles possuem experiência com grupos por mais de dois anos, todos os

membros foram unânimes em responder que possuíam experiência de anos na mesma comunidade religiosa, em trabalhos com outras pastorais. A resposta pôde fornecer pelos menos dois indicativos: a crença no ideal cristão e a esperança na união como forças propulsoras, para resolver os problemas e atingir os objetivos comuns.

Um olhar retrospectivo tanto sobre civilizações primitivas como sobre as altamente desenvolvidas mostra que uma antiquíssima sabedoria consiste em atribuir às forças do grupo, um papel decisivo na estruturação da vida social. Reconheceu-se desde cedo que é mais fácil objetivar e resolver problemas individuais, dentro do grupo. (MORENO, 1974, p. 27)

Com o segundo encontro, no momento das avaliações finais, a maioria dos membros através de palavras ratificaram o que havia sido um dos objetivos, ou seja, avaliaram como importante o trabalho da hetero percepção, e que pôde ser verificado através das atitudes de tolerância com o outro.

Se no segundo encontro a unidade funcional também viu como importante o trabalho da hetero percepção, no terceiro encontro, em função dos julgamentos emitidos pelo grupo no início, seria relevante conhecer os seus valores éticos e morais, daí a proposta do Axiodrama.

O axiodrama- é uma síntese de psicodrama e da ciência de valores (axiologia); dramatiza as aspirações morais do psiquismo individual e coletivo (justiça, verdade, beleza, bondade, complexos, perfeição, eternidade, paz etc.). (MORENO in CUKIER, 2002, p. 38)

As reflexões sobre esse encontro nos trouxeram elementos importantes. No aquecimento, os disparadores verbais/visuais (imagens de pessoas em estado de vulnerabilidade) possibilitaram a identificação de alguns membros, com situações semelhantes já vividas e o mobilizar de sentimentos humanitários, em outros, preparando-os e disponibilizando-os para a ação dramática que se seguiu. Os papéis desempenhados possibilitaram o revisitar valores.

O papel é a forma de funcionamento que o indivíduo assume no momento específico em que reage a uma situação específica, na qual outras pessoas ou objetos estão envolvidos. (MORENO, 1984, p. 27)

A partir da consigna da direção, o grupo monta novas cenas e, dessa vez, com a proposta de mudança. As reflexões e considerações tecidas pelo grupo deixaram claro a percepção que tiveram, no processo.

(...) Moreno pretendia que a ação dramática levasse a algo mais do que a mera repetição de papéis tais como são desempenhados no cotidiano. A ação dramática permite *insights* profundos, por parte do grupo, a respeito dos papéis assumidos (...). (GONÇALVES et al, 1988, pp. 73-74)

Os membros puderam perceber a existência de alternativas diferentes na ajuda ao outro. Fizeram considerações sobre a importância de se ter atitude para mudar e que, quando “a cena” é feita de modo diferente, “vê-se” por outro ângulo, ajudando no crescimento. Essas considerações nos levam a inferir que a percepção e o aprendizado foram alcançados pela ação dramática.

No processo vivido pelo grupo, e mais especificamente no compartilhar, nota-se mais uma vez, evidências de que a crença nos ideais cristãos e humanitários, traduzidos pela esperança, amor e ajuda ao próximo (este último constitui o objetivo comum do grupo), parece ser a força que sustenta os processos vinculares no grupo e estimula os membros na busca da resolução dos conflitos e do aprendizado.

Também Moreno quando falou de uma nova religião, com inspirações modificadas e técnicas melhoradas pela ciência, trouxe-nos aspectos importantes de suas ideias.

(...) Minha posição compreendia três aspectos: primeiro, a hipótese da espontaneidade-criatividade como força propulsora do progresso humano, desconsiderando a obediência resultante da coerção física ou legal, a hipótese do amor e da partilha mútua como princípio funcional poderoso e indispensável na vida de um grupo; e terceiro, a hipótese de uma comunidade superdinâmica baseada nestes princípios, que podem ser efetivados através de novas técnicas. (MORENO in CUKIER, 2002, p. 253)

Fleury (2008) nos diz que os autores Yalom e Leszcz assinalaram importantes mecanismos e fatores referentes também a aprendizagem, que atuam nos grupos. A manutenção da esperança, por exemplo, na preparação do grupo para as atividades, favorecendo o encarar as dificuldades que surgem, diante de uma experiência desconhecida.

Reitera Fleury (2008) que, segundo os mesmos autores, no processo de coesão, existe a predominância dos sentimentos de afeto e pertencimento, o que faz com que o grupo se envolva, trazendo maior adesão e exposição melhorando os resultados.

O terceiro encontro foi produtivo e o grupo estava motivado, no entanto, aconteceram falas de alguns membros (L,J,I,R) que remeteram a sentimentos como medo e frustração. Então, para o quarto encontro, a unidade funcional optou pela utilização da fábula “As Orelhas da lebre” como disparador.

Nessa ocasião, os objetivos da unidade funcional, consistiram em possibilitar a reflexão sobre as posturas assumidas diante das dificuldades, dos limites, frustrações e do medo; para tanto o aquecimento inespecífico (ou geral), se estendeu um pouco mais e foram trabalhados a respiração, os possíveis pontos de tensão corporal e a atenção sobre si mesmo.

“Os métodos de aquecimento são utilizados para estimular o corpo para atitudes e atuações espontâneas” (MORENO in CUKIER, 2002, p. 29).

A análise dos eventos mostrou a articulação dos aquecimentos com a ação dramática. Os membros foram criativos e espontâneos tanto nas elaborações de novos finais para a história, como na dramatização.

Com o novo final e o desempenho dos papéis (ainda que tenham sido papéis imaginários) na ação dramática, os membros tiveram a oportunidade de se reverem em suas histórias pessoais, em seus medos e limites. Além disso, a experiência lhes mostrou que mesmo diante das dificuldades, existe uma saída.

(...) De acordo com a hipótese da espontaneidade, presumimos que o aprendizado que se encontra ligado a estados altamente aquecidos, estabelece determinadas associações especiais. Conteúdos ligados a estados afetivos intensos, quando introduzidos na mente, voltam com mais facilidade se o indivíduo deparar-se com estado emocional similar. (MORENO in CUKIER, 2002, p. 27)

De maneira mais pronunciada, os membros demonstraram disponibilidade para ouvir o outro e defender seus pontos de vista sem julgamentos ou agressões.

Com a proximidade do quinto e “último” encontro (de acordo com o contrato estabelecido) a unidade funcional se preparava para, junto com o grupo, refletir sobre a caminhada. Esse era o objetivo, ou seja, retomar a caminhada desde o

primeiro encontro até aquele momento, refletindo sobre as contribuições dos encontros, e quais eram as expectativas para o futuro.

Esse encontro trouxe conteúdos importantes e reveladores, a serem considerados, desde o aquecimento geral (ou inespecífico), perpassando pela dramatização, compartilhamento até a avaliação. Por isso, é importante retomá-lo ainda que de maneira sintetizada. No aquecimento específico, quando os membros deram significados ao andar que representou o estado de cada um, no primeiro encontro (vide pag. 91), e se fossem atribuídos sentimentos a esses estados, concluiríamos que se trataram de sentimentos como: medo, ansiedade, frustração e impotência.

As duas cenas construídas mostraram o desempenho de papéis de agentes sociocomunitários que, a priori, estavam ensimesmados, tentando produzir individualmente, confusos e, depois, agentes que se relacionaram, que trocaram experiência e que produziram juntos em coconstrução, coparticipação.

O que podia ser percebido naquele momento, em relação ao grupo, referia-se à coesão. O grupo estava unido e falaram sobre a mudança, no compartilhar.

A proposta metodológica moreniana, para a abordagem do relacionamento bipessoal e grupal, é a investigação das características do inter-relacionamento entre os indivíduos envolvidos na situação, tal como está ocorrendo. Trata-se de averiguar a relação presente, as correntes afetivas tais como estão sendo transmitidas e captadas aqui e agora. (GONÇALVES et al, 1988, p. 55)

Com a terceira e última cena dramatizada, o grupo revelou a unidade funcional, o desejo de continuidade dos encontros e embasa o desejo na necessidade de suporte emocional, maior aprendizado para lidar com os dependentes em crise e maior aprimoramento do papel de agente sociocomunitário.

(...) Mas o indivíduo anseia por encarnar muitos papéis do que aqueles que lhe é permitido desempenhar na vida e, mesmo dentro do mesmo papel, uma ou mais variedades dele. Todo e qualquer indivíduo está cheio de diferentes papéis em que deseja estar ativo e que nele estão presentes em diferentes fase do desenvolvimento. É em virtude da pressão ativa que essas múltiplas unidades individuais exercem sobre o papel oficial manifesto que se produz amiúde um sentimento de ansiedade. (MORENO in CUKIER, 2002, p. 205)

Realizados os *feedbacks* (para o grupo e pároco) dos cinco encontros, a unidade funcional se preparou para uma nova fase com o grupo. Nesse sentido, o objetivo se assentou no levantamento de necessidades e expectativas do grupo.

Já no aquecimento, com os disparadores verbais, os membros trouxeram conteúdos significativos a respeito das expectativas para o futuro. As representações corporais mostravam o caminhar para frente mostrando a necessidade de desenvolvimento (três membros) e as mãos estendidas, pedindo suporte, ajuda, parceria (dois membros). Em duas cenas dramatizadas, pôde ser observada a ênfase no suporte emocional e no aprendizado, sociocomunitário. A cena de **R e L**, foi espontânea e criativa.

A espontaneidade é a capacidade de agir de modo “adequado” diante de situações novas, criando uma resposta inédita ou renovadora ou, ainda, transformadora de situações preestabelecidas. (GONÇALVES et al, 1988, p. 47)

De maneira geral, o grupo se mostrou disposto e engajado para uma nova fase de encontros. Consideramos um momento importante quando o grupo reivindica a dramatização da cena criada originalmente. Como se pode ver no sétimo encontro “Uma nova fase em construção” (pag. 96), faz-se a proposta do jogo dramático em que cenas imaginadas e expressas de diferentes formas, ao serem recriadas por outros, abriu o espaço para a solicitação de ser encenada por quem a criou. O grupo passa a fazer propostas denotando autonomia de seus membros no coletivo.

Se os jogos dramáticos trabalhados remeteram a um plano da sociodinâmica, abrindo a perspectiva de jogar papéis, a reivindicação que nos referimos acima evidencia a passagem para um campo de aprofundamento, que a sociatria tem no horizonte para a recriação dos papéis, em um recriar-se.

Embora o grupo mostre em seus gestos e atitudes que mudou, que cresceu e aprendeu, ele também está consciente de que há muito por fazer, que a caminhada continua.

VI. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Se, na dimensão relacional, vivemos situações de conflito, o que não poderia ser diferente, dada a diversidade de características individuais e culturais, é nessa dimensão que também encontramos a resolução dos problemas e aprendemos.

A primeira leitura feita pela unidade funcional sobre a realidade do grupo foi de uma crise instaurada. Na avaliação do processo vivido pelo grupo, a crise inicialmente constatada foi se diluindo dando lugar a evolução gradual da sociodinâmica e a uma nova postura do papel de agente sociocomunitário.

A abordagem Sociopsicodramática com seus métodos abriu as portas ao pequeno grupo trazendo a oportunidade de novas experiências e o partilhar de emoções.

À medida que os encontros aconteceram, os conflitos se revelaram por meio de julgamentos, ruídos na comunicação e impossibilidade para ouvir o outro. As queixas do grupo consistiram em: quebra das regras por atitudes inadequadas (agir por conta própria), medo de atender o dependente quando este chegava em crise e entendiam (alguns membros) que suas ações em prol dos dependentes deveriam ser mais amplas. Os membros se conhecem da comunidade que frequentam há anos e já atuaram com grupos em outras pastorais. Abraçaram a causa da pastoral da sobriedade por identificação e por estarem ligados direta (dependentes que se encontram em tratamento) ou indiretamente (histórico de família) com a dependência química. No entanto, notamos que a maioria dos membros se viu despreparados para dar suporte aos dependentes, decorrendo daí o medo, a ansiedade, o surgimento das ações isoladas, e a consequente quebra das regras, desestabilizando o grupo e acentuando as divergências. Era necessário o “despertar” para o outro. O isolamento não ajuda, não desenvolve e nem traz crescimento.

Para o criador do Psicodrama, o homem sozinho é uma impossibilidade; sempre há o homem e o outro, ou seja, para cada papel existe o “contrapapel”. A afetividade é um dos núcleos geradores dos vínculos e do desenvolvimento dos grupos. (MORENO in COSTA, 2008, p. 62)

À medida que as intervenções aconteceram, com o trabalhar da hetero percepção, dos valores, do papel de agente e as propostas de mudança, as distorções diminuíram e a comunicação fluiu.

Um grupo é unido quando nele existem elementos como comprometimento, objetivos comuns, crenças ou valores compartilhados, certa flexibilidade para lidar com situações difíceis e a observância de normas. Entendemos que no pequeno grupo de agentes comunitários da pastoral católica existam tais elementos.

No nosso entender, a crença nos ideais cristãos e humanitários, traduzidos pela esperança, amor e o objetivo compartilhado de ajuda ao próximo, constituem os fatores preponderantes que impulsionam o grupo para a mudança e o crescimento.

Finalizo, externando um profundo sentimento de gratidão pela realização deste trabalho em unidade funcional com a profissional da saúde mencionada e que com sua sensibilidade, muito contribuiu para esse encaminhamento. Foram momentos únicos e riquíssimos nos quais, nós como profissionais, pudemos experienciar a eficácia da pedagogia moreniana no conscientizar pessoas de suas dificuldades e no possibilitar o aprendizado de novas formas de agir, promovendo mudanças.

Pessoalmente, foi maravilhoso redescobrir com o grupo, que não estamos circunscritos a uma espécie de destino ou sina, *script* ou história, mas podemos reescrevê-los e mudá-los, em qualquer momento, ao longo do caminho.

VII.REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CECONELLO, J. ,CECATO,S.V. , FLORES,E.V.**Pastoral da Sobriedade: Consolidando a caminhada.** Curitiba, PR: Vitória Gráfica & Editora,2011.

CESARINO, A. C. **Brasil 70- Psicodrama antes e depois.** In: ALMEIDA, W.C (org.) **Grupos: A proposta do psicodrama.** São Paulo: Ágora, 1999.

CORTES, R.A. **A espontaneidade na socionomia: repertórios e componentes do conceito.** Tese (Mestrado em Psicologia Social). Programa de Estudos Pós Graduados em Psicologia Social, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2009.

COSTA, L.F. , CONCEIÇÃO, M.I.G. , **Conhecimento, Intersubjetividade e as Práticas Sociais.** In: MARRA, M.M. , FLEURY, H.J. (org) **Grupos Intervenção socioeducativa e método sociopsicodramático.** São Paulo: Summus. 2008.

CUKIER, R. **Palavras de Jacob Levy Moreno: vocabulário de citações do psicodrama, da psicoterapia de grupo, do sociodrama e da sociometria.** São Paulo: Ágora, 2002.

DURIC, Z. , VELIJKOVIC, J. , TOMIC, M. **Psicodrama em HQ: iniciação à teoria e a técnica.** São Paulo: Daimom, 2005.

FAVA, S.R.S. , MARINO, M.J. , WECHSLER, M.P.F. e outros. **Educação em co criação- perspectiva socipsicodramática.** In: FLEURY, H.J. , MARRA, M.M. (orgs) **Intervenções grupais na educação.** São Paulo: Ágora, 2005.

FEO, M.S. , **Psicodrama: uma leitura relacional das perturbações emocionais da criança.** In: RICOTTA, L.C.A. **Psicodrama nas Instituições.** São Paulo: Ágora, 1990.

FLEURY, H.J. **A dinâmica do grupo e suas leis.** In: ALMEIDA, W.C. (org.) **Grupos a proposta do psicodrama.** São Paulo: Ágora, 1999.

FLEURY, H.J. **A intervenção grupal socioeducativa de tempo limitado.** In: MARRA, M.M. , FLEURY, H.J. (org.) **Grupos intervenção socioeducativa e método sociopsicodramático.** São Paulo : Summus, 2008.

GOHN, M.G. **Educação não formal e o educador social: atuação no desenvolvimento de projetos sociais.** São Paulo: Cortez, 2010.

GONÇALVES, C.S. , WOLFF, J.R. , ALMEIDA, W.C. **Lições de Psicodrama.** São Paulo: Ágora, 1988.

MARINEAU, R.F. **Jacob Levy Moreno 1889-1974: Pai do psicodrama, da sociometria e da psicoterapia de grupo.** São Paulo: Ágora, 1992.

MORENO, J.L. **Psicodrama.** 3ª edição. São Paulo: Cultrix, 1984.

_____**Psicoterapia de Grupo e Psicodrama: introdução a teoria e a prática.** São Paulo: Mestre Jou, 1974.

_____**Quem sobreviverá? Fundamentos da Sociometria, da Psicoterapia de Grupo e do Sociodrama.** São Paulo: Daimom, 2008.

MONTEIRO, A.M. , MERENGUÉ, D. , BRITO, V. **Pesquisa Qualitativa e Psicodrama.** São Paulo: Ágora, 2006.

MONTEIRO, R.F. **Jogos dramáticos.** São Paulo: Ágora, 1994.

NAFFAH NETO, A. **Psicodramatizar : ensaios.** São Paulo: Ágora, 1980.

PERAZZO, S. **Psicodrama: o forro e o avesso.** São Paulo: Ágora, 2010.

ZAMPIERI, M.A.J. **Codependência: o transtorno e a intervenção em rede.** São Paulo: Ágora, 2004.

ARTIGO CIENTÍFICO:

KNOBEL, A.M.A.A.C. , **Em tempo presente: o coinconsciente.** In: 17º Congresso Brasileiro de Psicodrama. São Paulo: 2011.Disponível em: www.febrap.org.br/publicações/arquivo/15_496_revisado_2.doc

REVISTA:

KNOBEL, A.M.A.A.C. , **Estratégias de direção grupal**. São Paulo. Revista Brasileira de Psicodrama, vol. 4, fasc. I, 1996. Pg. 51-52.

TEXTO DE PAGINA WEB:

SOBRAL, S.A.V. , SILVEIRA, M.S. **Filhos no crack: sob o olhar de mães**. 2012. Disponível em: artigos.psicologado.com/psicopatologia/saúde-mental/filhos-no-crack-sob-o-olhar-de-maes . Acesso em: 20 de julho de 2012.

MICHAELIS, **Dicionário on line**. Disponível em : michaelis.uol.com.br . Acesso em 15 de agosto de 2012.

ANEXOS

ANEXO: 1

Termo de consentimento livre e esclarecido – TCLE

ANEXO: 2

Vivência dos 12 passos – Pastoral da Sobriedade da Igreja Católica.
Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB).

ANEXO: 1

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – TCLE

1. Você está sendo convidado para participar da pesquisa que tem como:
O grupo como agente de mudança e crescimento pessoal na perspectiva Sociopsicodramática.
2. A sua participação não é obrigatória e a qualquer momento você pode desistir de participar e retirar seu consentimento.
3. Sua recusa não trará nenhum prejuízo em sua relação com o pesquisador ou com a instituição.
4. Os objetivos deste estudo são: Explicitar como se dá a inter relação pessoa-grupo no trabalho sócio psicodramático, desenvolvido com agentes sócio comunitários. Estudar fenômenos inter relacionais que se dão no pequeno grupo social, à luz do Sócio Psicodrama. Compreender como o grupo aciona a mudança e o crescimento individual e contribuir com a produção sócio psicodramática, voltada para o trabalho de intervenções grupais na comunidade.
5. Sua participação nesta pesquisa consistirá em responder a uma entrevista.
6. As informações obtidas por meio desta pesquisa serão confidenciais e asseguramos o sigilo sobre sua participação.
7. Os dados não serão divulgados de forma a possibilitar sua identificação.
8. Você receberá uma cópia deste termo onde constam os dados do pesquisador, e seu orientador podendo tirar suas dúvidas sobre o projeto e sua participação, agora ou a qualquer momento.

Dados da Pesquisadora

Nome:
Assinatura:
Endereço:
Telefone:
E-mail :

Dados da Orientadora

Nome:
Assinatura:
Endereço:
Telefone:
E-mail:

Declaro que entendi os objetivos da minha participação na pesquisa e concordo em participar.

São Paulo, de de 2012.

Sujeito da pesquisa

ANEXO: 2

Vivência dos 12 passos – Pastoral da Sobriedade da Igreja Católica. Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB).

Só por hoje...

1º Admitir

Senhor, **admito** minha dependência dos vícios e pecados, e que sozinho, não posso vencê-los. Liberta-me !

2º Confiar

Senhor, confio em ti, ouve o meu clamor. Cura-me!

3º Entregar

Senhor, entrego minha vida, minhas..... Aceita-me !

4º Arrepende-se

Senhor, arrependido (a) de tudo o que fiz, quero voltar para a sua graça, para a casa do Pai. Acolhe-me !

5º Confessar

Senhor, confesso meus pecados, e publicamente, peço teu perdão e o perdão dos meus irmãos. Absolve-me !

6º Renascer

Senhor, renasço, no teu espírito, para a sobriedade. O homem velho passou, eis que sou uma criatura nova. Batiza-me !

7º Reparar

Senhor, reparo, financeira e moralmente a todos que, na minha dependência, eu prejudiquei. Ajuda-me a resgatar a minha dignidade e a confiança dos meus. Restaura-me !

8º Professar a fé

Senhor, professo que creio na Santíssima Trindade e peço a ajuda da igreja, com a interseção de todos os santos. Instrui-me na tua palavra !

9º Orar e vigiar

Senhor, orando e vigiando para não cair em tentação, seremos perseverantes nos teus ensinamentos. Dá-me a tua paz !

10º Servir

Senhor, servindo, a exemplo de Maria, nossa mãe e mãe de todos, queremos, gratuitamente, fazer dos excluídos os nossos preferidos, através da Pastoral da Sobriedade.

11º Celebrar

Senhor, celebrando a Eucaristia, em comunidade com os irmãos, teremos força e graça, para perseverarmos nesta caminhada. Alimenta-nos no corpo e sangue de Jesus !

12º Festejar

Senhor, festejando os 12 passos para a sobriedade cristã, irmanados com todos, na mesma esperança, por uma vida sem drogas, queremos partilhar e anunciar Jesus Cristo Redentor, pelo nosso testemunho.

Amém.

“Sobriedade e paz, só por hoje, graças a Deus !”